

O CORPO NOVAMENTE PROIBIDO

Um estudo sobre a possível contribuição da falta de neutralidade das grandes redes sociais para a (de)formação de literacias visuais a partir da supressão de determinadas representações gráficas do corpo humano.

SANTIAGO LUIZ GONÇALVES MOURÃO

orientador HEITOR ALVELOS
MESTRADO EM DESIGN DA IMAGEM . FBAUP . 2017

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os esforços que contribuíram para eu chegar ao fim desta investigação, e por ser impossível lembrar de todos e para evitar ser injusto com alguns, farei um cronograma retroativo dos que participaram diretamente dessa empreitada.

Stephania Cunha, obrigado pela normatização e formatação, certamente o resultado está melhor por causa da sua contribuição. Ariel Sudário, pelas transcrições das entrevistas. Caio Mourão pela revisão e pelo apoio moral, meu irmão querido. Carlos Fausto e Thiago Garcia pelas consultorias riquíssimas que certamente elevaram esta investigação a um outro nível, suas entrevistas foram fundamentais – realmente muitíssimo obrigado. Heitor Alvelos pela orientação, sabedoria e confiança – obrigadíssimo. Meus colegas de mestrado, turma do MDI 2015/16, em especial aos que me apoiaram nessa etapa final: Lucas Menezes, Patrícia Meireles e Tania Cunha. Aos professores do MDI e a toda a FBAUP. À minha família do Porto, a família de cá, os Giro Mil Grau, todos, incluindo os agregados. Luciana Bastos, por ser a pessoa que mais acreditou em mim e que possibilitou toda essa empreitada, que não foi fácil – serei eternamente grato. À minha outra família do lado de cá, Simão e Joana, e agora o Joãozinho também – vocês foram e são fundamentais para isso tudo acontecer. Agora já em territórios além-mar, onde é impossível nomear a todos, quero agradecer em especial aos meus amigos e colegas de luta por muitos anos pela Ilustrativa, em especial ao André Valente e ao Eduardo Belga. Bebel Abreu e Bruno Porto, que até já vieram me visitar. Aos meus companheiros do Sindicato. Aos Djizziz, Claiton Cunha, Chico Mozart e Ciro Marcondes. E muitos e muitos outros que fica impossível incluir todos. Mas é claro que não posso deixar de agradecer à minha família, meus pais e meus irmãos – a saudade é enorme, e o amor maior ainda.

Obrigado.

RESUMO

Em um momento de grandes transformações sociais motivada por um modelo de distribuição das comunicações em plataformas sociais online, a comunicação visual assume um protagonismo estratégico e se afirma como a língua da globalização.

Sustentada pela internet, essas redes privadas de interconexão de indivíduos e distribuição de conteúdos estão a revolucionar as relações sociais e de poder no mundo. Para tanto, diversas tecnologias e estratégias são desenvolvidas a fim de tornar os serviços mais eficientes e seguros. Entretanto, paradoxalmente, essas redes também estão a impactar negativamente na diversidade cultural do mundo a partir da aplicação de modelos ambíguos de gestão.

A partir do símbolo corpo confrontamos os critérios de gerenciamento de conteúdos gráficos no Facebook a fim de perceber os possíveis prejuízos sociais causados por suas práticas de gestão em suas comunidades, notadamente os conteúdos com nudez.

Para tanto, a partir de casos de estudo envolvendo tradições indígenas brasileiras com o protagonismo do corpo, analisamos de que modos a censura à nudez impacta na manutenção dessas tradições.

Palavras chaves: censura, comunicação visual, corpo, globalização, índios.

ABSTRACT

In a moment of great social transformations motivated by a model of distribution of communications in online social platforms, visual communication assumes a strategic role and affirms itself as the language of globalization.

Supported by the internet, these private networks of interrelationship of individuals and distributing content are revolutionizing social and power relations in the world. Thus, various technologies and strategies are being developed for the purpose of make services more efficient and secure. However, paradoxically, these networks are also negatively impacting the cultural diversity of the world through the application of ambiguous management models.

From the body as a symbol we confront the methods of graphic content management in Facebook in order to perceive the possible social damages caused by their controlling practices in their communities, especially the nudity content.

Therefore, from cases of study involving Brazilian indigenous traditions, in which has the body as protagonist, we analyze in what ways censorship to nudity impacts on the maintenance of these traditions.

Keywords: body, censorship, globalization, Indian, visual communication.

Nota introdutória, como forma de esclarecimento para a presente dissertação de mestrado. Utilizou-se como modelo para citar e referenciar a norma APA 6th e a NP405, adequando-as às especificações do texto. Assim, as normas não foram utilizadas nas suas integras, portanto, sofrendo tais alterações:

- Todas as citações foram colocadas dentro de aspas;
- Não foi utilizada a formatação de texto sugerida pelas normas;
- O corpo de texto também não apresenta as regras que a norma sugere;
- As figuras não seguem a formatação que a norma propõe;
- Procuramos referenciar a fonte das informações (tanto textual como imagéticas) com a maior precisão de informação possível, porém por se usar mídias muito recentes, nem sempre tínhamos todas as informações disponíveis para tal.

SUMÁRIO:

1 APRESENTAÇÃO	12
1.1 MOTIVAÇÕES	15
1.2 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO	21
1.3 METODOLOGIA	21
2 A COMUNICAÇÃO DIGITAL	25
2.1 ORIGENS	26
2.2 A GRANDE EXPANSÃO DA <i>WEB</i>	27
2.3 AS PROTORREDES	30
2.4 DOS NICKNAMES AOS PERFIS	31
2.5 A PERSISTÊNCIA DO ANONIMATO	35
2.5.1 A persistência do anonimato: <i>Reddit</i>	35
2.5.2 A persistência do anonimato: <i>4chan</i>	39
2.6 AS REDES SOCIAIS	43
2.7 <i>HASHTAGE NEWS FEED</i> , A ERA DO GERENCIAMENTO	46
3 CASOS DE ESTUDO	59
3.1 CASAL DE ÍNDIOS BOTOCUDOS	60
3.1.1 Casal de Índios Botocudos: segunda a Inteligência Artificial	66
3.2 AS HIPER MULHERES	72
4 O CORPO AMERÍNDIO, UM CORPO AINDA INCÔMODO	86
4.1 UM CONFLITO COLONIAL QUE PERDURA	86
4.1.2 Os Ameríndios	86
4.2 O DIREITO À TERRA E À MEMÓRIA	94
4.3 O CORPO AINDA IMPRÓPRIO	102
5 OUTROS TANTOS CORPOS MARGINALIZADOS	115
5.1 CASOS GLOBAIS	115
5.1.1 Casos Globais: Tetas x Tetas	116
5.1.2 Casos Globais: Menina do Napalm/Aftenposten	117
5.1.3 Casos Globais: as mulheres	124
5.1.4: Casos Globais: As mulheres a amamentar	129
5.1.5: Casos Globais: as mulheres a parir	132
5.2 O CORPO PERIGOSO	136
5.3 O CORPO E A NUVEM	142
5.4 O CORPO SUPER MEDIADO	149
6 CONCLUSÃO	162
7 REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	170
8 ANEXOS	185
9 APÊNDICES	189

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Retrato de Rogéria. GARRIDO, 199?.

Figura 2. Sem título. DIEHL, 2007.

Figura 3. Captura de tela com a identificação da censura aplicada pelo Instagram no dia 7 de setembro de 2017. MOURÃO, 2017.

Figura 4. Detalhe do livro *You Can Surf the Net!: Your Guide to the World of the Internet* (1996), de Marc Gascoigne. BUCKLEY, 2015.

Figura 5. Guia sobre a internet nos anos 90 a ensinar o uso dos emoticons. BUCKLEY, 2015.

Figura 6. Captura de tela. Estabeleça o seu negócio onde as pessoas passam o tempo: no Facebook. MOURÃO, 2017.

Figura 7. Captura de tela. *About do Reddit*. MOURÃO, 2017.

Figura 8. Captura de tela. *About do Reddit*. MOURÃO, 2017.

Figura 9. Captura de tela. Estatísticas de tráfego do *Reddit*. MOURÃO, 2017.

Figura 10: Captura de tela. Os principais websites de notícias de acordo com o Alexa. MOURÃO, 2017.

Figura 11: Captura de tela. Página inicial do *4chan*. MOURÃO, 2017.

Figura 12. Captura de tela. Sobre o perfil do público do *4chan*. MOURÃO, 2017.

Figura 13. Captura de tela. *Global digital snapshot: key statistical indicators for the world's internet, mobile, and social media users* (p.5). MOURÃO, 2017.

Figura 14. Captura de tela. *Data Collection: actions and behavior*. MOURÃO, 2017.

Figura 15. Captura de tela. *Active users of key global social platforms: based on the most recently published monthly active users accounts for each platforms, in millions* (p.46). MOURÃO, 2017.

Figura 16. Captura de tela. *Facebook usage analysis: a breakdown of Facebook's global users by device, frequency of use, and gender of user* (p.47). MOURÃO, 2017.

Figura 17. Captura de tela. Dia 26 de julho de 2017: o dia que o Facebook superou a marca de 2 bilhões de usuários. MOURÃO, 2017.

Figura 18: Montagem com fragmento da foto de Walter Garbe com o casal de Índios Botocudos e recorte de cena do filme *As Hiper Mulheres*, os casos desta investigação. MOURÃO, 2017.

Figura 19. Índios Botocudos: foto 04. Foto, em domínio público, é de autoria de GARBE, Walter (1909).

Figura 20. Capo de Botocudos. Art and Picture Collection, The New York Public Library. MIGLIAVACCA, 1823 - 1838.

Figura 21. Disfida de Botocudos. Art and Picture Collection, The New York Public Library. MIGLIAVACCA, 1823-1838.

Figura 22. Famille de Botocudos en marche. The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, The New York Public Library. DEBRET, 1834-1839.

Figura 23. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API. MOURÃO, 2017.

Figura 24. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Identificação facial. MOURÃO, 2017.

Figura 25. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Rotulação. MOURÃO, 2017.

Figura 26. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Web. MOURÃO, 2017.

Figura 27. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Properties. MOURÃO, 2017.

Figura 28. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search. MOURÃO, 2017.

Figura 29. Imagem de divulgação. Folha de São Paulo, 2013.

Figura 30. Captura de tela. Informativo de censura na página do filme *As Hiper Mulheres* no Facebook. MOURÃO, 2013.

Figura 31. Imagem de divulgação do filme *As Hiper Mulheres*. 2012.

Figura 32. Imagem de divulgação do filme *As Hiper Mulheres*. 2014.

Figura 33. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Identificação de faces. MOURÃO, 2017.

Figura 34. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Web Entities*. MOURÃO, 2017.

Figura 35. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Safe Search (As Hiper Mulheres)*. MOURÃO, 2017.

Figura 36. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Labels*. MOURÃO, 2017.

Figura 37. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Web (Foto 2)*. MOURÃO, 2017.

Figura 38. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Safe Search (Foto 2)*. MOURÃO, 2017.

Figura 39: IBGE. População indígena do Brasil. 2010.

Figura 40. Planisfério de Cantino. Biblioteca Estense, Modena, Itália. Autor não identificado, 1502.

Figura 41. Índios Panará em migração forçada para o Parque Indígena do Xingu. FUNAI, 1975.

Figura 42. Doodle em homenagem ao 56º aniversário do Parque Indígena do Xingu, em 17 de abril. Google, 2017.

Figura 43. Captura de tela. Google Maps a exibir a região correspondente ao Parque Indígena do Xingu. MOURÃO, 2017.

Figura 44. Membros da etnia Kamayurá apoiam a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, Autoria não identificada, 2017.

Figura 45. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel. O batel de Nicolau Coelho. Primeiras relações com os aborígenes. 1900.

Figura 46. Casal de nativos já catequizados. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. JULIÃO, 1740 - 1811.

Figura 47. Cabocle, (Indien Civilisé). Biblioteca Digital Luso-Brasileira. DEBRET & MOTTE, 1834.

Figura 48. Bogres, province de Ste Catherine. DEBRET, 1834.

Figura 49: Arquivo Sedoc (Serviço de Gestão Documental) da Funai em Brasília. VALENTE, sem data.

Figura 50: Arquivo Sedoc (Serviço de Gestão Documental) da Funai em Brasília. VALENTE, sem data.

Figura 51. Lia a dar banho em seu filho antes de seguir para ritual em outra aldeia. FAUSTO, 2006.

Figura 52. Jovens tiram fotos de mulheres a dançar. FAUSTO, 2006.

Figura 53. O xamã Tago vestido adequadamente para votar nas eleições brasileiras. FAUSTO, 2006.

Figura 54. Livre montagem a partir de frames do vídeo publicitário intitulado *Tetas x Tetas*, produzido pela DAVID The Agency para o Movimiento Ayuda Cáncer de Mama (MACMA), da Argentina. MOURÃO, 2016.

Figura 55. Captura de tela do artigo “*Mark Zuckerberg accused of abusing power after Facebook deletes 'napalm girl' post*”. MOURÃO, 2017.

Figura 56. Captura de tela do artigo “*Facebook Restores Iconic Vietnam War Photo It Censored for Nudity*”, MOURÃO, 2017.

Figura 57. Mensagem enviada pelo Facebook ao Aftenposten. 2016.

Figura 58. Espen Egil Hansen, editor-chefe e CEO do Aftenposten, sobre fotomontagem com a foto de Nick Ut. 2016.

Figura 59. Imagem retirada do Instagram da modelo britânica Cara Delevingne em apoio à campanha Free The Nipple. DELEVINGNE, 2014.

Figura 60. Captura de tela da página do Genderless Nipples no Instagram. MOURÃO, 2017.

Figura 61. Captura de tela das regras para participação no movimento Genderless Nipples. MOURÃO, 2017.

Figura 62. Imagem de divulgação do movimento Free the Nipple. 2017.

Figura 63. Captura de tela do Free The Nipple. MOURÃO, 2017.

Figura 64. Captura de tela do artigo “*Facebook removes mother's breastfeeding photo*”. MOURÃO, 2017.

Figura 65. Captura de tela de postagem no Twitter Griselda Siciliani. MOURÃO, 2017.

Figura 66. Captura de tela da página do “*Hey Facebook, breastfeeding is not obscene!*”. MOURÃO, 2017.

Figura 67. Captura de tela do artigo “*‘Amamentar não é obsceno’, mas o Facebook não gosta disso*”. MOURÃO, 2017.

Figura 68. Respect your mother. GALLO, 2015

Figura 69. Captura de tela do abaixo-assinado online “*Facebook, change your community standards to allow images of women giving birth!*”. MOURÃO, 2017.

Figura 70. Captura de tela do relatório “*UNFRIENDING CENSORSHIP: Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship*”, (p.7). MOURÃO, 2017.

Figura 71. Captura de tela do relatório “*UNFRIENDING CENSORSHIP: Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship*”, (p. 13). MOURÃO, 2017.

Figura 72. Captura de tela do artigo “*No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade*”. MOURÃO, 2017.

Figura 73. Captura de tela do serviço online Trendsmap. Visualização em tempo real das hashtags mais procuradas no Twitter às 19h40, em 1/09/2017, a sobre os territórios de Portugal e parte de Espanha. MOURÃO, 2017.

Figura 74. Captura de tela da página inicial do site oficial do Governo de Portugal. MOURÃO, 2017.

Figura 75. Captura de tela da conta de Donald Trump no Twitter. MOURÃO, 2017.

Figura 76. Captura de tela com detalhe do ambiente de configuração de conta no Twitter. MOURÃO, 2017.

Figura 77. Captura de tela do tuíte de Jacky Alciné, com a denúncia sobre o equívoco aplicada pelo algoritmo do Google Photos, em 28 de junho de 2015. MOURÃO, 2017.

Figura 78: Imagem de identificação da *chatbot* Tay.ai. Twitter, 2017.

Figura 79. Ilustração com a linguagem desenvolvida pelos robôs do Facebook que foram treinados para barganhar autonomamente entre si. Autoria não identificada, 2017.

1 APRESENTAÇÃO

A comunicação digital baseada na internet, através do constante desenvolvimento de novas tecnologias e dispositivos, está cada vez mais protagonizada por – conteúdos visuais, sejam fotos, desenhos, vídeos, gráficos, infográficos, ou multimídia. Fomentada pelas redes sociais, a comunicação visual é a linguagem do processo contemporâneo de globalização.

Essa nova arquitetura social que supera fronteiras, distâncias e línguas, também está a desafiar antigas estruturas de poder e organização social ao aproximar culturas até então distantes entre si e que agora coexistem através das redes sociais online.

A comunicação entre as diferentes partes do planeta nunca foi tão fácil e eficiente, principalmente pelos recursos inteligentes que além de facilitar o estabelecimento de conexões entre indivíduos, também aproxima, através de estratégias customizadas individualmente, conteúdos e temas com os quais os usuários possuem afinidade.

Todo esse ecossistema é resultado de décadas de colaboração entre diversos setores da sociedade do mundo todo, que desde os primórdios da internet investem recursos financeiros, científicos, conceituais, técnicos, logísticos, dentre diversas outras formas de cooperação para a construção desse complexo sistema colaborativo que é a internet, que comporta as redes sociais, as aplicações móveis e que comportará diversas outras soluções digitais a serem desenvolvidas.

A internet possibilitou diversas revoluções em diferentes níveis sociais, seja facilitando a educação à distância, a divulgação de trabalhos autorais para além das fronteiras nacionais, a aproximação, mesmo que virtual, de parentes

distanciados pelas migrações, acompanhamento em tempo real de manifestações políticas mundo afora, comunicação de serviços de utilidade pública, diminuição de burocracias ou mesmo como distribuidor de produtos de entretenimento. A *web* é um instrumento poderoso para as relações sociais contemporâneas, que possui em seus princípios fundantes a participatividade e inclusão para a construção de um mundo mais democrático e justo.

Esse esforço é reflexo de várias outras iniciativas supranacionais do pós-guerra, tal como demonstrado em tratados internacionais de cooperação através de instituições como ONU, OIT e UNESCO, que foram fundamentais para ampliar o diálogo em busca de estabelecer um mundo pacífico, pautado no respeito às diferenças, reconhecendo as diversidades como um fator fundamental para a paz.

No entanto, práticas restritivas de gerenciamento de conteúdos visuais aplicadas em redes sociais com grande influência global podem colocar em risco esse curso democrático.

A complexidade semântica da comunicação visual em contextos culturalmente diversificados, como nas comunidades das maiores redes sociais, junto com a necessidade de ampliar o engajamento dos usuários em suas plataformas a fim de atender interesses estratégicos, podem estar a construir um ambiente pouco democrático, onde, em nome da eficiência, algumas injustiças sociais estão a ser praticadas.

Sendo assim, é necessário discutir as práticas que organizam essas novas relações baseadas em literacias multimídia complexas que transcendem fronteiras geográficas e culturais.

Diferentemente da comunicação através das palavras, na comunicação por imagens não é possível normatizar padrões rígidos de relações entre significantes e significados, tal como fazem os dicionários.

Por mais que se tente construir convenções nas estruturas narrativas através das imagens e multimeios, não existe, ao menos até então, uma literacia visual que possa ser considerada universal. Nem mesmo a iconografia dos pictogramas estáticos consegue cumprir o papel comunicacional de possuir significados universais que superem as diferenças culturais, temporais e de contexto.

A fim de compreender se alguns instrumentos de globalização, aqui representados pelas redes sociais digitais, estão alinhados com as convenções e tratados internacionais, como a Convenção Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005), da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - (UNESCO), confrontamos as práticas de gerenciamento de conteúdos a partir do símbolo corpo, notadamente a nudez, em contextos etnográficos e cotidianos não eróticos.

Para tanto, a partir dos casos de estudo “Casal de Índios Botocudos” e do filme “As Hiper Mulheres”, ambos representantes de culturas e tradições indígenas do Brasil, e que tiveram suas imagens classificadas como impróprias para as comunidades do Facebook por seus conteúdos conterem nudez, analisamos as capacidades e diretrizes nas práticas de gerenciamento dessa plataforma a fim de compreender os possíveis prejuízos sociais causados pela imposição de um modelo moral sobre o símbolo corpo.

Além dos contextos etnográficos dos casos de estudo, realizou-se um breve panorama global de situações onde o símbolo corpo, a partir de contextos de nudez não erótica, também foi classificado como impróprio às comunidades do Facebook.

Diante um empreendimento social que atualmente conta com mais de 2 bilhões de membros e se apresenta como instrumento para a construção de uma comunidade global, é pertinente confrontar as práticas de gerenciamento de distribuição de conteúdos e comportamentos impostas pelo Facebook, a fim de compreender os possíveis impactos sociais por esse projeto de globalização.

1.1 MOTIVAÇÕES

A temática do corpo nas artes visuais e na comunicação acompanha o autor ao longo de sua carreira profissional e acadêmica.

Bacharel em Artes Plásticas pela Universidade de Brasília em 2006, defendeu a monografia intitulada “O Prazer e a Dor no Corpo”, juntamente com a exposição de coleção com 9 desenhos inspirados em fetiches sadomasoquistas, sob a orientação do Professor Doutor Sérgio Rizo Dutra.

Ao longo da graduação também iniciou sua carreira no circuito da produção cultural como bolsista no projeto experimental de arte e performance Tubo de Ensaios, da Diretoria de Esporte, Arte e Cultura (DEA/UnB), entre 2001 e 2004, sob a coordenação de Magno Assis. Esses projetos performáticos de grande porte, que somadas as edições Apocalipse de Performances 1 e 2 (2001), Gênesis (2002) e Êxodos de Performances (2004), englobam 71 núcleos de performances e um público superior a 12 mil pessoas¹. Esses projetos foram importantes para a compreensão da diversidade do uso do corpo como suporte de expressão.

Em 2007, enquanto chefe de montagens expositivas no Espaço Cultural da Câmara dos Deputados (câmara baixa do legislativo brasileiro), um caso

¹ Tubo de Ensaios. Disponível em: tubodeensaiosunb.blogspot.pt/2010.

emblemático em relação a censura à nudez foi a polêmica envolvendo a foto da travesti Rogéria, famosa atriz brasileira, que na manhã do dia 7 de novembro, antes da abertura da exposição ao público, o autor desta investigação foi incumbido de retirar a obra da exposição “Heróis”, do fotógrafo Luiz Garrido².



Figura 1. Retrato de Rogéria. GARRIDO, 199?.

Ao saberem da censura aplicada à fotografia, ainda antes da abertura oficial do evento ao público, os responsáveis pela exposição construíram uma cabine de isolamento para a obra, um dispositivo cenográfico que isolava a peça a fim de viabilizar a exposição, o que foi considerado como um recurso positivo pela Câmara dos Deputados. No entanto, os organizadores incluíram na cabine um comunicado que dizia “Por determinação da Câmara dos Deputados, esta cabine acolhe a fotografia de Rogéria, cuja exibição aberta ao público não foi permitida”.

² Para mais informações veja: Câmara cancela exposição com foto de Rogéria, disponível em: congressoemfoco.uol.com.br/noticias/camara-cancela-exposicao-com-foto-de-rogeria/ e CaCâmara censura nudez com cabine e aviso, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0811200711.htm>.

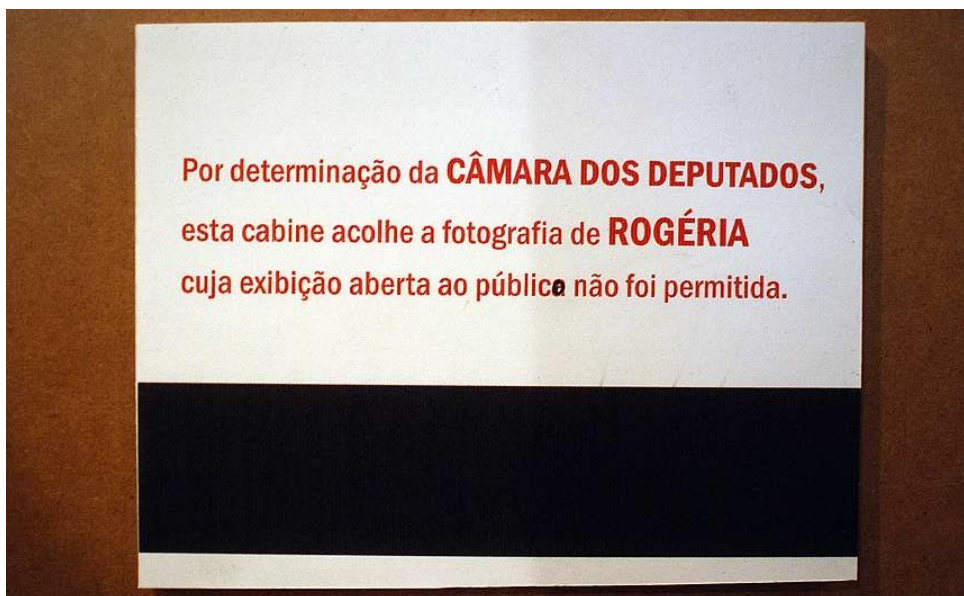


Figura 2. Sem título. DIEHL, 2007.

Após um dia, devido ao excesso de polêmica, toda a exposição foi cancelada.

Ser o operador da censura foi uma experiência marcante, ainda mais em um ambiente que deveria zelar pela democracia, pelo debate e a participatividade.

Como operador de censuras, foram poucas as situações praticadas por este investigador, sendo o caso da foto da Rogéria o mais emblemático. Mas como a parte censurada foram algumas as situações, principalmente nos meios digitais, desde plataformas como o Flickr, o Fotolog, o Facebook e o Instagram. A última restrição ocorreu em período de revisão desta investigação, o que permitiu incluí-la, tal como ilustrado pela imagem abaixo:



Figura 3. Captura de tela com a identificação da censura aplicada pelo Instagram no dia 7 de setembro de 2017. MOURÃO, 2017.

A imagem censurada era uma banda desenhada, do mesmo autor desta investigação, que questionava os princípios editoriais que norteiam os parâmetros de tolerância e intolerância em relação ao corpo através de um comparativo entre narrativas violentas que costumam ser toleradas nos veículos de mídia em contraste com as narrativas com nudez e sexo, que mesmo envolvendo contextos felizes e de prazer, são excluídas. Essa banda desenhada faz parte de um projeto intitulado “pode não pode”³.

Esse pequeno panorama histórico serviu para apontar a proximidade do autor às questões relativas ao corpo como expressão simbólica, bem como pelo controle sobre esse símbolo em ambientes sociais complexos.

Mas para encontrar uma questão de investigação adequada para dissertar sobre os possíveis impactos sociais promovidos pelas restrições ao corpo nas influentes plataformas digitais, ainda faltava uma referência contextual que viabilizasse a pesquisa.

³ Ver anexo I.

Inicialmente foi proposta uma investigação comparativa sobre os paradoxos entre as regras e as práticas das plataformas, que são intolerantes à nudez mas flexíveis com conteúdos violentos, mesmo os extremamente violentos e perturbadores. Nesse contexto, foi proposto o desenvolvimento de um projeto prático na internet, intitulado “gosto não gosto”⁴, baseado no projeto em banda desenhada citado anteriormente, onde um questionário imagético montado com conteúdos censurados por conter nudez e imagens violentas recolhidas nas plataformas digitais (que são toleradas pelas práticas dessas redes), seria apresentado aos usuários, que deveriam aprovar (gosto) ou reprovar (não gosto) a imagem. A partir dos resultados gerados, seriam realizadas as interpretações acerca das semânticas envolvidas nesses conteúdos visuais.

No entanto, durante os primeiros encontros de orientação foi decidido que o método comparativo não era adequado para contemplar as questões socialmente sensíveis que envolvem o contexto que há tanto sensibilizam o autor, como a imposição de valores culturais das culturas dominantes sobre nações e povos a partir dessas mesmas regras de comportamento que limitam o corpo. A essa altura foi percebida a possibilidade de se cruzar as práticas de censuras ao corpo com a imposição de modelos culturais a partir do mesmo instrumento: as regras de comportamento nas redes sociais.

Assim compreendemos que a comunicação visual, como a linguagem da globalização contemporânea⁵, pode estar a ser usada como instrumento de controle moral a partir da imposição deliberada de certos modelos culturais, ou mesmo a partir da exclusão de símbolos e valores que não se adequam ao modelo social a ser construído.

⁴ Ver anexo II.

⁵ Ideia retirada de Farhad Mangoo (2017) e Michael Lintner (2017).

A imposição cultural é uma das violências que deixa sequelas em povos que passaram por processos colonizatórios, como o que ocorreu com o Brasil, país de origem deste autor, o que provavelmente contribuiu para a associação do contexto de intolerância com a nudez nas redes sociais à intolerância dos colonizadores europeus aos corpos dos nativos americanos.

A partir dessa associação do corpo em contexto etnográfico com as práticas de controle sobre o símbolo corpo nas plataformas digitais, estabeleceu-se o contexto necessário para gerar novas possibilidades de investigação, sendo as matrizes conceituais que guiaram esta dissertação expostas a seguir:

Pode um critério de censura gráfica influenciar a diversidade cultural? Pode a censura à nudez prejudicar a manutenção histórica de tradições brasileiras?

Mesmo com o contexto (a censura a partir da comunicação visual e o possível prejuízo à diversidade cultural) e as sugestões de cenários (as redes sociais digitais e a cultura brasileira) relativamente estabelecidos, ainda era preciso definir os casos e as plataformas adequados ao andamento da investigação.

É interessante ressaltar que além da motivação afetiva por envolver questões históricas relacionadas às suas raízes culturais, o investigador também já possuía uma relativa proximidade com a causa indígena, como por ativismo através do site “infocultura.com.br”⁶, que ao lado de Susana Martelletti Grillo Guimarães⁷ e Alexandre Grillo Guimarães⁸, de 1998 a 2002, divulgaram e publicaram artigos e registros das questões e lutas indígenas, em um período simbolicamente relevante por envolver as festividades pelos 500 anos do descobrimento do Brasil.

⁶ Ver anexo III.

⁷ Especialista em educação escolar indígena.

⁸ Analista de suporte *web* e aplicações digitais.

Como também prestou serviços de ilustração para publicações especializadas em assuntos indígenas⁹.

A partir dessas abordagens contextuais foi possível trabalhar a questão de investigação e a metodologia a ser seguida.

1.2 QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO

A fim de compreender se as plataformas sociais digitais estão a colocar em risco os esforços democráticos das últimas décadas para a construção de um mundo pacífico baseado no respeito às diferenças, confrontamos o símbolo corpo em contexto etnográfico, notadamente conteúdos visuais com nudez de culturas indígenas brasileiras, às práticas de gerenciamento de conteúdo de plataformas sociais digitais com relevância global.

Para tanto, desenvolvemos a seguinte questão:

De que modos a censura à nudez nas redes sociais online impacta a manutenção histórica de tradições indígenas brasileiras, nomeadamente no que diz respeito ao protagonismo do corpo?

1.3 METODOLOGIA

Seguindo a narrativa apontada no subcapítulo “Motivações”, da modificação da primeira proposta de projeto para a dissertação em questão, era necessário encontrar os casos adequados que contemplem conteúdos indígenas que passaram pelos controles de gerenciamento das redes sociais por causa da

⁹ Ver anexo IV.

ocorrência de nudez. Além desse critério, também foi considerado a possibilidade de encontrar ao menos duas situações distintas: conteúdo histórico e conteúdo contemporâneo.

Outra questão fundamental era definir a rede social a ser analisada, o que provavelmente sofreria influência a partir dos casos etnográficos selecionados, bem como pela pesquisa de contexto de relevância para a investigação no âmbito da influência social e pelo uso da comunicação visual como linguagem em suas comunidades.

Desse modo, foi estabelecido que os casos seriam definidos a partir de denúncias e manifestações nos meios de comunicação online e nas redes sociais, observando-se a capacidade de documentação e referências que contribuíssem com o estudo, a fim de dar credibilidade científica aos casos selecionados.

Dentre os casos identificados, dois sobressaíram por contemplar qualidades relevantes à investigação: divulgação por grandes veículos de comunicação, atores influentes (acadêmicos ou personalidades públicas), referências documentais externas, bem como cumprir com os parâmetros relativos ao controle nas redes sociais por nudez. A seguir estão os casos selecionados:

- Caso 1: Casal de Índios Botocudos (Facebook, 2015)

No dia 16 de abril de 2015, a foto que mostra um casal de Índios Botocudos, datada de 1909, foi censurada da página oficial do Ministério da Cultura do Brasil no Facebook, devido a personagem feminina estar com os seios expostos. O fato ocorreu há 3 dias da comemoração do Dia do Índio (19 de Abril). Esse é o caso de estudo com contexto histórico.

-

- Caso 2: As Hiper Mulheres (Facebook, 2013)

A página oficial do filme documentário teve suas fotos censuradas pelo Facebook sob a alegação de violarem a declaração de direitos e responsabilidades por conter nudez. Para viabilizar a continuidade da divulgação na rede social, as fotos sofreram interferências com a inclusão de tarjas pretas sobre os seios e órgãos genitais das indígenas. Esse é o caso de estudo com contexto contemporâneo.

Ambos os casos foram identificados no Facebook, sem a identificação de restrições em outras plataformas.

Mesmo que ambos os casos identificados se concentrem em uma única plataforma, o Facebook, sem a identificação de regulação desses conteúdos por outras redes sociais, estabeleceu-se como fundamental a construção de um panorama histórico sobre a comunicação digital a fim de compreender a evolução dessas plataformas e seus mecanismos de gerenciamento de conteúdos, notadamente os visuais com ênfase em conteúdos com nudez.

A fim de compreender a complexidade simbólica sobre o corpo no contexto etnográfico pelos povos em questão, foi também definido a elaboração de um cenário contextual sobre a questão indígena e suas relações com o símbolo corpo. Para tanto, além da consulta a documentos e artigos específicos, também recorreremos a entrevistas com dois antropólogos especialistas em assuntos indígenas: Thiago Almeida Garcia, Doutor especialista em políticas públicas para comunidades e povos tradicionais e educação indígena; e Carlos Fausto, Professor Doutor em antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro, fotógrafo e documentarista, sendo, também, um dos diretores do filme As Hiper Mulheres, um dos casos de estudo desta investigação.

E, por fim, para ampliar a questão da complexidade e dos possíveis impactos sociais promovidos pelo gerenciamento de conteúdos nas redes sociais em uma perspectiva global, traçamos um breve cenário com casos onde a nudez não erótica também foi interpretada sob os parâmetros universais do Facebook.

2 A COMUNICAÇÃO DIGITAL

Este capítulo tem o propósito de situar historicamente o desenvolvimento dos serviços de comunicação digital, expor um panorama crítico das redes sociais digitais, bem como identificar questões sensíveis no campo do gerenciamento de conteúdos, notadamente aos conteúdos visuais com nudez. Entretanto, é necessário observar que esta investigação não visa aprofundar-se em definições técnicas, nem mesmo históricas, e sim compreender as transformações sociais e políticas dentro do cenário da governança da *web* a fim de identificar possíveis direcionamentos ideológicos nas plataformas sociais digitais.



Figura 4. Detalhe do livro *You Can Surf the Net!: Your Guide to the World of the Internet* (1996), de Marc Gascoigne. BUCKLEY, 2015.

2.1 ORIGENS

A Internet é um gigantesco sistema de ligação de redes descentralizadas de computadores, montados a partir de conjuntos de protocolos comuns (TCP/IP, por exemplo), com a finalidade de suportar diferentes plataformas tecnológicas, a fim de viabilizar a comunicação global através da transferência de dados digitais. Diferentemente da ARPANET, que foi sua antecessora em infraestrutura tecnológica mas de uso restrito aos militares e acadêmicos, a Internet é aberta publicamente.

Mas foi com o desenvolvimento dos conceitos e tecnologias WWW (*World Wide Web*, também conhecida apenas por *web*), implementados por Tim Berners-Lee e Robert Cailliau, no início dos anos 90, que se permitiu trocas de conteúdos em hipermídia baseados em navegadores gráficos (Mozilla Firefox, por exemplo) e tornou o uso da internet acessível aos usuários não especialistas ou entusiastas das linguagens de programação e conteúdos científicos.

De acordo com Adam Clark Estes (2015), no artigo *The Story of the First Photo on the Web*, para o Gizmodo, em um dia de 1992, de dentro das instalações do CERN (antigo acrônimo para *Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire*, e atualmente Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear) foi publicada a primeira fotografia na *web*: uma fotografia do grupo musical Les Horribles Cernettes, formado por funcionárias e esposas/namoradas de funcionários do CERN. Tim Berners-Lee queria uma imagem com conteúdo diferente do habitual da internet até então, que basicamente tratava de temas científicos (arquivos vetoriais simples, como gráficos e esquemas, por exemplo). Assim a imagem das Les Horribles Cernettes foi a primeira fotografia de fato na *web*, já em cores, no formato “.gif”¹⁰.

¹⁰ Sigla correspondente a *Graphics Interchange Format*, que é um formato de ficheiro para compactação de imagens em mapas de bits. Formato muito utilizado na *web*.

Desse modo observa-se que a *web* nasceu com potencial para a cultura e o entretenimento, ainda mesmo dentro dos laboratórios de seus desenvolvedores.

2.2 A GRANDE EXPANSÃO DA WEB

Desde a popularização da internet na segunda metade dos anos 90, a partir da expansão dos mercados de microcomputadores e da oferta dos serviços de conexão à *web* cada vez mais acessíveis em todo o mundo, os serviços digitais passaram por constantes evoluções, a fim de permitir que os usuários transcendessem a barreira tradicional dos veículos de comunicação de massas: a condição passiva de espectadores. Com o advento de serviços como os *blogs*, as salas de bate-papo e fóruns, e posteriormente as redes sociais, os usuários tornaram-se também produtores de conteúdos, o que representou uma revolução frente aos meios de comunicação contemporâneos. De acordo com Arielle Sumits (2015), em 2014 cada usuário trafegou mensalmente um volume médio de 15 Gigabyte de dados, o mesmo que todo o volume da internet em 1984. E parte desse fenômeno deu-se, para além das interconexões possibilitadas pelas complexas ligações das redes, também pela liberdade encontrada pelos usuários em depositar e compartilhar conteúdos de diversos formatos: ficheiros de textos, imagens, músicas e conteúdos multimédia. Diversas ferramentas, como o Napster¹¹ e o MySpace¹², permitiram que os usuários criassem redes de distribuição de conteúdos musicais em escala global, mesmo conteúdos com direitos comerciais privados, o que contribuiu para o fortalecimento dos debates

¹¹ O Napster foi um software de compartilhamento de ficheiros digitais de músicas em formato MP3 que revolucionou o modo de distribuição de músicas, através de um sistema de troca direta entre os usuários. No entanto, o seu modelo de negócios não respeitava os direitos de propriedade legal sobre os conteúdos compartilhados, sendo, portanto, extinto após batalhas judiciais.

¹² O MySpace é uma das primeira redes sociais, lançada em 2003, com características que alteraram ao longo do tempo, mas desde o início convergiu serviços e recursos de mídia e entretenimento em um modelo que privilegia o compartilhamento e a interação entre os membros da comunidade. Ainda em atividade.

acerca das regulações econômicas, e para a defesa das propriedades intelectuais, além do controle da segurança estratégica da rede.

Com o aprofundamento das regulações e controles da internet, bem como o aumento constante no número de usuários, e conseqüentemente o interesse econômico e estratégico na rede, por exemplo do setor publicitário e de entretenimento, os serviços digitais evoluíram suas estratégias, a fim de criar sistemas que melhorassem seus planos comerciais, protegendo-os ao máximo de leis regionais que dificultassem suas relações comerciais globais. Também potencializaram estratégias tecnológicas e de design, buscando a intensificação do engajamento dos usuários em suas plataformas. E como acontece em vários locais do mundo, a solução encontrada pelos grandes grupos econômicos foi a privatização da internet, ou seja, a criação de territórios onde seus interesses e estratégias pudessem ser aplicados com a maior eficácia possível, semelhantes a complexos *shopping centers*: as chamadas redes sociais.

Nos últimos anos a participação do setor privado tem aumentado substancialmente a sua presença nos debates sobre a governança da internet e os ecossistemas digitais, principalmente devido aos grandes investimentos e pelo aumento da influência global de grandes grupos empresariais, tal como a entrada do setor industrial tradicional, que tem investido vultosos recursos no desenvolvimento da chamada Internet das Coisas¹³. Além da entrada das indústrias tradicionais no cenário digital, um outro setor, este nativo dos meios digitais, passou a organizar poderosos lóbis¹⁴ que desestabilizam a balança da equidade de poderes entre os setores que compartilham o gerenciamento da *web*: os serviços de streaming, tal como o Netflix e serviços de transmissão multimídia como Skype, Whatsapp e Messenger, bem como as aplicações que oferecem transmissões em direto, como o Facebook, o Instagram e o Snapchat. Estes

¹³ É um conceito criado sobre a possibilidade de interligar e administrar objetos eletrônicos de utilidade cotidiana através da internet.

¹⁴ Grupos de pressão para defesa de interesses específicos.

serviços têm em comum a necessidade de transferência de grande volume de dados para viabilizar seus recursos, e, para tanto, são dependentes dos provedores de serviços de internet (ISPs). E é nesse novo cenário de interesses complexos que o conceito da neutralidade¹⁵, ou internet aberta, provavelmente sofrerá modificações, a fim de se ajustar às novas demandas, principalmente pelos vieses comerciais e econômicos.

Mesmo que as argumentações técnicas dos setores privados sejam legítimas, e justifiquem a construção de uma nova arquitetura e diretrizes regulatórias assimétricas, para viabilizar as novas tecnologias e serviços, é preciso que o controle político da web mantenha-se sob forças equilibradas e distribuídas pelos diferentes setores da sociedade a fim de evitar abusos de alguma(s) das partes.

¹⁵ Segundo o Parlamento Europeu, a neutralidade de rede é o princípio segundo o qual os fornecedores de serviços de Internet devem tratar de igual forma todo o conteúdo online, websites e plataformas sem, por exemplo, bloquear ou tornar mais lento o acesso a certos websites e serviços.

2.3 AS PROTORREDES¹⁶

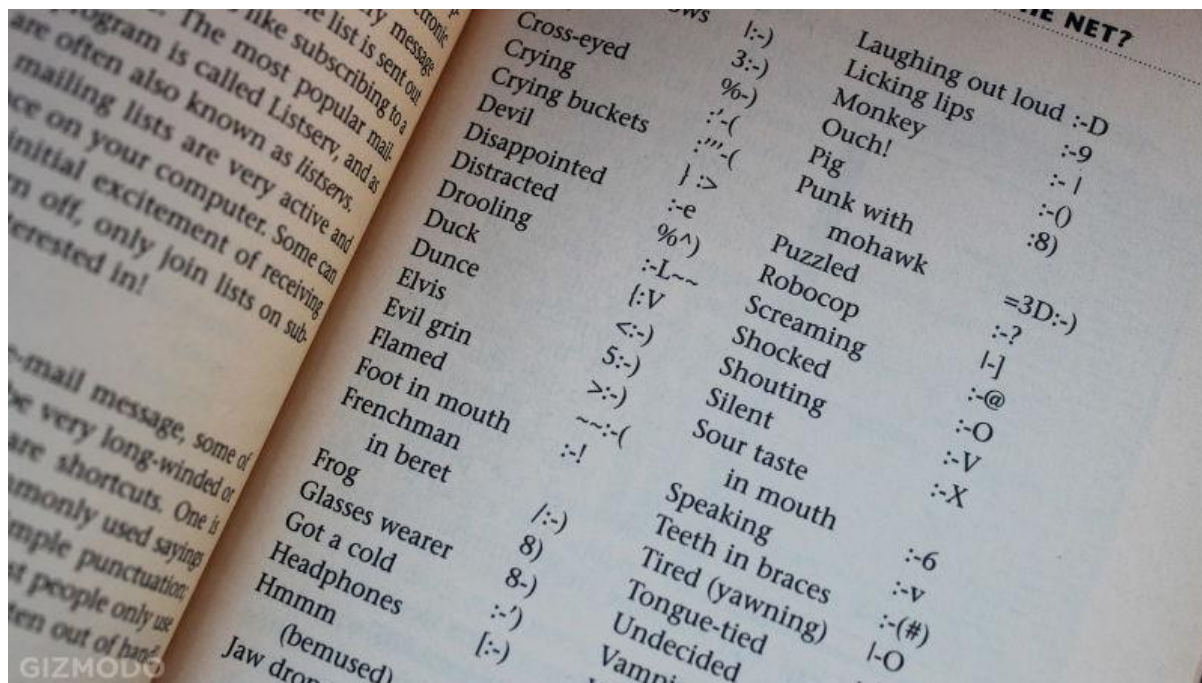


Figura 5. Guia sobre a internet nos anos 90 a ensinar o uso dos emoticons. BUCKLEY, 2015.

Mesmo antes das aplicações com design e tecnologias aprimoradas baseadas nos novos parâmetros *web*, com a navegação a partir dos navegadores gráficos, a internet já demonstrava um grande engajamento de usuários a partir de plataformas sociais digitais como os *Usenet (Unix User Network) Newsgroups*, desenvolvido nos Estados unidos em 1979, onde trocavam mensagens de texto, bem como os *IRC's (Internet Relay Chat)*, desenvolvido na Finlândia no fim dos anos 80, que era um protocolo de comunicação para conversação e trocas de arquivos. Essas plataformas eram auto reguladas e administradas por seus próprios usuários, baseadas em princípios colaborativos e grande liberdade, o que influenciou a *web*, tal como veremos no subcapítulo a seguir, com os casos

¹⁶ Livre definição para as plataformas sociais digitais que antecederam as redes sociais.

Reddit e *4chan*. Essas protorredes foram muito populares nos anos 90 e continuaram a influenciar diversas aplicações futuras.

2.4 DOS NICKNAMES AOS PERFIS

Tanto nas protorredes, *Usenet Newsgroups* ou nos *IRC's*, quanto nas populares salas de bate-papo (*chats*) e fóruns de discussões dos *web* portais, os usuários possuíam a liberdade de construir suas identidades digitais, salvaguardados pelo anonimato de suas identidades reais, em um ambiente que privilegiava a “experimentação, auto-reflexão e expansão de si” (BARBERINO, 2014), sem o receio de constrangimentos ou mesmo censuras no mundo real.

A garantia de anonimato para a construção de identidades fomentou a liberdade criativa e de opinião nas redes, possibilitando, por exemplo, que grupos sociais oprimidos, como a comunidade LGBT¹⁷, se organizassem com o objetivo de construir políticas sociais mais justas, ou pela busca do empoderamento individual a partir do ambiente social tolerante propiciado por esses espaços de intercâmbios culturais, seja por trocas diretas de mensagens entre os usuários, ou pelas trocas de produtos simbólicos através de ficheiros de músicas, filmes, livros, dentre outros.

Os sistemas de interação social entre desconhecidos e anônimos, com pouco controle dos conteúdos distribuídos, dificultam a aplicação de modelos econômicos lucrativos, e prejudica mercados de produtos simbólicos de propriedade privada. E para viabilizar a aplicação de modelos econômicos lucrativos, novos parâmetros de organização social *online* foram desenvolvidos - as redes sociais.

¹⁷ LGBT é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, com o intuito de promover a diversidade das culturas baseadas em identidade sexual e de gênero.

As definições e o resgate histórico das redes sociais serão abordados com mais profundidade ao longo do capítulo, cabendo aqui, por hora, o grande diferencial frente aos sistemas sociais digitais anteriores: a migração do usuário anônimo, identificado pelos *nicknames*¹⁸, às identidades reais, os perfis.

As redes sociais são como gigantescos complexos privados de entretenimento com serviços e produtos de alta qualidade ofertados gratuitamente, exigindo, em contrapartida, o controle de todos os dados ali inseridos por cada usuário. E como um dos interesses é o retorno financeiro, é necessário que os usuários sejam pessoas reais, consumidores e platéias que atendam aos mais diversos interesses econômicos do mercado, bem como o desenvolvimento de interfaces e modelos de negócios que estimulem o engajamento do setor privado, oferecendo-lhes soluções sem precedentes no mundo dos negócios não virtual, tais como: direcionamento de publicidade (localização, idade e gênero, idioma, interesses, comportamentos, conexões e públicos personalizados), controle de orçamento e programação do anúncio e métricas de desempenho e rastreamento do anúncio (em tempo real)¹⁹, oportunidades para comercializar e anunciar dentro das plataformas. Tudo isso em escala global e com o desenvolvimento contínuo de novas tecnologias e ferramentas para aumentar a eficiência e expandir o alcance de seus públicos e parceiros.

¹⁸ *Nicknames* são alcunhas informais para identificar indivíduos.

¹⁹ Retirado do Guia de publicidade digital do Facebook.

PÁGINAS DO FACEBOOK

Estabeleça o seu negócio onde as pessoas passam o tempo: no Facebook

Crie uma Página de negócios no Facebook e estabeleça uma central para dispositivos móveis para ser descoberto e conectar-se com as pessoas. Com a Página comercial do Facebook, você poderá comunicar-se diretamente com os clientes, ajudá-los a saber mais sobre sua empresa, oferecer atendimento ao cliente e contar histórias visuais.

Figura 6. Captura de tela. Estabeleça o seu negócio onde as pessoas passam o tempo: no Facebook. MOURÃO, 2017.

A importância da identidade real é estrategicamente importante para os negócios digitais, pois além de contribuir para a criação de métricas precisas de marketing e estratégias comerciais complexas e eficientes, também trazem segurança para as relações comerciais e de comportamento dentro das comunidades. Assim sendo, vejamos as exigências do Facebook (2015) em relação às informações pessoais para a criação do perfil na plataforma:

“4. Registro e segurança da conta

Os usuários do Facebook fornecem seus nomes e informações reais, e precisamos da sua ajuda para que isso continue assim. Veja a seguir alguns compromissos que você firma conosco em relação ao registro e à manutenção da segurança de sua conta.

1. Você não fornecerá qualquer informação pessoal falsa no Facebook, nem criará uma conta para qualquer outra pessoa além de você sem permissão.
2. Você não criará mais de uma conta pessoal.

3. Se desativarmos sua conta, você não deverá criar outra sem nossa permissão.
4. Você não usará sua linha do tempo pessoal para seu próprio ganho comercial. Para tais fins, use as Páginas do Facebook.
5. Você não usará o Facebook se for menor de 13 anos.”

O impacto desse novo modelo econômico foi bem ilustrado pelas palavras de Dennis Kirwan no artigo *It's No Longer Internet Marketing Without Social Media*, para a Forbes Agency Council (2017):

“In many ways, social media platforms like Facebook and Twitter hit the online marketing industry like an asteroid slamming into Earth; they kicked up so much dust that it left everyone temporarily blinded and confused as to what to do next.”

O aparente foco econômico pode ser sentido mesmo quando analisadas outras seções contratuais, como a referente à segurança do Facebook (2015), onde os três primeiros itens abordam questões com impactos econômicos:

“3. Segurança

Fazemos todo o possível para manter o Facebook seguro, mas não podemos garantir isso. Precisamos da sua ajuda para manter o Facebook seguro, o que inclui os seguintes compromissos de sua parte:

1. você não publicará comunicações comerciais não autorizadas (como spam) no Facebook.
2. você não coletará conteúdos ou informações de usuários, ou acessará o Facebook, usando meios automatizados (como bots de coleta, robôs, spiders ou scrapers) sem nossa permissão prévia.

3. você não fará parte de marketing multinível ilegal, como um esquema de pirâmide, no Facebook.”

Os perfis substituíram os *nicknames* disfarçados de estratégias de segurança e de facilidade para a identificação entre os usuários, mas são muitos os sintomas que sugerem que as estratégias de design e de governança objetivam o êxito econômico com foco no usuário real, tornando-os consumidores e público alvo de estratégias comerciais, em detrimento da liberdade criativa e de opinião.

Entretanto, é preciso reconhecer que ainda existem grandes plataformas sociais que se baseiam na liberdade e no anonimato como estratégia de incentivo à criatividade e ao direito pelo anonimato nas redes digitais, como são os casos das plataformas *Reddit* e *4chan*.

2.5 A PERSISTÊNCIA DO ANONIMATO

2.5.1 A persistência do anonimato: *Reddit*

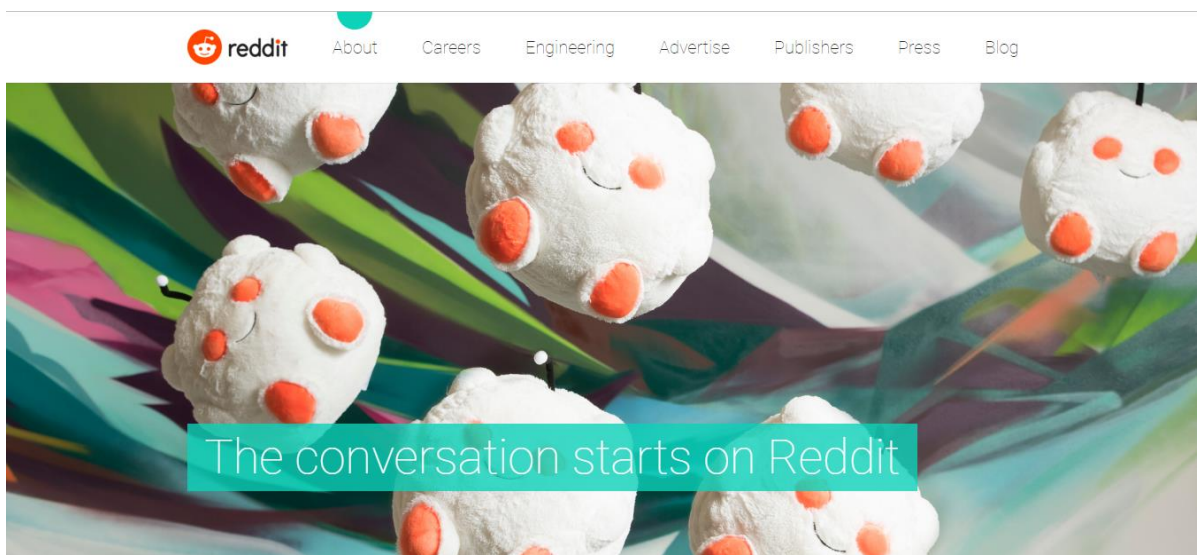


Figura 7. Captura de tela. *About do Reddit*. MOURÃO, 2017.

O *Reddit* serve de painel de tendências do que se está a passar na internet. Seu funcionamento se baseia na ordenação da relevância dos conteúdos disponíveis na *web*, através de votações (*upvotes* ou *downvotes*) em conteúdos da *web* compartilhados em seus fóruns segmentados por categorias e subcategorias. Além disso permite a livre interação através dos espaços de discussão, tudo anonimamente (salvo quando o próprio usuário optar por identificar-se com sua identidade real por livre vontade).

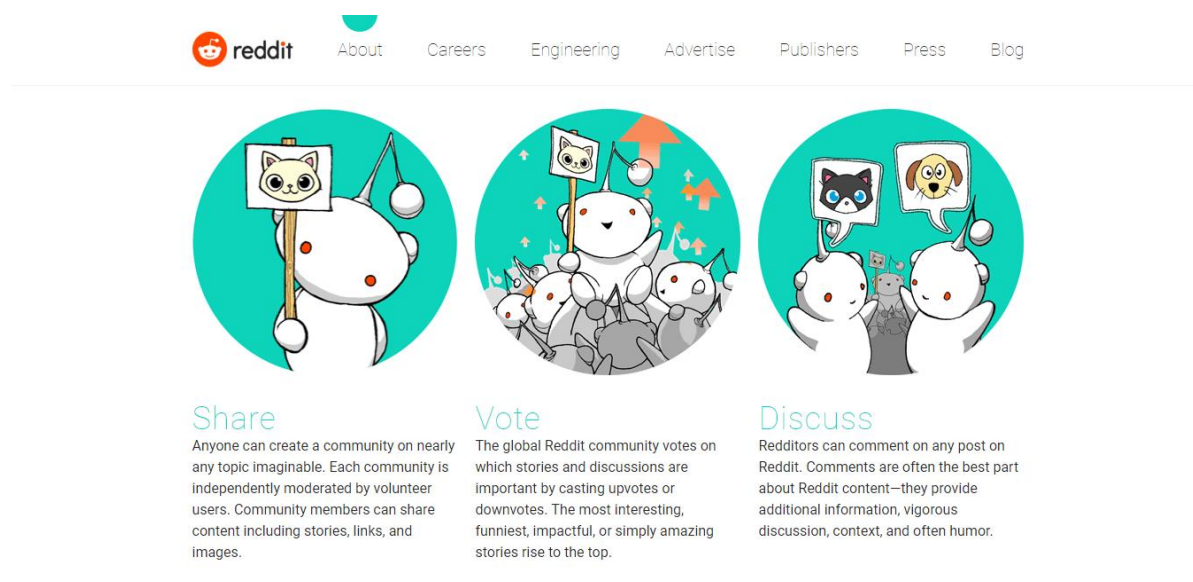


Figura 8. Captura de tela. *About do Reddit*. MOURÃO, 2017.

Assim, como é citado na parte *About do Reddit* (2017):

“At Reddit, we have a few simple values that help us stay true to our mission.

Remember the human

Our actions affect real people and communities, so do the right thing—even when it’s difficult.

Evolve

Move forward and grow together. Be optimistic about our future. Know that change is necessary for us to progress.

What would Snoo²⁰ do?

Snoo isn't an asshole. Snoo likes to enjoy a good time. Snoo is humble. Snoo is kind. Snoo has high integrity. Snoo delivers."

De acordo com a nota oficial disponibilizada para a imprensa em seu site, no dia 1º de junho de 2017, o *Reddit* é o 7º maior *website* dos Estados Unidos, com milhões de usuários de todo o mundo. No entanto, de acordo com as informações disponibilizadas pelo *Alexa*²¹, o reddit é o 4º maior *website* dos Estados Unidos, e o 8º do mundo, tendo um enorme crescimento de público no primeiro semestre de 2017.

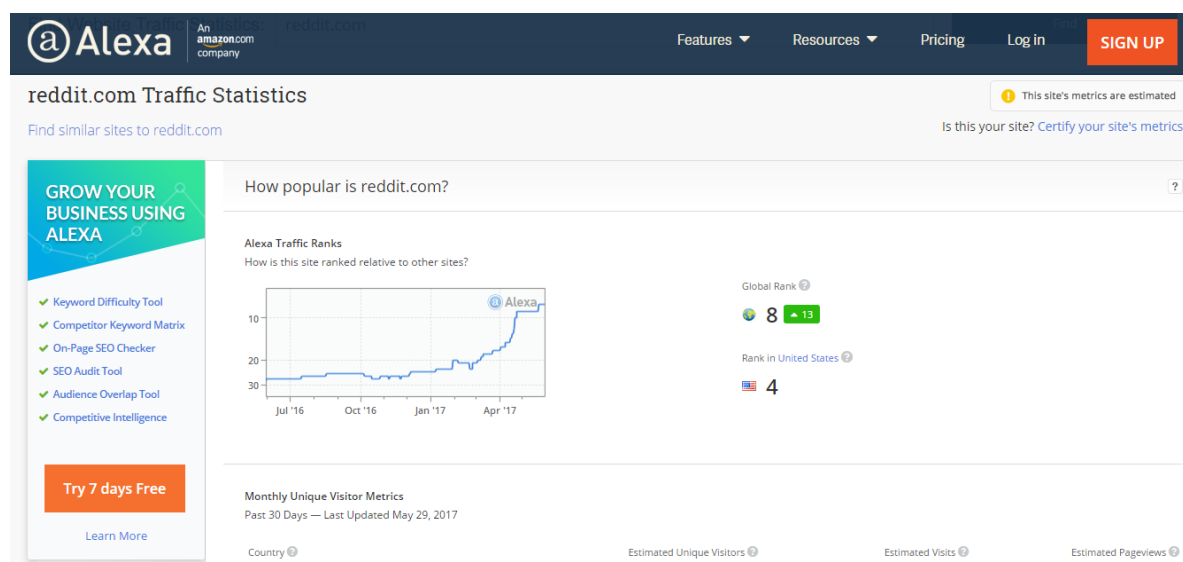
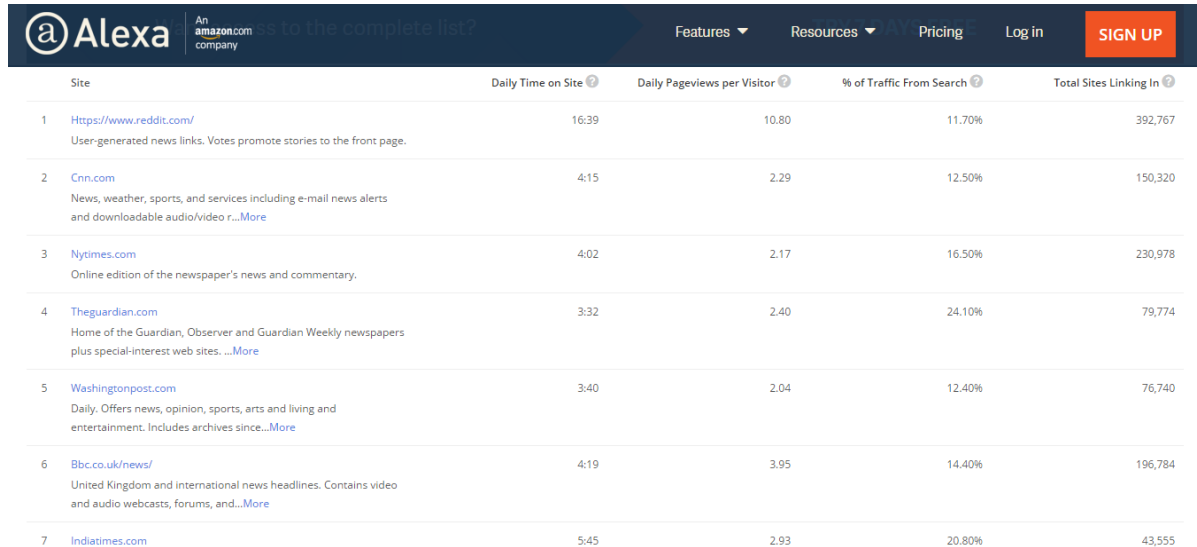


Figura 9. Captura de tela. Estatísticas de tráfego do *Reddit*. MOURÃO, 2017.

²⁰ Snoo é o personagem e logo do *Reddit*, muito utilizado em toda a comunicação da plataforma.

²¹ Serviço de medição de audiência na internet, pertencente à Amazon.com.

É interessante observar que na relação dos maiores *websites* na categoria de notícias pelo *Alexa*, o *Reddit* aparece em 1º lugar, à frente de grandes veículos de comunicação como a *Cnn.com* e *Nytimes.com*, que fecham o Top 3, tal como ilustrado na imagem abaixo:



Site	Daily Time on Site	Daily Pageviews per Visitor	% of Traffic From Search	Total Sites Linking In
1 https://www.reddit.com/ User-generated news links. Votes promote stories to the front page.	16:39	10.80	11.70%	392,767
2 Cnn.com News, weather, sports, and services including e-mail news alerts and downloadable audio/video r... More	4:15	2.29	12.50%	150,320
3 Nytimes.com Online edition of the newspaper's news and commentary.	4:02	2.17	16.50%	230,978
4 Theguardian.com Home of the Guardian, Observer and Guardian Weekly newspapers plus special-interest web sites. ... More	3:32	2.40	24.10%	79,774
5 Washingtonpost.com Daily. Offers news, opinion, sports, arts and living and entertainment. Includes archives since... More	3:40	2.04	12.40%	76,740
6 Bbc.co.uk/news/ United Kingdom and international news headlines. Contains video and audio webcasts, forums, and... More	4:19	3.95	14.40%	196,784
7 Indiatimes.com	5:45	2.93	20.80%	43,555

Figura 10: Captura de tela. Os principais websites de notícias de acordo com o *Alexa*. MOURÃO, 2017.

Em tempos aonde os debates acalorados acabam por colocar amigos e parentes em situações de constrangimento, as plataformas anônimas de compartilhamento e debates de conteúdos online mostram-se como boas alternativas às redes que exigem a identificação com perfis reais autênticos. A possibilidade de concentrar a discussão no conteúdo, e não nos usuários pode favorecer um cenário de debate livre de julgamento moral e/ou político/ideológico contra o indivíduo, diminuindo o risco de perseguições e condenações que podem chegar a níveis críticos de violência, moral e física, no mundo real. Assim o anonimato pode favorecer a liberdade de ideias, servindo como uma estratégia de segurança para a liberdade de expressão.

No caso específico do *Reddit*, além do recurso do anonimato, outro artifício que favorece o debate é a organização dos conteúdos de acordo com a credibilidade resultante das votações nos fóruns pelos membros da plataforma. Isso serve como um mecanismo de autorregulação democrática, com suas vantagens e desvantagens. O *Reddit* afirma que o anonimato, a autorregulação, o espaço social entre desconhecidos e um ambiente com pouca vigilância pode ser positivo para a diversidade cultural, mesmo que esses sistemas tenham efeitos colaterais, como usuários que insistem em se utilizar do anonimato para compartilhar conteúdos socialmente sensíveis, como conteúdos extremos em violência, bullying, pornografia de vingança (*revenge porn*), dentre outras possibilidades.

2.5.2 A persistência do anonimato: 4chan

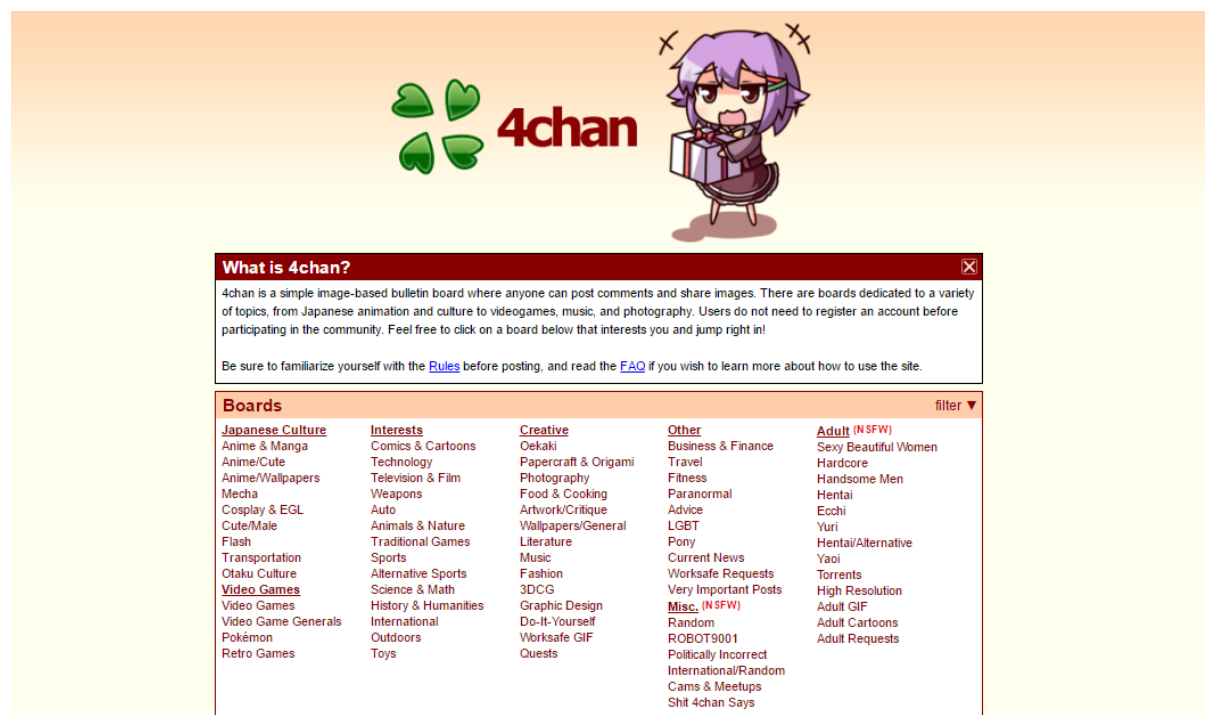


Figura 11: Captura de tela. Página inicial do 4chan. MOURÃO, 2017.

De acordo com Felipe van Deursen (2011), no artigo *Por trás da rede antissocial: 4chan* para a revista Super Interessante:

“Eles arrombaram o e-mail de Sarah Palin. Transformaram fotos de gatinhos num negócio milionário. Encontraram gente que se escondia da polícia no outro lado do mundo. Derrubaram sites da indústria fonográfica. Ressuscitaram a fama de um cantor dos anos 80. Encheram o YouTube de pornografia. Desafiaram a cientologia – e nocautearam os inimigos do Wikileaks. Eles são os membros do fórum americano 4chan (4chan.org), que é uma espécie de rede antissocial: onde é possível interagir com outras pessoas sem nunca se identificar, à vontade para fazer qualquer coisa.”

Criado em 2003 por Christopher Poole, conhecido na rede por “moot”, o 4chan é o maior *imageboard*²² dos Estados Unidos e um dos sites mais influentes da *web*, sendo responsável por grande parte da cultura dos memes virtuais. O 4chan começou como um canal para discussão e troca de informações sobre mangás²³, mas seu uso extrapolou suas aspirações iniciais, e se tornou um dos maiores *websites* de subversão da internet, com artigos de temas variados e em constante transformação. Na sua página inicial em 2017, se acha o seguinte texto:

“Users do not need to register an account before participating in the community. Feel free to click on a board below that interests you and jump right in!”

O 4chan é considerado um dos *websites* mais livres da internet, onde seus usuários podem compartilhar praticamente tudo, desde conteúdos relacionados à

²² *Webforums* baseados em imagens, textos e links, diferentemente dos fóruns convencionais que se baseiam apenas em textos e links. Os *imageboards* também são conhecidos por “chan”, abreviatura de “channel”, canal em inglês.

²³ Designação para banda desenhada (BD) japonesa ou ao estilo gráfico/narrativo das BD’s japonesas.

banda desenhada, passando por conteúdos de entretenimento e humor, até aos considerados grotescos e ofensivos. E é justamente no excesso de liberdade onde reside a maior parte das críticas em relação aos usuários anônimos do *4chan*, pois chegam a incitar campanhas de ódio e perseguição, ou mesmo a exposição de informações privadas não autorizadas (imagens e dados pessoais) que acabam por gerar problemas sociais graves.

Parte considerável dos usuários do *4chan* é defensora do ciberativismo, que consiste em elaborar campanhas de *trollagem*²⁴ e subversão de informações disponíveis na *web*, seja através da propagação massiva de informações de protesto ou mesmo através de hacktivismo: invasão de servidores e emails com o intuito de conscientizar ou prejudicar instituições e indivíduos considerados prejudiciais à liberdade e aos princípios compartilhados pelos anônimos. Acredita-se que o movimento *Anonymous* originou-se nos fóruns do *4chan*, sendo a parte mais política e social dos protestos gerados na plataforma.

O *4chan* possui um caráter organizacional baseado no anonimato e na liberdade, e também na ironia. Essa característica irônica é facilmente identificada quando se compara suas regras com as práticas dos usuários. O segundo item das regras de utilização diz que a plataforma não é permitida para usuários com menos de 18 anos, mas por não exigirem um cadastro para poder participar dos fóruns, como é possível saber a idade do usuário anônimo na plataforma? A resposta é simples: não é possível. E ao cruzar os dados disponíveis através do sistema de estatísticas *online Alexa*, é possível inferir que a maior parte dos usuários do *4chan* é formada por jovens ainda em idade escolar.

²⁴ *Trollar* é uma gíria portuguesa do original *troll*, em inglês, sobre o ato de incomodar os outros ou desestabilizar moralmente os debates *online*.

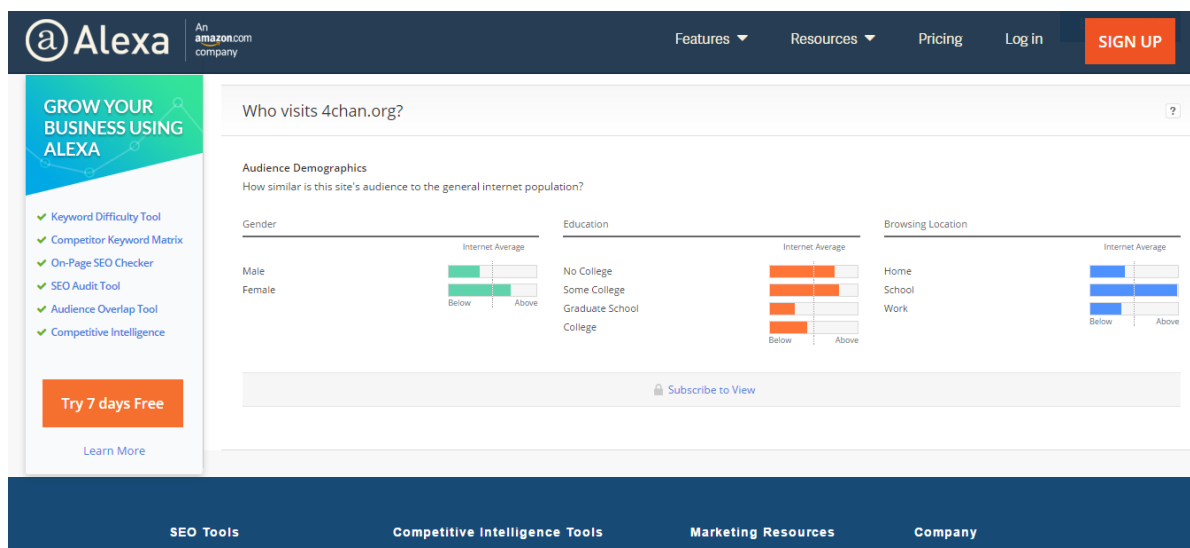


Figura 12. Captura de tela. Sobre o perfil do público do 4chan. MOURÃO, 2017.

Entretanto, é importante considerar que esses dados não são precisos e que essas informações podem ser resultado de manipulação deliberada por parte dos próprios usuários do 4chan, visto que o ciberativismo e hacktivismo são parte de suas rotinas e objetivos. E isso pode ser mais um exemplo do espírito irônico que permeia essa rede.

São vários os indícios de ironia e sintomas de comportamentos subversivos dentro do 4chan, mas para esta investigação não cabe o aprofundamento em análises sobre sua rotina específica, mesmo porque sua estrutura baseada no anonimato e no incentivo à liberdade de expressão não coloca em risco a diversidade cultural, nem mesmo incita a exclusão de minorias ou a repressão às representações do corpo, objeto principal desta dissertação. No entanto, é preciso reconhecer que o excesso de liberdade desta plataforma pode gerar problemas sociais reais, tal como bullying, constrangimentos por exposição de dados pessoais não autorizados de terceiros etc.

Outro fator a ser considerado ao se falar dessas duas grandes plataformas sociais é o fato de seus conteúdos textuais serem majoritariamente em inglês, o que

indiretamente, mesmo que este não seja um objetivo deliberado, acaba por dificultar o engajamento de usuários de culturas baseadas em outras línguas. Entretanto, também é preciso considerar que a cultura dos memes, baseadas principalmente na comunicação visual, constitui um fenômeno de comunicação além de fronteiras físicas e linguísticas.

2.6 AS REDES SOCIAIS



Figura 13. Captura de tela. *Global digital snapshot: key statistical indicators for the world's internet, mobile, and social media users* (p.5). MOURÃO, 2017.

No início dos anos 2000 novos serviços digitais começaram a se popularizar entre usuários de todo o mundo, pela facilidade em criar redes de contatos, encontrar e agregar amigos e familiares, bem como pela simplicidade em compartilhar conteúdos nessas redes personalizáveis. Esses sistemas não oferecem conteúdos próprios, mas disponibilizam ferramentas para que os usuários gerem e/ou compartilhem conteúdos, próprios ou de terceiros. Dentre as mais notáveis

pioneiras estão o *Friendster* e o *MySpace*, ambos com interfaces que privilegiavam a criação de redes de amigos e o compartilhamento de mensagens e conteúdos entre seus próximos, servindo como agregadores sociais e zonas de entretenimento.

Nesse primeiro período das redes sociais, os dispositivos digitais para geração de conteúdos multimídia ainda não estavam difundidos ao público em geral, o que tornava a criação de conteúdos mais restrita ao campo dos textos e compartilhamentos de conteúdos já disponíveis na *web*, ou a mistura das duas coisas, como é o caso da cultura dos memes na internet, onde se aproveita uma imagem, animações ou vídeos, e acrescenta-se um texto, ou uma interferência gráfica, criando um novo significado à mensagem, geralmente com objetivo humorístico. Parte da cultura do meme consiste na viralização²⁵ desses conteúdos, seja organicamente ou com a interferência de ferramentas privadas de publicidade.

Posteriormente, com a popularização de dispositivos digitais para geração de conteúdos multimídia cada vez acessíveis, principalmente com a revolução gerada pelos *smartphones* a partir de 2007, com o *Iphone*, da Apple, e em 2008 com o desenvolvimento do sistema Android pela Google, que integraram as tecnologias de geração de conteúdo à conectividade móvel, as redes sociais puderam evoluir seus serviços a fim de permitir conteúdos cada vez mais complexos, baseados principalmente em conteúdos gráficos ou multimídia.

A popularização dos *smartphones* e dos serviços de conexões móveis foram responsáveis por uma nova revolução na comunicação digital, não apenas pela mobilidade e o aumento do número de indivíduos conectados mundo afora, mas também pela aproximação das plataformas digitais aos seus usuários, que agora

²⁵ Termo comumente usado na internet que se refere à capacidade de propagação rápida de um conteúdo digital, uma analogia com os vírus em epidemias.

possuem padrões de comportamento mais íntimos e complexos com seus dispositivos pessoais, diferentemente de estações de trabalho fixas, como os *desktops* ou mesmo os *notebooks*, que muitas vezes são compartilhados por diferentes usuários. O *smartphone* é a extensão digital da identidade do usuário, e essa tecnologia expõe enormes quantidades de informações estratégicas às plataformas, como mapeamento de localizações geográficas, histórico de uso das ferramentas, acesso aos contatos da agenda, conteúdos gerados pelo dispositivo como fotografias e vídeos, dentre muitas outras interações, muitas vezes sem o consentimento dos usuários.

Diferentemente das autenticações a partir de *logins* e *password* nas páginas das plataformas através das estações de trabalho fixas como os *desktops*, os atuais dispositivos nativamente portáteis e conectados às redes móveis de telecomunicações (os *mobiles*: *smartphones* e *tablets*), apresentam níveis mais refinados de controle de autenticação e vigilância dos usuários através de métodos de confirmação de autenticidade que vinculam *hardware* (o dispositivo em si, bem como o *chip* das ISPs), *software* e dados de autenticação (tanto a autenticação na rede social, quanto o contrato com as ISPs) em níveis mais profundos, permitindo uma eficiência inédita em acumulação e gerenciamento de dados individuais, seja em complexidade, como em volume²⁶. Assim iniciou-se a era das hiper personalizações e do *Big Data*²⁷.

²⁶ Dados retirados de Olga Kuznetsova, 2016.

²⁷ Imensas bases de dados digitais em contínuo crescimento.

2.7 HASHTAGE NEWS FEED, A ERA DO GERENCIAMENTO

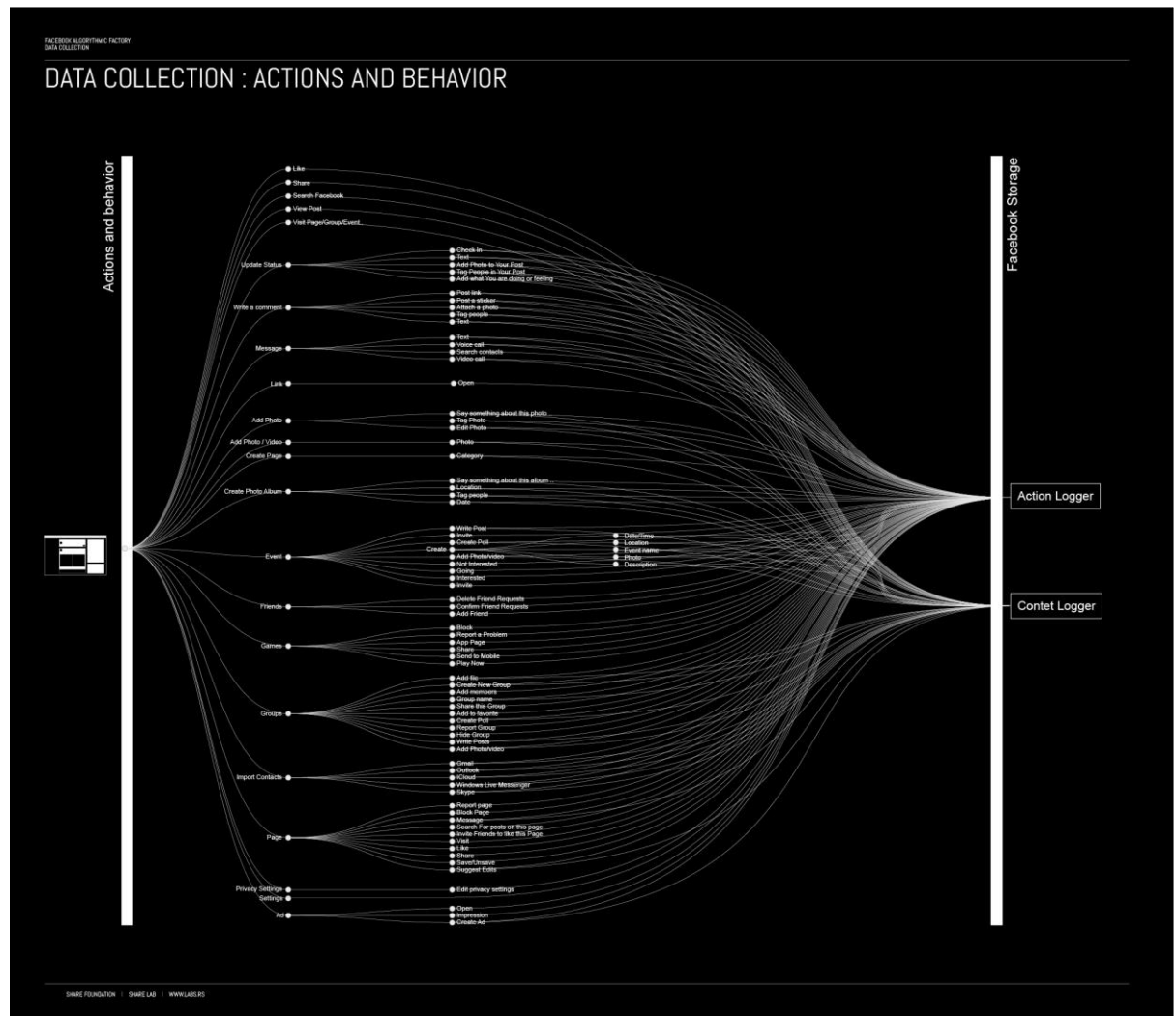


Figura 14. Captura de tela. *Data Collection: actions and behavior*. MOURÃO, 2017.

As redes sociais cresceram enormemente em números de usuários logo em seus primeiros anos, e o volume de dados compartilhados em uma rede de contatos formada por amigos e familiares passou a ser impossível de acompanhar em sua totalidade. Bastavam poucas horas para que um usuário não conseguisse retroceder a todos os compartilhamentos realizados por seus contatos, tornando a experiência desestimulante, o que acarretava em um menor engajamento dos

usuários dentro das plataformas. Essa experiência ficava ainda mais frustrante quando o usuário percebia que grande parte do conteúdo compartilhado por seus contatos não o interessavam por razões diversas, desde questões ideológicas, quanto de afinidades por diferentes assuntos e temas. E como alternativa para esse desafio, em 2006 o Facebook introduziu o *News Feed*, uma tecnologia de gerenciamento de conteúdos personalizados para cada usuário, e o Twitter integrou o recurso das *hashtags*²⁸ ao seu mecanismo de busca em 2009. Em 2010 o Twitter introduziu o *Trending Topics*, um painel em tempo real com os assuntos mais comentados, orientados pelas *hashtags* aplicadas nos tuítes pelos usuários da rede.

O Twitter é uma plataforma que desde a sua origem, através do design e recursos minimalistas, privilegiou o dinamismo como forma de incentivar o acompanhamento e compartilhamento de conteúdos em tempo real, sejam eles conteúdos próprios ou de terceiros (através da inclusão de links para fontes externas). Tornou-se também referência na busca por conteúdos jornalísticos e de interesses sociais, como manifestações políticas ao redor do mundo que são organizadas e divulgadas através desta rede. Além disso, o Twitter possui uma infraestrutura que privilegia a comunicação pública, aberta a todos, onde os *tweets*, como são conhecidas suas postagens limitadas à 140 caracteres, não se restringem apenas aos seguidores e amigos dos usuários, pois, por padrão, tornam-se públicas dentro da rede, sendo possível que qualquer usuário consiga ler o *tweet* postado por terceiros, principalmente quando identificadas por *hashtags*, com exceção das mensagens que são transmitidas diretamente de um usuário a outro em modo privado. Segundo a Política de Privacidade (2017) do site:

²⁸ São identificadores textuais associados a conteúdos compartilhados através de plataformas sociais digitais através da associação do símbolo da cerquilha (#) com o termo desejado (ex: #ConteúdoImpróprio), a fim de associar/identificar a informação compartilhada a temas ou tipos de conteúdos específicos, assim facilitando a busca por temas específicos dentro das plataformas, bem como para a criação de painéis de tendências, como o *Trending Topics* do Twitter.

“O que você compartilha no Twitter pode ser visto em todo o mundo instantaneamente. Você é o que você Tweeta!”.

A fim de manter o engajamento de seus usuários, e evitar que migrem para outras redes sociais, o Twitter aplicou diversos recursos ao longo dos anos, privilegiando os recursos multimídia, fotos e vídeos. Além disso foi um dos pioneiros na disponibilização de recursos para criação de micro vídeos (sem a necessidade de conhecimento de edição de vídeos ou técnicas complexas) e de vídeos em direto. E suas mudanças não se limitaram apenas aos recursos multimídia. Em 2015 incluiu uma nova estrutura de organização das informações (a *timeline* do usuário, que é a sua página inicial), que antes eram organizadas cronologicamente, e agora permitem que o usuário tenha diferentes possibilidades de gerenciamento, conforme demonstram as informações na página do *site* retiradas em 2017:

“Os Tweets que você provavelmente gostará mais aparecerão primeiro em sua timeline. Nós os escolhemos com base nas contas com as quais você mais interage, nos Tweets com os quais você se envolve e muito mais.
(...)

Além disso, quando identificamos um Tweet, uma conta para seguir ou outro conteúdo que seja popular ou relevante, podemos adicioná-lo à sua timeline. Isso significa que você poderá ver Tweets de contas que não segue. Seleccionamos cada Tweet usando uma variedade de sinais, inclusive a popularidade dele e como as pessoas em sua rede estão interagindo com ele. Nossa meta é tornar a timeline de sua Página Inicial ainda mais relevante e interessante.”

Mesmo que o Twitter tenha incluído novas formas de gerenciamento de conteúdos em suas *timelines*, ainda assim esses recursos não são tão impactantes como se comparados aos do Facebook, pois o Twitter ainda disponibiliza integralmente todos os *tweets* compartilhados entre os membros de uma

mesma rede, mesmo que disponibilizados em uma hierarquia determinada por seus algoritmos, que podem obedecer a critérios de sequência de exibição orientada por importância e não por cronologia.

Agora vejamos como funciona o *News Feed* do Facebook, a maior rede social online atualmente no mundo. De acordo com o Facebook, o principal objetivo dessa tecnologia é tornar a plataforma atrativa aos usuários a fim de aumentar o engajamento na rede, conforme diz Adam Mosseri (2016) no artigo *Building a better news feed for you*:

“so that people can see what they care about first, and don’t miss important stuff from their friends. If the ranking is off, people don’t engage, and leave dissatisfied. So one of our most important jobs is getting this ranking right”

Ainda sobre o *News Feed* do Facebook (2017):

“Our success is built on getting people the stories that matter to them most. If you could look through thousands of stories every day and choose the 10 that were most important to you, which would they be? The answer should be your News Feed. It is subjective, personal, and unique — and defines the spirit of what we hope to achieve.”

De acordo com a plataforma, os valores norteadores que guiam o desenvolvimento constante do *News Feed* são os que amigos e familiares vêm em primeiro lugar, e os conteúdos compartilhados, tanto pela rede de contatos do usuário quanto por conteúdos externos, inclusive os patrocinados. Ainda em relação aos valores da companhia, o Facebook (2017) não favorece nenhum tipo de conteúdo específico, conforme a nota oficial a seguir:

“We don't favor specific kinds of sources — or ideas. Our aim is to deliver the types of stories we've gotten feedback that an individual person most wants to see. We do this not only because we believe it's the right thing but also because it's good for our business. When people see content they are interested in, they are more likely to spend time on News Feed and enjoy their experience.

It's important to note that while we welcome a multitude of viewpoints, we also believe strongly that people should feel – and be – safe when they use Facebook, and we therefore have Community Standards that define the behavior that we think is out-of-bounds on the platform. We think it's possible to be inclusive without making Facebook a place where people are subjected to attacks, hate, or other harmful behavior.”

Pelas notas oficiais do Facebook (2017), os Padrões da Comunidade (*Community Standards*) têm o seguinte propósito:

“A nossa missão é fornecer às pessoas o poder de compartilhar e tornar o mundo mais aberto e conectado. Todos os dias, as pessoas acessam o Facebook para compartilhar suas histórias, ver o mundo através dos olhos dos outros e se conectar com amigos e causas. As conversas que acontecem no Facebook refletem a diversidade de uma comunidade de mais de 1 bilhão de pessoas.

Queremos que as pessoas sintam-se seguras ao usar o Facebook. Por isso, desenvolvemos um conjunto de Padrões da Comunidade, descritos abaixo. Estas políticas ajudarão você a entender os tipos de compartilhamentos permitidos no Facebook e os tipos de conteúdos que podem ser denunciados e removidos. Devido à diversidade de nossa

comunidade global, lembre-se de que algo que pode ser desagradável ou perturbador para você pode não violar os Padrões da Comunidade.”

A união dos esforços para gerenciar um gigantesco volume de dados e organizá-los em perfis personalizados; administrar comunidades sociais super diversificadas com indivíduos do mundo inteiro; manter-se na disputa por audiência frente a outras empreitadas e tecnologias, e ainda atender aos interesses econômicos e políticos em escala global exige, evidentemente, a adoção de padrões e regras para viabilizar esta gestão. Para tanto, o Facebook trabalha em três linhas principais: encorajar um comportamento respeitoso, onde proíbe conteúdos sexualmente explícitos, intolerantes e violentos; conhecer a diversidade cultural, certificando-se que as políticas aplicadas refletem a diversidade da comunidade, a partir da colaboração de especialistas e não especialistas do mundo todo; e capacitar os usuários a fiscalizar o que acessam na plataforma a partir de ferramentas de controle e denúncia²⁹.

Nesta dissertação será investigado principalmente o item ‘Encorajar um comportamento respeitoso’, por ser o campo que trata especificamente da nudez.

A nudez segundo o Facebook (2017):

“Nudez

Às vezes, as pessoas compartilham conteúdos contendo nudez devido a campanhas de conscientização ou projetos artísticos. Restringimos a exibição de nudez pois alguns públicos da nossa comunidade global podem ser mais sensíveis a esse tipo de conteúdo, principalmente devido à bagagem cultural ou idade. Para tratar as pessoas de forma justa e

²⁹ Ideia retirada de Monica Bickert e Justin Osofsky na Carta padrões da comunidade do Facebook.

responder às denúncias rapidamente, é essencial termos políticas que nossas equipes globais possam aplicar de maneira simples e uniforme quando estiverem analisando os conteúdos. Como resultado, nossas políticas podem ser mais duras do que gostaríamos e restringir conteúdos compartilhados com objetivos legítimos. Nós sempre trabalhamos para melhorar a avaliação desse tipo de conteúdo e fazer com que nossos padrões sejam cumpridos.

Removemos fotos de pessoas exibindo órgãos genitais ou com foco em nádegas totalmente expostas. Também restringimos algumas imagens de seios que mostram os mamilos, mas sempre permitimos fotos de mulheres ativamente engajadas na importância da amamentação ou mostrando os seios após uma mastectomia. Também permitimos fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratem figuras nuas. As restrições relativas à exibição de nudez e de atividade sexual também se estendem aos conteúdos digitais, exceto quando a publicação do conteúdo se der por motivos educativos, humorísticos ou satíricos. Imagens explícitas de relações sexuais são proibidas. Descrições de atos sexuais que exponham detalhes muito vívidos podem também ser removidos.”

Esses parágrafos dos Padrões da Comunidade talvez sejam os mais relevantes para esta investigação, pois expõem a assimetria política relativa aos conteúdos, onde chegam até mesmo a assumir uma mea culpa pelos possíveis prejuízos sociais causados pelas restrições sobre conteúdos legítimos. Além de assumirem o impacto social pelas “políticas duras”, o texto é paradoxal analisando-se o principal diferencial dos serviços do Facebook: a *News Feed*. Afinal, se dentro da imensa comunidade global, apenas alguns públicos já identificados, que por questões de “bagagens culturais” e “idade” são mais sensíveis a esse tipo de conteúdo, significa que o Facebook poderia simplesmente desviar esses conteúdos de suas *News Feed* ao invés de restringir o compartilhamento desses

conteúdos entre todos os outros públicos que não demonstram insatisfação a estes conteúdos.

Além dos próprios algoritmos do Facebook, os usuários também podem se utilizar das ferramentas constantemente aprimoradas e disponibilizadas para denunciar e controlar conteúdos que julgam “não gostar” ou “com os quais discorda”, tal como exposto em carta pública onde em um de seus princípios fundamentais, nomeadamente “Capacitar os usuários com ferramentas para controlar o que veem no Facebook”, diz que “fornecemos ferramentas para controlar o que você vê, denunciar e entrar em contato com pessoas que publicam conteúdos que você não gosta ou com os quais discorda” (Facebook, 2017).

Para o Twitter (2017), é o usuário que decide se permite ou não o acesso a conteúdos considerados sensíveis, como demonstrado na nota a seguir:

“Como controlar se você visualiza conteúdo de mídia sensível em Tweets

Você pode optar por ver o conteúdo de mídia em Tweets que possam apresentar conteúdo sensível sem um aviso. Se você estiver preocupado com a possibilidade de ver conteúdo sensível, mantenha suas configurações padrão. Suas configurações padrão ocultam a mídia nos Tweets que foram marcados como potencialmente sensíveis.”

De volta ao Facebook (2017), a evidência de assimetria moral entre as tipologias de conteúdos gráficos fica ainda mais evidente quando se comparada ao item seguinte dos Padrões da Comunidade, ainda dentro do segmento “Como incentivar um comportamento respeitoso”, agora sobre os conteúdos com “violência e conteúdo gráfico”, em que as regras para a remoção desses conteúdos constituem princípios mais flexíveis e subjetivos que os conteúdos com nudez.

“Violência e conteúdo gráfico

Há muito tempo que o Facebook é um local onde as pessoas compartilham suas experiências e chamam a atenção para problemas importantes. Às vezes, essas experiências e problemas envolvem violência e imagens gráficas de interesse público, como o abuso dos direitos humanos ou atos de terrorismo. Em muitas ocasiões, as pessoas compartilham esse tipo de conteúdo para condená-lo ou para conscientizar os outros. Removemos imagens explícitas quando elas são compartilhadas por prazer sádico ou para celebrar e glorificar a violência.

Quando as pessoas compartilham conteúdos no Facebook, esperamos que elas compartilhem com responsabilidade, escolhendo cuidadosamente quem poderá ver o conteúdo. Também pedimos que avisem o público sobre o que estão prestes a ver, caso o conteúdo inclua violência gráfica.”

Diferentemente dos conteúdos com nudez onde a restrição é a regra e algumas são as exceções permitidas, os conteúdos de violência apenas são removidos quando compartilhados intencionalmente por “prazer sádico” ou para “celebrar e glorificar a violência”. Essa condicionante contextual não é considerada de modo proporcional entre as duas diferentes tipologias em questão: nudez e violência.

No caso das regras de controle de conteúdos contendo nudez, alguns direcionamentos de critérios de análise das imagens, que fazem parte das políticas que equipes globais possam aplicar de maneira uniforme quando estiverem analisando os conteúdos, tratam das características formais dos elementos que estão expostos nas imagens, sem considerar contextos subjetivos e demais critérios externos, por exemplo “fotos de pessoas exibindo órgãos genitais ou com foco em nádegas totalmente expostas” e “imagens de seios que mostram os mamilos”. Mesmo que existam critérios de exceção contextual, que

são limitados à “motivos educativos, humorísticos ou satíricos”, bem como “fotos de mulheres ativamente engajadas na importância da amamentação ou mostrando os seios após uma mastectomia” e “fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratem figuras nuas”, o uso de critérios formais para o controle de conteúdos desta tipologia sugere um caráter moral que pode ser discriminatório com o símbolo corpo. Reservando o corpo somente ao espaço privado ou ao controle das instituições (conteúdos educativos e artísticos) e ao mercado de consumo (conteúdos de entretenimento e espetáculo, como os humorísticos ou satíricos), retirando o corpo da realidade cotidiana, da rotina comum.

Assim verifica-se um tratamento desproporcional em relação ao controle das imagens contendo nudez quando comparado com outros conteúdos sensíveis que também são controlados pela plataforma, tal como os conteúdos violentos.

Agora vejamos alguns dados sobre o Facebook no mundo atualmente:

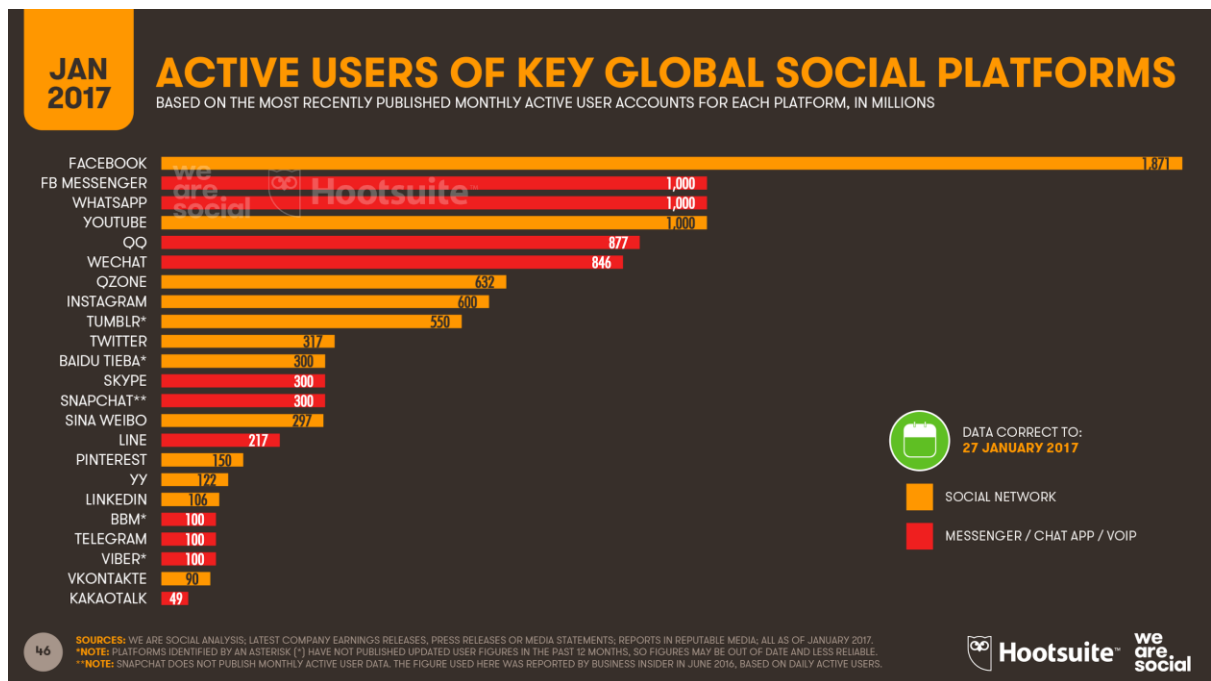


Figura 15. Captura de tela. Active users of key global social platforms: based on the most recently published monthly active users accounts for each platforms, in millions (p.46). MOURÃO, 2017.

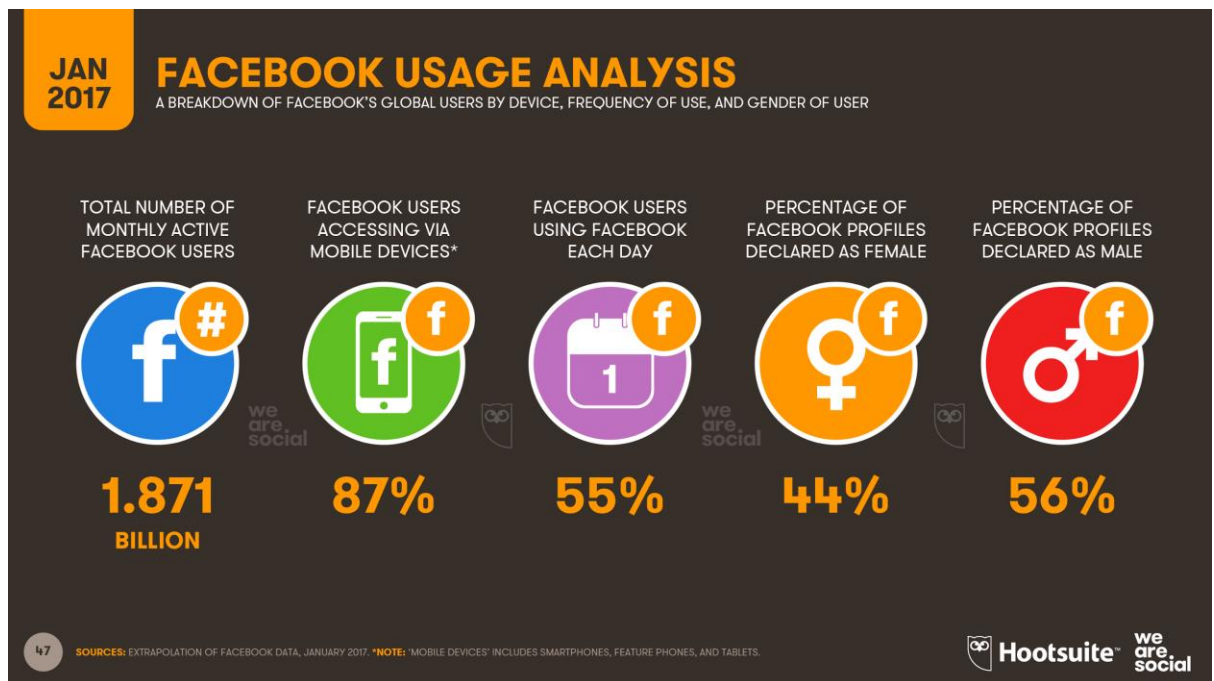


Figura 16. Captura de tela. *Facebook usage analysis: a breakdown of Facebook's global users by device, frequency of use, and gender of user* (p.47). MOURÃO, 2017.

Um fator importante a ser considerado na análise desses dados é que o Facebook também é proprietário dos serviços *FB Messenger*, *Whatsapp* e *Instagram*, formando, portanto, uma gigantesca base de usuários, através de diferentes ofertas de serviços de comunicação digital que seguem suas políticas de gerenciamento de conteúdos.

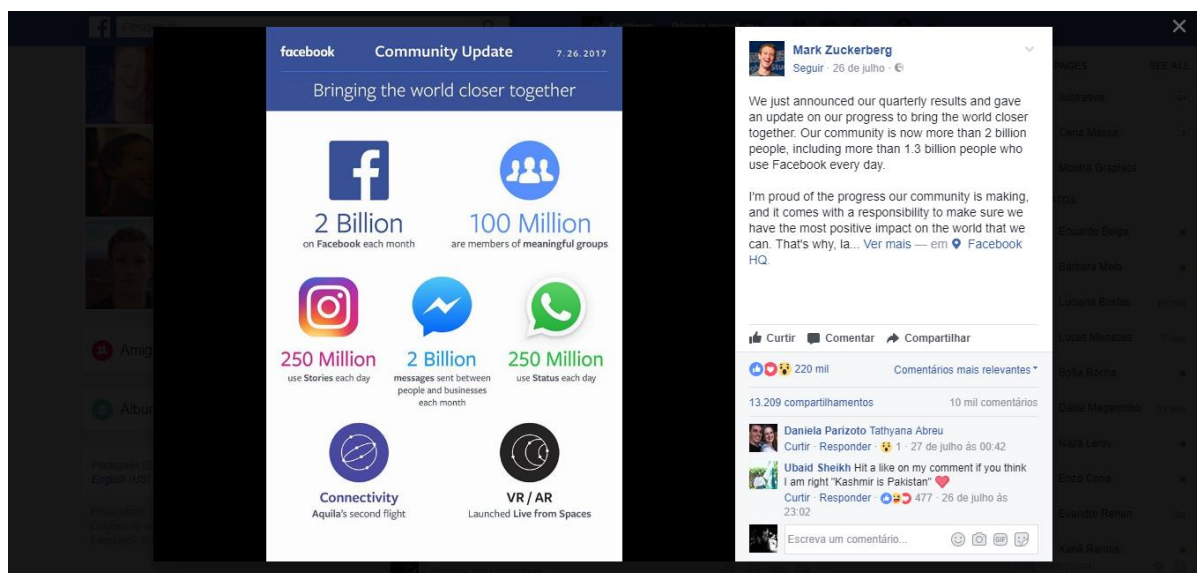


Figura 17. Captura de tela. Dia 26 de julho de 2017: o dia que o Facebook superou a marca de 2 bilhões de usuários. MOURÃO, 2017.

Sendo o Facebook a maior e mais influente rede social atualmente no mundo, e também por possuir regras específicas para controle da nudez, identificamos essa rede social como o cenário ideal para esta investigação.

Desse modo, no capítulo posterior exporemos os resultados das análises dos casos de estudo.

3 CASOS DE ESTUDO

Para compreender na prática como as medidas de gerenciamento de conteúdo a partir da supressão de determinados conteúdos com nudez podem impactar negativamente a diversidade cultural nas plataformas sociais digitais, selecionamos dois casos por contemplarem características fundamentais para esta pesquisa: o cruzamento entre a expressão de tradições indígenas do Brasil e a censura sobre conteúdos com nudez em plataformas sociais digitais.

O cenário escolhido foi o Facebook, por ser atualmente a maior e mais influente rede social, de acordo com Goodman & Powles (2016), Bell (2016) e Douthat (2016), e por defender regras severas no controle de conteúdos com nudez, tal como analisado no capítulo anterior. Os casos de estudo são: Casal de Índios Botocudos e As Hiper Mulheres.



*Figura 18: Montagem com fragmento da foto de Walter Garbe com o casal de Índios Botocudos e recorte de cena do filme *As Hiper Mulheres*, os casos desta investigação. MOURÃO, 2017.*

Ambos os casos tratam de conteúdos gráficos com registros etnográficos de costumes e tradições indígenas do Brasil. O primeiro caso, Casal de Índios Botocudos, trata de um registro fotográfico histórico; o segundo, As Hiper Mulheres, trata da manutenção de tradições nos dias atuais.

3.1 CASAL DE ÍNDIOS BOTOCUDOS

Em abril de 2015 o Ministério da Cultura do Brasil realizou uma série de ações online para promover as iniciativas comemorativas em homenagem ao Dia do Índio (19 de abril), onde, entre diversas postagens com fotografias e ilustrações com temáticas indígenas divulgadas através da *fanpage* oficial do ministério no Facebook, uma foi censurada por desrespeitar as regras da comunidade por conter nudez. A identificação da censura foi registrada no dia 17 de abril com a manifestação de repúdio de Juca Ferreira, ministro da cultura à época.



Figura 19. Índios Botocudos: foto 04. Foto, em domínio público, é de autoria de GARBE, Walter (1909).

Trata-se de uma fotografia em preto e branco que exhibe dois personagens humanos adultos em um ambiente ao ar livre, sendo, em primeiro plano, uma mulher de cabelos curtos encostada em uma árvore, e que olha em direção ao dispositivo fotográfico, vestida apenas com uma saia que vai até a altura do

diafragma. Também possui ornamentos circulares inseridos nos lóbulos das orelhas e no lábio inferior. Em segundo plano, já um pouco fora de foco, há um homem que também olha em direção ao dispositivo fotográfico, e parece estar com a mão esquerda apoiada na mesma árvore que a mulher, vestido apenas com uma calça. Sobre o cenário é possível concluir, através da árvore em que ambas as personagens estão apoiadas, mesmo que a foto exiba apenas uma pequena parte de sua totalidade, e pela heterogeneidade das formas e luzes em desfoque ao fundo, que se trata de um ambiente externo natural, como uma mata ou selva. Além do registro fotográfico em si, a imagem também possui inscrições feitas posteriormente a caneta com informações catalográficas. Também é perceptível as marcas de deterioração da fotografia original nas extremidades da imagem, com manchas em sépia que avançam do exterior ao centro da fotografia.

Contextualmente a fotografia é um registro etnográfico de um casal de índios botocudos³⁰ realizado no dia 13 de julho de 1909 (de acordo com a inscrição contida na própria fotografia), em Cachoeiro de Santa Leopoldina, no estado do Espírito Santo, Brasil.

É importante observar que em outros registros dos Botocudos os mesmos não se apresentam com calças e saias, ou qualquer outra vestimenta semelhante as dos colonizadores europeus, tal como pode se observar nas imagens abaixo:

³⁰ Botocudos era uma denominação genérica dada pelos colonizadores para índios de diversas etnias que faziam parte do tronco linguístico Macro-Jê e que tinham o costume do uso dos botoques labiais e auriculares (ornamento circular, geralmente de madeira).



Figura 20. Capo de Botocudos. Art and Picture Collection, The New York Public Library. MIGLIAVACCA, 1823 - 1838.

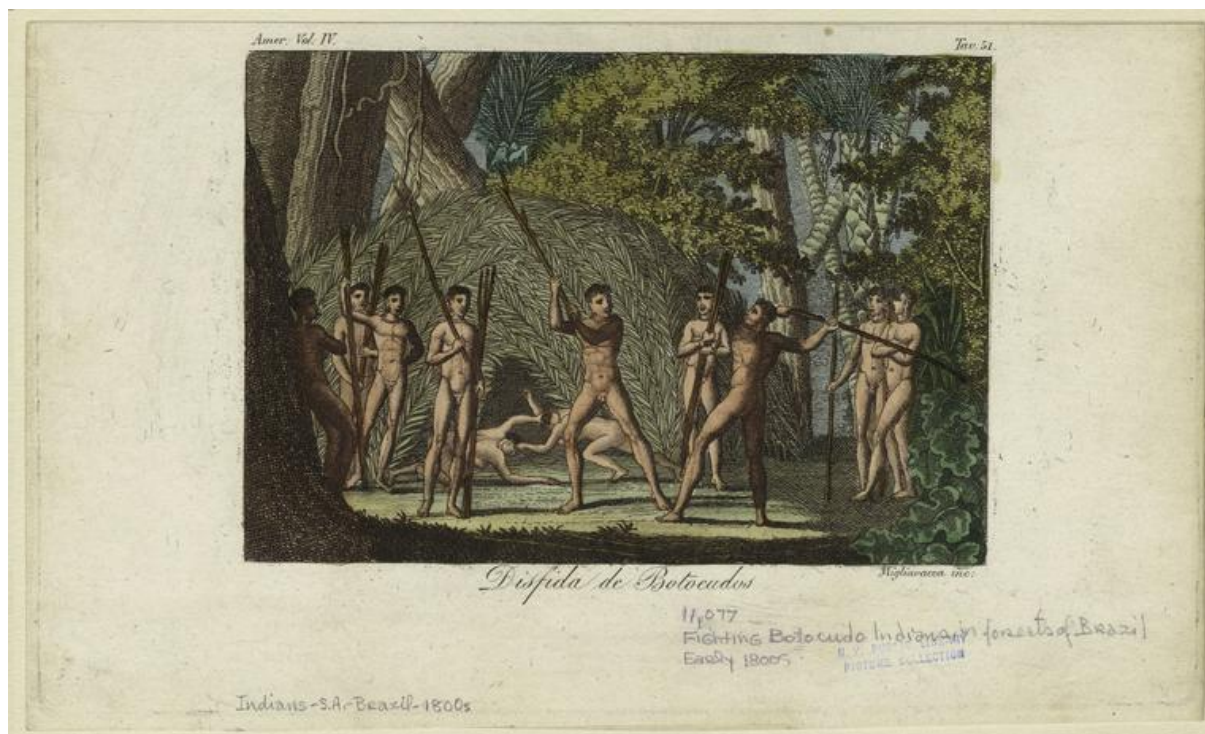


Figura 21. Disfida de Botocudos. Art and Picture Collection, The New York Public Library. MIGLIAVACCA, 1823-1838.



Figura 22. Famille de Botocudos en marche. The Miriam and Ira D. Wallach Division of Art, The New York Public Library. DEBRET, 1834-1839.

Assim sendo, a fotografia de Walter Garbe mostra-nos uma representação etnográfica de uma cultura tradicional a partir de dois indivíduos que preservam seus costumes originais, os botoques, mas também apresentam-se com influências culturais europeias, aqui representadas pelas roupas (saia e calça). No entanto, mesmo se tratando de um registro etnográfico de um Brasil do início do século XX, com dois índios vestidos com roupas estrangeiras, o Facebook considerou a fotografia potencialmente ofensiva para a sua comunidade pela imagem conter nudez, notadamente pelos seios com mamilos expostos da personagem feminina.

Mesmo que a denúncia contra este conteúdo tenha partido da iniciativa de algum usuário, a aprovação da denúncia e a aplicação da censura se deu pela equipe do

Facebook que não considerou os aspectos simbólicos contidos na imagem, o seu contexto cultural e histórico. Limitaram-se à análise formal da imagem, onde a exposição dos mamilos feminino bastou para condenar um testemunho histórico, um símbolo cultural.

Após o governo brasileiro anunciar que iria acionar judicialmente o Facebook pela censura, a rede social reconsiderou a decisão e reincorporou a imagem. Mas mesmo após a revisão e o reestabelecimento da imagem, o ministro Juca Ferreira em entrevista para Gabriela Sá Pessoa (2015) para o Folha de São Paulo, enfatizou que é necessário o debate acerca da governança da web e dos serviços digitais:

“Discutir ampla e democraticamente a governança da internet e buscar uma regulação multilateral que garanta, entre outros direitos, a neutralidade de rede, a liberdade de expressão, a livre circulação de ideias, a soberania das nações e a autodeterminação.”

3.1.1 Casal de Índios Botocudos: segunda a Inteligência Artificial

Ao observar a tendência futura no uso de algoritmos baseados em inteligência artificial para rotular imagens, tal como afirmou Mark Zuckerberg em seu manifesto “Building Global Community”, no dia 16 de fevereiro de 2017:

“Artificial intelligence can help provide a better approach. We are researching systems that can look at photos and videos to flag content our team should review. This is still very early in development, but we have started to have it look at some content, and it already generates about one-third of all reports to the team that reviews content for our community.”

Buscou-se, então, aplicar as imagens aqui analisadas ao julgamento de uma dessas tecnologias, a *Cloud Vision API*, da Google, a fim de perceber a capacidade de compreensão simbólica no contexto etnográfico em questão.

Segundo a Google:

“A Google Cloud Vision API permite aos desenvolvedores entender o conteúdo de uma imagem por meio do encapsulamento de poderosos modelos de aprendizado de máquina em uma API REST fácil de usar. Ela rapidamente classifica as imagens em milhares de categorias (por exemplo: "veleiro", "leão", "Torre Eiffel"), detecta objetos e rostos individuais e extrai palavras impressas contidas nas imagens. Você pode criar metadados no seu catálogo de imagens, moderar conteúdo ofensivo ou ativar novos cenários de marketing usando a análise de sentimento das imagens. Analise imagens enviadas na requisição ou integre com imagens armazenadas no Google Cloud Storage.”



Figura 23. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API. MOURÃO, 2017.

Tal como pode ser visto na imagem, um dos recursos oferecidos pela tecnologia da Google é a detecção de conteúdos impróprios.

Os recursos da tecnologia *Google Cloud Vision API* são:

- Detecção de marcadores: amplos conjuntos de categorias em uma imagem, desde meios de transporte a animais;
- Detecção de conteúdo explícito: conteúdos explícitos, como conteúdo adulto ou violento, em uma imagem;
- Detecção de logotipos: logotipos populares em uma imagem;
- Detecção de pontos de referência: estruturas famosas, sejam elas naturais ou construídas pelo homem, em uma imagem;
- Reconhecimento óptico de caracteres: extraia textos de uma imagem, com compatibilidade para um extenso grupo de idiomas, além do suporte a identificação automática de idioma;
- Detecção facial: vários rostos em uma mesma imagem, além dos principais atributos faciais associados a esses rostos, como estado emocional ou uso de acessórios na cabeça. Sem suporte a reconhecimento facial;
- Atributos de imagens: detecte os atributos gerais de uma imagem, como cores dominantes, além de sugestões de recorte da imagem;
- Detecção na Web: pesquise imagens semelhantes na Internet.

Para usufruir do teste gratuito disponibilizado no site da plataforma, basta “arrastar” a imagem até o local indicado e o sistema automaticamente inicia o processo de análise da imagem. E nesse primeiro caso, trata-se de imagem do Casal de Índios Botocudos que está a ser analisada, de Walter Garbe.

Os resultados apresentam-se em seguida sob a forma de registros por capturas de tela e, posteriormente, a interpretação das informações.

Caso 1: Casal de índios Botocudos

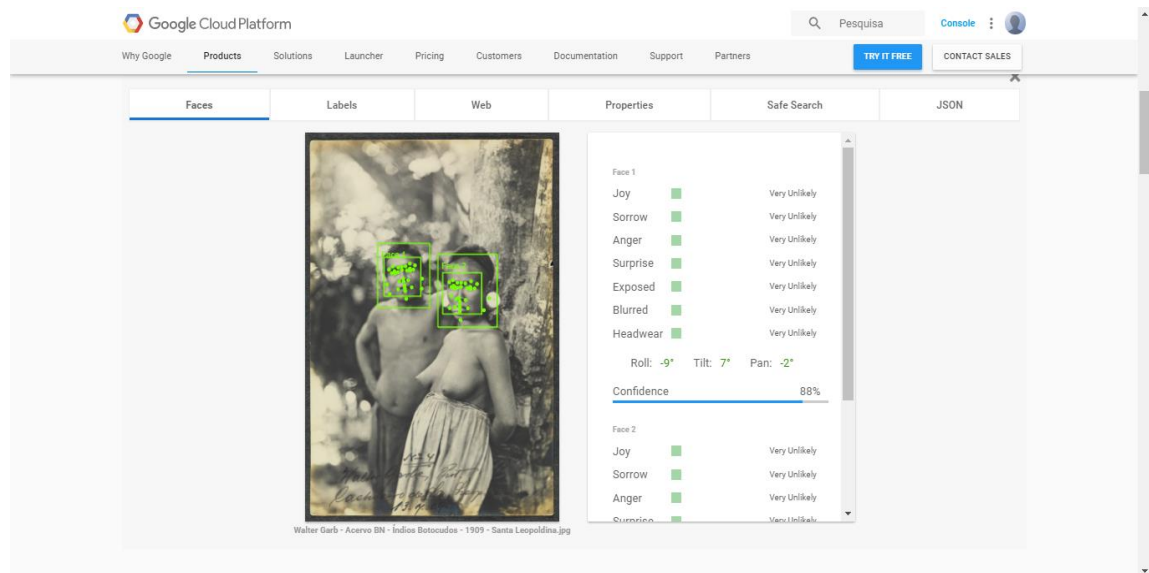


Figura 24. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Identificação facial. MOURÃO, 2017.

O sistema identificou corretamente as duas faces contidas na imagem.

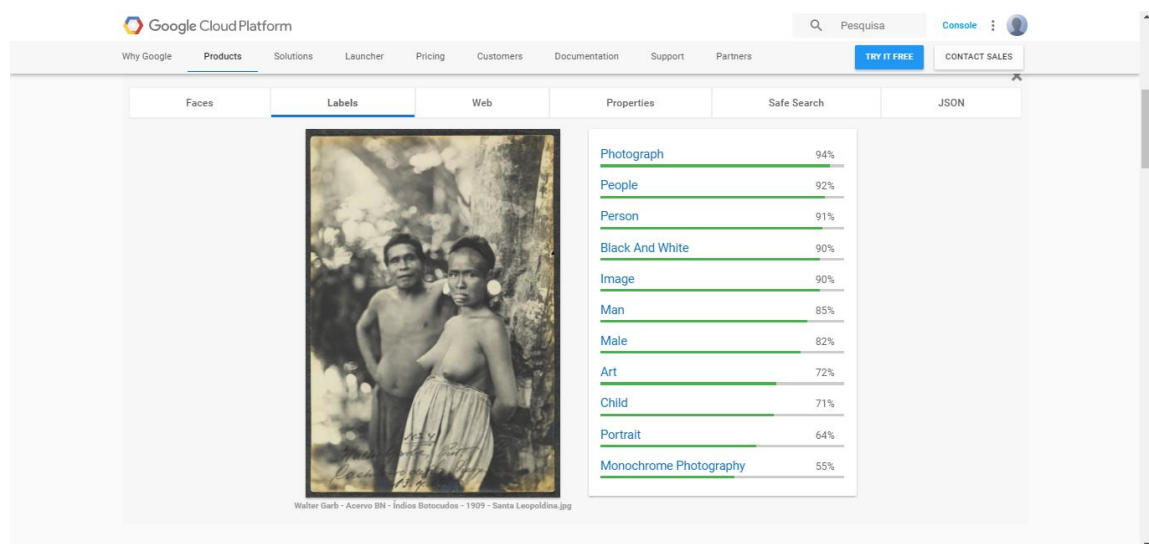


Figura 25. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Rotulação. MOURÃO, 2017.

O sistema expõe diversos possíveis rótulos, disponibilizados por um ranking de acuracidade com método desconhecido.

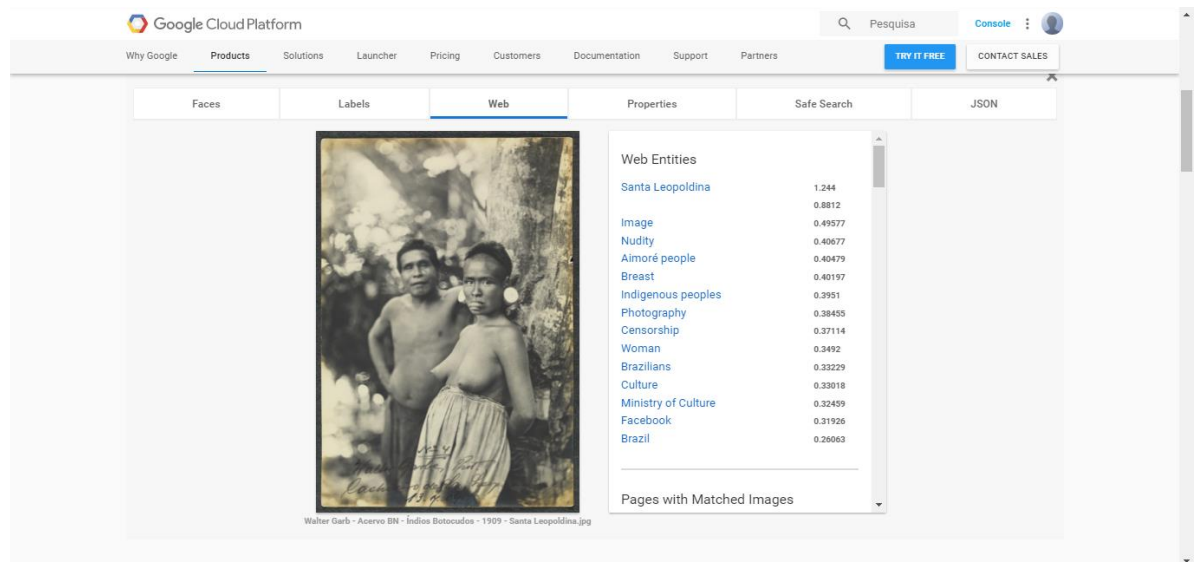


Figura 26. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Web. MOURÃO, 2017.

O sistema informa se tratar da categoria “web”, que supomos se tratar de semelhanças com outros conteúdos disponibilizados na base de dados da Google, o que pode ser uma forma de identificação contextual da imagem.

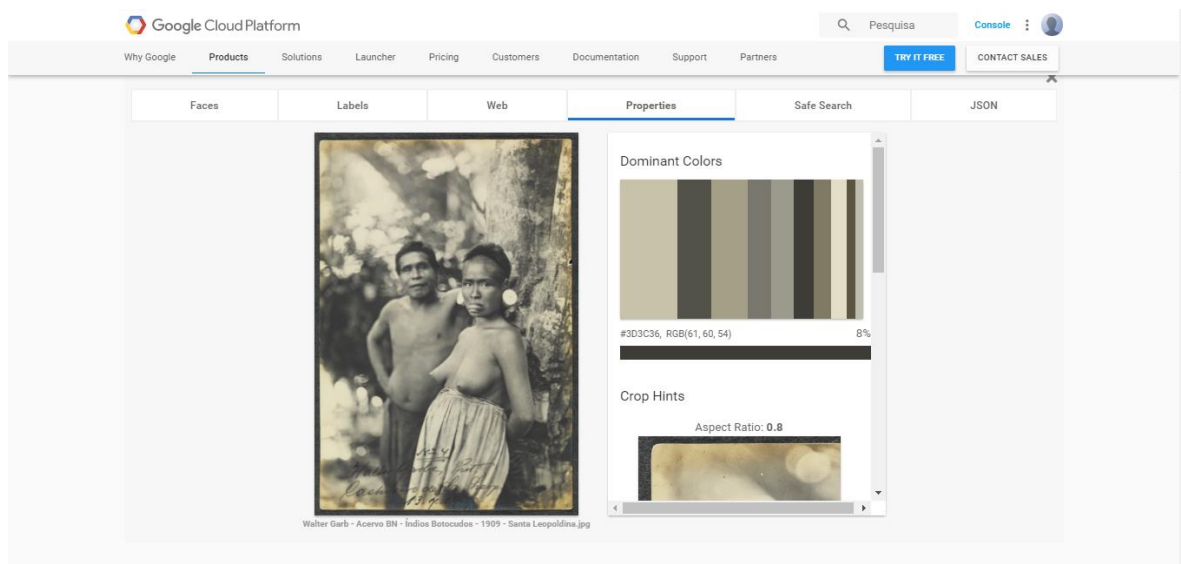


Figura 27. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Properties. MOURÃO, 2017.

O sistema aponta para atributos gerais da imagem, como cores e formas predominantes.

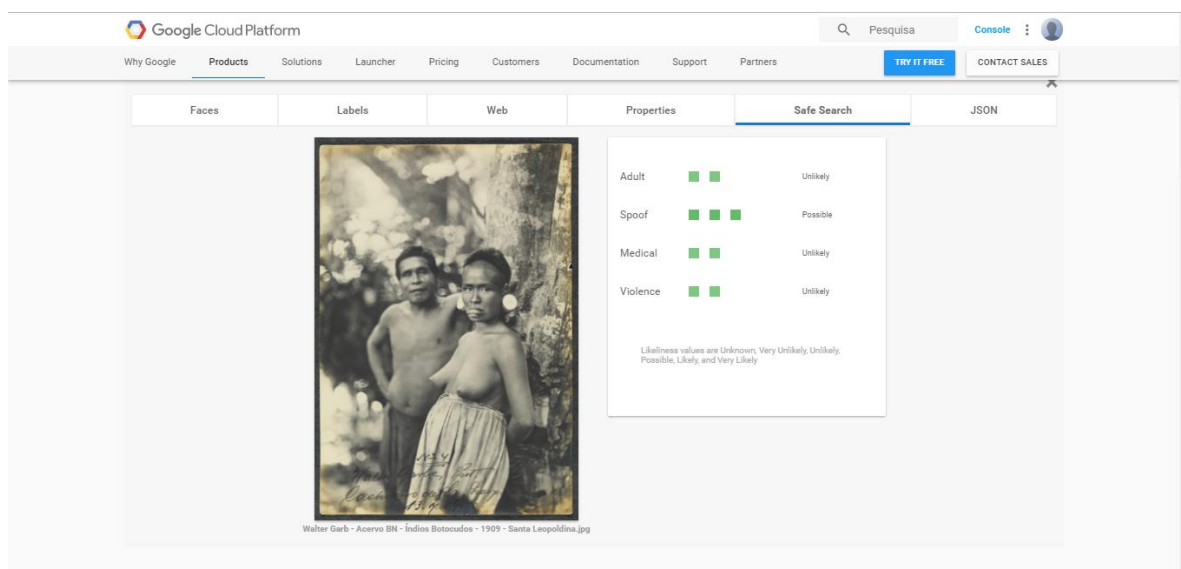


Figura 28. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search. MOURÃO, 2017.

O sistema aponta para a possibilidade de conteúdo impróprio, através do segmento “*Safe Search*”.

Poderíamos realizar diversas análises acerca das capacidades e métodos contidos nessa tecnologia de reconhecimento e catalogação autônoma de imagens pelos algoritmos, mas para esta investigação, e neste caso específico, o resultado mais curioso se deu no grupo “*Safe Search*” (figura 28) onde o sistema identificou a imagem do casal de índios botocudos como uma possível paródia, o que não corresponde à realidade.

Um outro resultado importante está na segunda imagem, no campo “*Web Identities*” (figura 26), provavelmente onde o robô busca informações “externas” (a base de dados do Google) para realizar a análise contextual da imagem, e expõe relações semânticas que podem levar a imagem a ser categorizada como um produto erótico, pois entre os cinco primeiros resultados (mais relevantes) estão “*nudity*” e “*breast*”.

Mesmo sendo evidente a tentativa de realizar uma análise contextual, a tecnologia se mostrou insuficiente na capacidade de compreender e contextualizar com acuracidade os aspectos simbólicos contidos nesta imagem.

3.2 AS HIPER MULHERES

Em março de 2013 o Facebook removeu duas imagens da página oficial do filme *As Hiper Mulheres*, por violarem a declaração de direitos e responsabilidades por conter nudez. Para que a divulgação do filme pudesse continuar na rede social, as fotos sofreram a interferência com a inclusão de tarjas pretas sobre os seios e órgãos genitais das indígenas. Além dessas imagens, onde o próprio sistema interferiu com as tarjas pretas, todas as imagens futuras só puderam manter-se

online se não houvesse nudez (a exposição explícita de genitais e mamilos femininos).



Figura 29. Imagem de divulgação. Folha de São Paulo, 2013.

“Itão kuegü: As Hiper Mulheres” é um filme longa metragem que retrata o ritual Jamurikumalu, um grande festival musical e de dança, onde as mulheres protagonizam os eventos e rituais na aldeia da etnia Kuikuro, no Parque Indígena do Xingu, no estado do Mato Grosso, Brasil. A direção é compartilhada pelo antropólogo e fotógrafo Carlos Fausto e pelos cineastas Leonardo Sette e Takumã Kuikuro.

O filme exhibe a rotina da comunidade Kuikuro enquanto organiza o ritual Jamurikumalu, também conhecido como Yamaricumã, desde as motivações para o ritual, passando pelas mobilizações e relações entre os indivíduos, terminando

com o grande festival em ação. Todas as cenas foram capturadas pelos próprios indígenas, sob a direção de Takumã, membro da comunidade, o que permitiu um nível de intimidade dificilmente alcançado por cineastas não índios, ou mesmo por um índio de outra comunidade.

A definição do conceito de nudez pelo Facebook, que considera o aspecto formal como suficiente para arbitrar sobre a permissão ou restrição de conteúdos, contribuiu por introduzir um caráter erótico inexistente, tal como aponta o antropólogo Thiago Garcia (2017)³¹, por entrevista:

“elas estão numa festa vestidas como homens e o Facebook ou a nossa sociedade, sei lá, está falando para elas que elas estão, na verdade, nuas e erotizadas. Então é interessante, por que elas estão tipo com uma roupa de gala.”

Interpretação semelhante a de Carlos Fausto (2017)³², por entrevista, professor doutor em antropologia e co-diretor do filme em questão, que além de complementar o contexto da censura sobre o filme, vai adiante ao colocar uma reflexão sobre o cenário atual e futuro dentro da comunidade Kuikuro, com relação às suas relações com as vestimentas e seus corpos:

“Nesse, digamos assim, esse auge da vestimenta feminina, a leitura não indígena é que elas estão nuas.

(...)

E o que é interessante, e está começando a acontecer, no Xingu ainda não aconteceu, mas, embora fora das situações rituais sim, é que cada vez

³¹ GARCIA, Thiago. Entrevista online concedida a Santiago Luiz Gonçalves Mourão. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "II" desta dissertação].

³² FAUSTO, Carlos. Entrevista online concedida a Santiago Luiz Gonçalves Mourão. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "I" desta dissertação].

mais, elas estão, pelo olhar dos não índios, elas estão começando a associar isso à nudez. E, portanto, se sentirem desconfortáveis.”

A aplicação do conceito único de nudez sobre diferentes matrizes culturais, tal como a desconsideração da roupa ritual como uso simbólico legítimo do corpo, é um assunto complexo, e merece um pouco mais de atenção.



Figura 30. Captura de tela. Informativo de censura na página do filme As Hiper Mulheres no Facebook. MOURÃO, 2013.

As imagens originais:



Figura 31. Imagem de divulgação do filme As Hiper Mulheres. 2012.



Figura 32. Imagem de divulgação do filme As Hiper Mulheres. 2014.

A primeira imagem (Foto 31) exibe uma multidão de mulheres distribuídas em um padrão homogêneo, organizadas em linhas, tal como uma marcha, a caminhar em direção ao dispositivo fotográfico/filmagem. Não há contato visual entre elas e o fotógrafo. As mulheres que formam as duas primeiras fileiras, em plano mais aproximado, estão ricamente paramentadas com pinturas corporais, cintas, colares volumosos, adereços com tecidos, penas e outros elementos não identificados, além do uso de cocar de penas coloridas. Nos planos mais afastados é possível identificar que as vestimentas e ornamentações das outras mulheres são semelhantes às do primeiro plano, mas sem o uso dos cocares em suas cabeças. A cena acontece ao ar livre, de dia, em chão de terra vermelha, e ao fundo árvores de uma mata densa e algumas grandes malocas de palha. A composição termina com um céu azul sem nuvens.

A segunda imagem (Foto 32) exibe quatro mulheres, sendo três as protagonistas, pois uma se encontra quase que totalmente escondida atrás de uma delas. Essas mulheres estão ao ar livre, num grande pátio de uma aldeia indígena, com malocas e mata ao fundo, a caminhar em direção ao dispositivo fotográfico/filmagem. Não há contato visual entre elas e a câmera. Seus aparatos e adereços são semelhantes, mas não idênticos. Todas possuem colares volumosos, pinturas corporais e faciais, cintas e adornos nos braços e pernas, de diferentes cores e padrões. Duas mulheres carregam um pequeno artefato preto em suas mãos. Em termos de composição, as mulheres dominam o primeiro plano, e aparecem quase de corpo inteiro, mas seus pés se encontram à frente da área de captura do dispositivo de registro. O restante da cena é o território da aldeia, com um grande pátio de terra, com malocas e a mata ao fundo. A cena é finalizada com o céu azul claro e sem nuvens.

Contextualmente ambas as imagens são *frames* do filme *Itão kuegü: As Hiper Mulheres* com registros de momentos do festival tradicional Jamurikumalu/Yamaricumã realizado pelas índias Kuikuro no Parque Indígena do

Xingu, que durante três dias realizam o ritual de transformação, onde, de acordo com Carlos Fausto (2017):

“Elas estão vestidas com adornos masculinos, que é o que conta o mito, elas tomam a praça, elas passam a usar os cocar dos festivais masculinos, elas passam a usar as braçadeiras, as jarreteiras... Os colares de caramujo, elas estão usando ali os colares masculinos, que são grossos e tal. Algumas mulheres, inclusive, acho que a Kanu, está usando o cinto de onça que é privilégio dos chefes e dos grandes lutadores... (Foto 31). Então elas estão, porque o mito está contando, que elas tão se transformando em hiper mulheres, essas hiper mulheres são, digamos assim, uma espécie de ser andrógino, que assume também o lado, as características masculinas.”

E, ainda segundo a visão antropológica acerca da importância da pintura corporal como suporte simbólico e social dentro dessas sociedades, Thiago Garcia (2017) explica:

“A pintura corporal é basicamente uma forma de se manifestar e de se vestir de acordo com a ocasião. Então, por exemplo, se os índios vão para uma guerra, eles se pintam de uma forma; se eles estão numa festa, eles estão pintados de outra. E as pinturas corporais, também, em geral, representam hierarquias, representam os clãs que você pertence. Pertencimento! É da mesma forma que, se usamos um terno, eu estou querendo mostrar para as pessoas que eu pertenço a uma certa classe social, que eu me comporto de tal forma”.

Logo, segundo os autores acima citados, as índias não estão nuas, pois em suas análises, descrevem seus aparatos e adornos corporais, e sua roupa ritual. Também afirmam que se trata de um código social complexo, onde são

identificados elementos hierárquicos e sociais da comunidade. Longe, portanto, de ser pornografia.

Do mesmo modo que a imagem do casal de índios botocudos foi analisada pela tecnologia *Cloud Vision API*, da Google, as Hiper Mulheres também o foram. Desse modo, seguem os resultados obtidos:

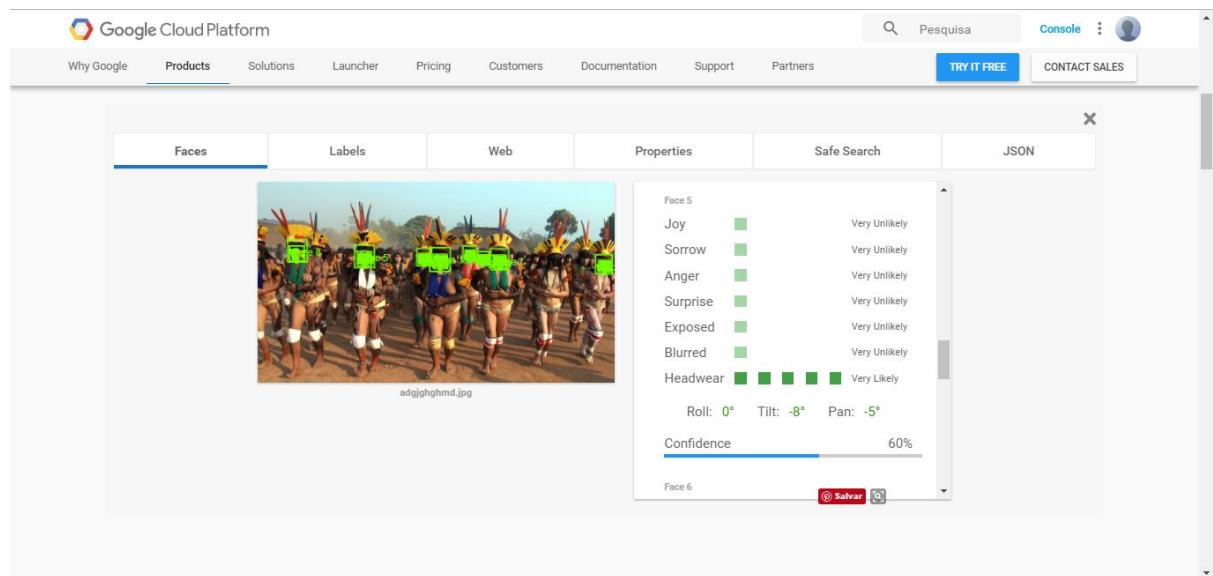


Figura 33. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Identificação de faces. MOURÃO, 2017.

O sistema identificou diversas faces na imagem, apontando corretamente para a identificação de um grupo de indivíduos. No entanto, provavelmente pelo excesso de adereços e diferentes composições e posicionamentos das índias, a tecnologia não foi capaz de identificar corretamente todas as integrantes em cena.

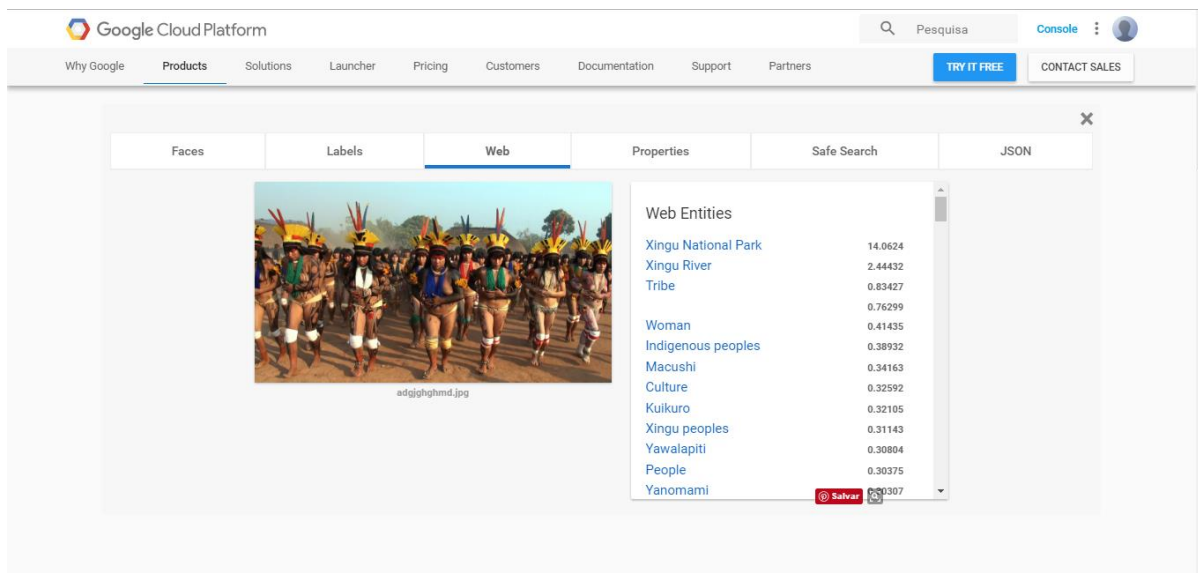


Figura 34. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - *Web Entities*. MOURÃO, 2017.

Na aba “*Web*”, onde provavelmente a tecnologia busca as informações contextuais baseadas em seu Big Data, os apontamentos estabelecidos pelo sistema foram corretos ao afirmar se tratar de povos indígenas do Xingu, em contexto tribal, mulheres, a associação com o Rio Xingu (que não está representado na imagem) e o povo Kuikuro, dentre outros elementos que de fato são conceitualmente próximos.

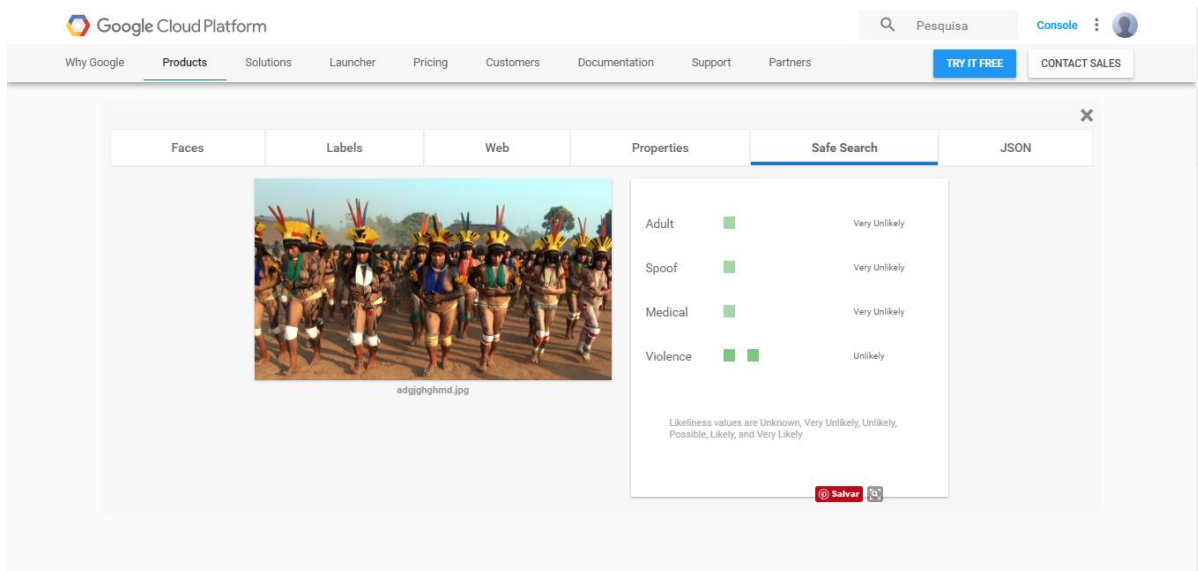


Figura 35. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search (As Hiper Mulheres). MOURÃO, 2017.

Em termos de contexto potencialmente sensível, o sistema associou a imagem como baixa probabilidade de violência e pouquíssima probabilidade de conteúdo adulto, ou erótico ou paródia. Mas, mesmo que com baixas probabilidades, o sistema apontou para essas possibilidades de associação.

Desse modo, ao analisarmos o conjunto dos resultados, percebemos que na primeira imagem o sistema foi capaz de identificar oito faces entre a multidão, mas não identificou uma das mulheres em primeiro plano, provavelmente porque a mesma possui o seu rosto coberto por um ornamento (segunda mulher, da direita para a esquerda, na primeira fileira). No entanto, mesmo com a limitação em reconhecer a mulher com o rosto escondido, o sistema concluiu que muito provavelmente as personagens estão a usar chapéus, o que é correto por causa dos cocares.

Na segunda imagem, que se refere à busca contextual, o sistema identificou referências corretas ao associar a imagem com temas relacionados ao território e aos povos do Xingu, além das referências às mulheres e aos índios. Entretanto,

como mostra a terceira imagem, o algoritmo classificou a imagem como possuindo uma remota possibilidade de possuir conteúdo violento.

Agora a análise da Foto 2:

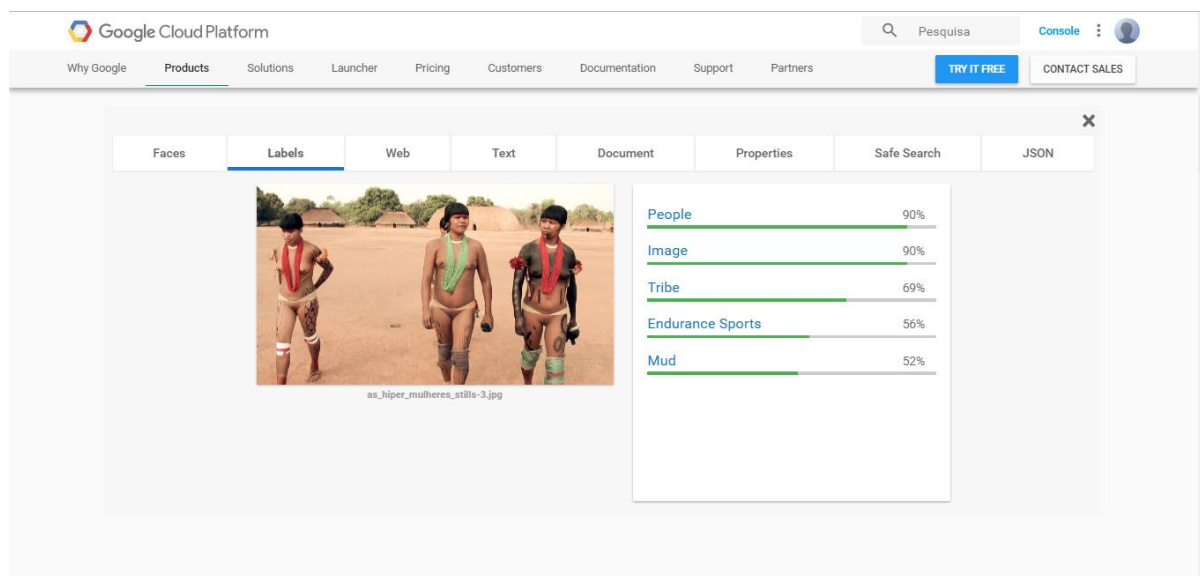


Figura 36. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Labels.
MOURÃO, 2017.

A rotulação seguiu por associações corretas em relação ao contexto da imagem: foto de pessoas em contexto tribal.

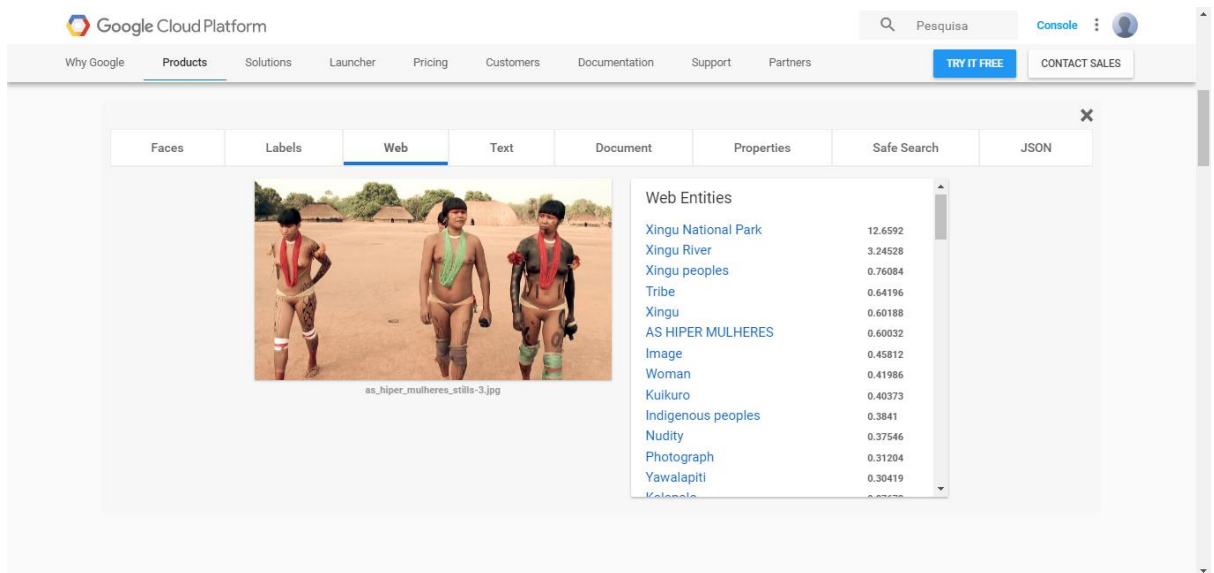


Figura 37. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Web (Foto 2). MOURÃO, 2017.

As relações contextuais, tal como demonstrado nos resultados da aba “Web”, correspondem corretamente ao contexto da imagem: identificação da região do Xingu (incluindo as correspondências ao rio e ao parque), personagens femininas e até mesmo a associação da imagem ao filme *As Hiper Mulheres*. Supomos que por se tratar de uma imagem que fora usada oficialmente para a divulgação da obra, o sistema a identificou por postagens disponíveis a esse respeito na *web*.

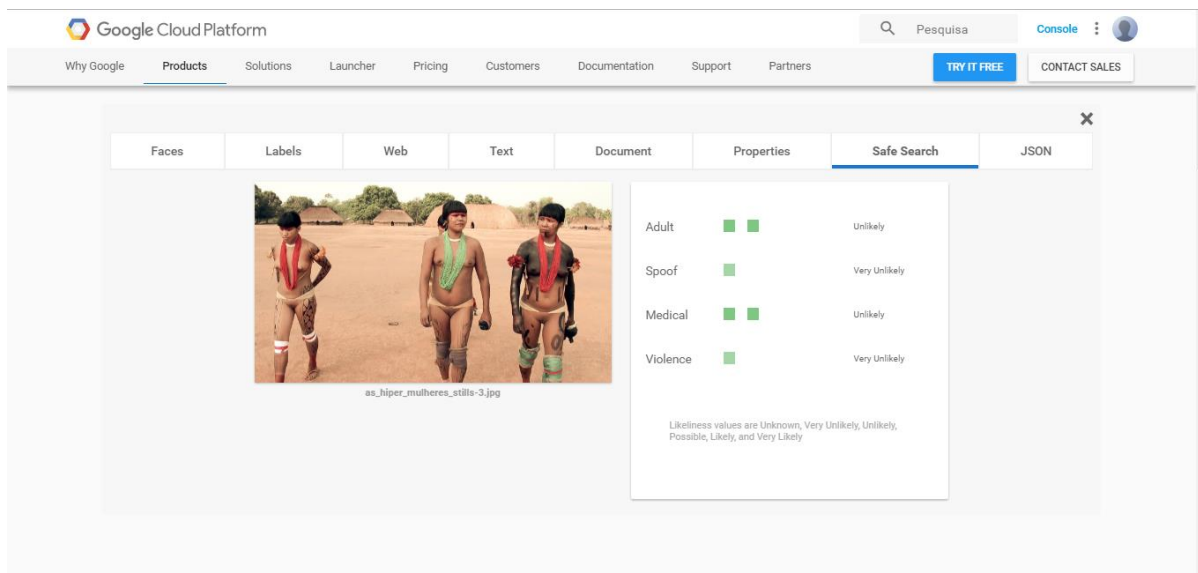


Figura 38. Captura de tela. Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search (Foto 2). MOURÃO, 2017.

No campo “Safe Search”, possivelmente por ter identificado nudez (como mostra a figura 37), o sistema apontou que a imagem possa conter conteúdos adultos ou médicos.

Assim, ao analisar o conjunto dos resultados, de acordo com a rotulagem presente na primeira imagem, o sistema conclui corretamente ao expor que a imagem contém pessoas em contexto tribal. Porém, ao cruzar os dados com as análises externas, como mostra a segunda imagem no campo *Web Entities*, um dos resultados é “Nudity”, acabando por influenciar a análise do campo “Safe Search” (terceira imagem), onde o item “Adult” passa a ser classificado como improvável ao invés de muito improvável, o que o deixa, mesmo que remotamente, dentro um campo semântico possível de sofrer censura.

Sendo a imagem de um ritual tradicional, com conteúdo cultural próprio, sua rotulação de possivelmente erótica ou com conteúdos direcionados exclusivamente aos adultos é incorreta. Mesmo que o sistema tenha apenas

sugerido a inclusão desse conteúdo como potencialmente sensível, ainda assim pode colocá-lo em risco de restrição desnecessária.

Nos capítulos seguintes serão abordadas questões acerca da nudez e da construção de ambientes sociais em escala global, com reflexões em relação aos riscos da mediação e gerenciamento de conteúdos simbólicos em plataformas digitais.

4 O CORPO AMERÍNDIO, UM CORPO AINDA INCÔMODO

4.1 UM CONFLITO COLONIAL QUE PERDURA

Tal como identificado nas análises dos casos no capítulo anterior, as práticas de gerenciamento dos conteúdos distribuídos no Facebook são ambíguas e limitadas para a coexistência de diferentes valores culturais associados ao corpo, notadamente às representações visuais do corpo. Alguns desses conteúdos ao serem identificados como nudez são associados a grupos semânticos negativos e que, portanto, podem ser condenados ao banimento ou outras formas de censura.

Em ambos os casos tratavam-se de expressões culturais associadas aos povos nativos do Brasil, sendo o primeiro caso uma foto histórica e o segundo, um registro contemporâneo da manutenção de tradições por uma das etnias que compõem a grande diversidade dos povos ameríndios.

E para que seja possível a compreensão da complexidade semântica que envolve o símbolo do corpo como expressão no contexto desta investigação, faz-se necessário conhecer contextualmente esses povos: os Ameríndios.

4.1.2 Os Ameríndios

Ameríndio é um termo genérico para designar os nativos do continente americano, bem como seus descendentes. No entanto, para esta dissertação o recorte geográfico será o território do Brasil e suas populações indígenas, no sentido de contextualizar os casos de estudo analisados, bem como restringir os dados trazidos, pois são majoritariamente oriundos de fontes oficiais de instituições brasileiras.

Segundo os dados do censo demográfico de 2010, realizado pelo IBGE³³, a população indígena brasileira é formada por aproximadamente 818.000 indivíduos, dividida em 305 etnias, com a identificação de 274 línguas autóctones, encontrando-se distribuída ao longo dos 8.516.000 km² do território brasileiro - conforme o mapa abaixo:

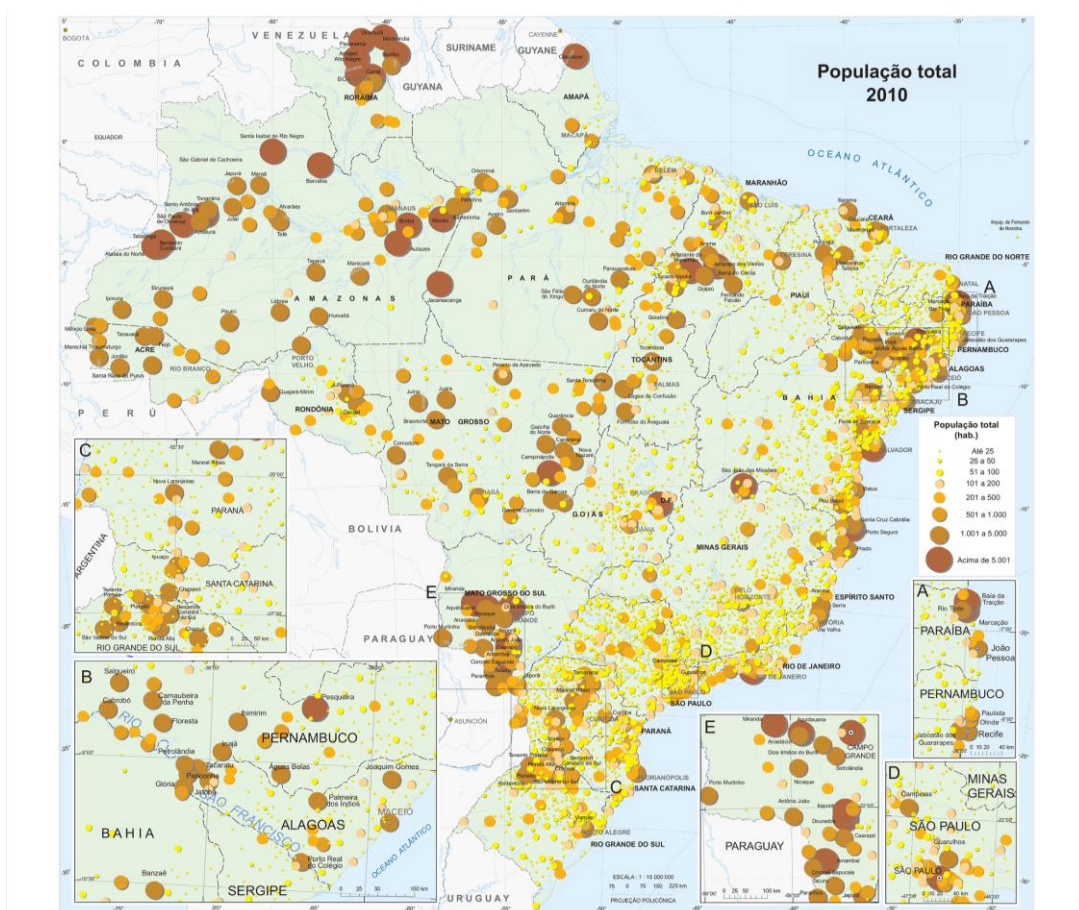


Figura 39: IBGE. População indígena do Brasil. 2010.

Assim, ao comparar esses dados com outras populações e territórios é possível perceber a dimensão social dessas informações. Em termos populacionais, a população indígena brasileira é superior à de nações como Macau (612.000 indivíduos, aproximadamente), Luxemburgo (583.000 indivíduos,

³³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

aproximadamente) ou Cabo Verde (539.500 indivíduos, aproximadamente). Apesar do recenseamento ter identificado 274 línguas autóctones, essa informação é questionada até mesmo pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), que diz ser necessário estudos linguísticos e antropológicos mais aprofundados. Mas de acordo com a linguista Bruna Franchetto (2013), existem no Brasil aproximadamente 160 línguas sobreviventes (p.1), o que não diminui consideravelmente sua complexidade sociocultural. Para se ter uma ideia, a Europa possui aproximadamente 225 línguas autóctones³⁴. O Brasil é o quinto maior território nacional do planeta, e abriga a maior biodiversidade do mundo³⁵, sendo mais de 60% coberto por florestas e 32,9% do solo disponível para agricultura (Terra arável 8,6%; Culturas permanentes 0,8%; Pastagens permanentes 23,5%)³⁶.

Outro fator a ser considerado é que a relação dos índios com a natureza é extremamente complexa, não podendo ser analisada apenas como fonte de moradia e subsistência. Geralmente os povos indígenas possuem relações sustentáveis com seus ecossistemas, tal como mostra o artigo do Instituto Socioambiental:

“O manejo destes povos sobre a biodiversidade teve um papel fundamental na formação de diferentes paisagens no Brasil, seja na Amazônia, no Cerrado, no Pampa, na Mata Atlântica, na Caatinga, ou no Pantanal. Os povos indígenas sempre usaram os recursos naturais sem colocar em risco os ecossistemas. Estes povos desenvolveram formas de manejo adequadas e que têm se mostrado muito importantes para a conservação da biodiversidade no Brasil. Esse manejo incluiu a transformação do solo pobre da Amazônia em um tipo muito fértil, a Terra Preta de Índio. Estima-

³⁴ Segundo o European Center for Modern Languages.

³⁵ De acordo com dados disponibilizados pelo Ministério do Meio Ambiente.

³⁶ De acordo com dados disponibilizados pelo site da *Central Intelligence Agency* (CIA).

se que pelo menos 12% da superfície total do solo amazônico teve suas características transformadas pelo homem neste processo.

(...)

Na Amazônia, maior Bioma brasileiro, enquanto 20% da floresta já foi desmatada nos últimos 40 anos, juntas as Terras Indígenas perderam apenas 1,9% de suas florestas originais.”

A questão da biodiversidade é um elemento fundamental para as relações sociais entre os ameríndios e não índios, pois desde o início do processo colonial, como pode ser observado a partir dos relatos escritos ao longo da história, tal como no primeiro documento a respeito do Brasil, a “Carta a El-Rei D. Manuel”, de Pero Vaz de Caminha, assinada no dia 1º de maio de 1500, onde dentre várias referências à exuberante natureza, diz:

“Terra que nos parecia muito extensa. (...) Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!”

E mais de um século depois, agora na visão de um colonizador holandês, Caspar van Baerle (1940, p.162), no século XVII, que relatou:

“É tal a natureza das ditas árvores que, durante o ano inteiro, ostentam flôres, frutos maduros junto com os verdes, como se uma só e mesma árvore estivesse vivendo, em várias de suas partes, a puerícia, a adolescência e a virilidade, ao mesmo tempo herbescence, adolescente e adulta.”

Na primeira fase da exploração colonial no Brasil, até o início do Ciclo do Ouro no século XVIII, os principais produtos explorados eram de extração de espécies nativas ou o cultivo da cana-de-açúcar e algodão. Dentre as espécies nativas

exploradas a mais marcante foi o pau-brasil, espécie de árvore de madeira nobre, com cor vermelho intenso, que se assemelha à brasa, o que também permitia a extração de corante muito apreciado na Europa à época. O nome Brasil originou-se do grande mercado criado em torno do pau-brasil, nesse grande território cedido ao controle da Coroa Portuguesa a partir do Tratado de Tordesilhas, que inicialmente a identificava como Terra de Santa Cruz. A partir do nome Brasil deriva-se o termo que identifica os indivíduos nascidos naquelas terras, os brasileiros.

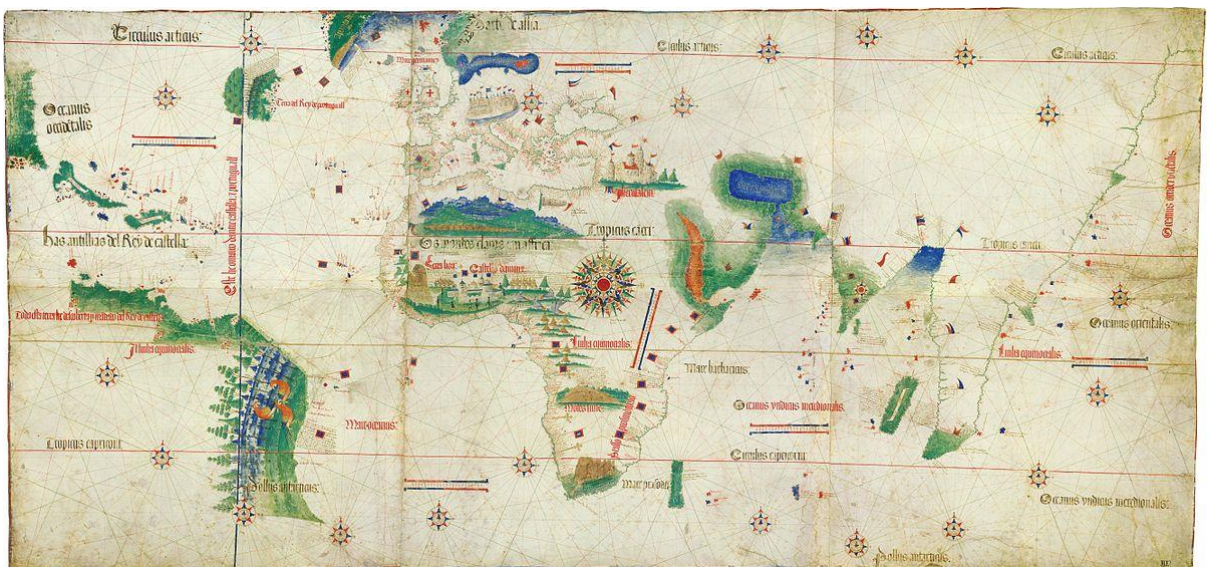


Figura 40. Planisfério de Cantino. Biblioteca Estense, Modena, Itália. Autor não identificado, 1502.

Acima está um dos primeiros documentos a registrar a América e com referência cartográfica do Tratado de Tordesilhas (identificado pela linha vertical azul, à esquerda do mapa) e o Brasil, no quadrante inferior esquerdo.

Diferentemente da maioria dos adjetivos pátrios na língua portuguesa, o gentílico “eiro”, presente no termo brasileiro, não costuma ser usado para identificar indivíduos que nascem ou vivem em um determinado país ou região. Seu uso costumeiro é para a identificação de classes profissionais, geralmente associadas

ao trabalho braçal, como pedreiro, marceneiro, jornaleiro, dentre outros. Essa particularidade linguística se deu porque inicialmente eram os próprios portugueses que usavam o termo para denominar os indivíduos da metrópole que iam ao Brasil Colônia fazer fortuna, ou mesmo os indivíduos condenados em Portugal e que eram enviados para trabalhar na colônia. Ser brasileiro era um ofício, e não uma identidade.

Até o início dos movimentos de independência, já no século XIX, os outros vários grupos de indivíduos que também habitavam o território brasileiro, e que não eram europeus, ou descendentes desses, independentemente se ricos ou pobres, não eram reconhecidos como indivíduos plenos, eles eram índios ou negros traficados da África, escravos (em posse dos colonos) ou inimigos (livres/fugitivos). No caso dos indígenas, quando escravos, recebiam as alcunhas de “negros da terra” ou “gentios da terra”, segundo Freire & Malheiros (2007).

No primeiro momento da colonização, a fim de viabilizar as tarefas básicas para o estabelecimento de acampamentos, e suprir as primeiras necessidades, os colonizadores recorreram a escravização dos nativos, os índios, tal como demonstrado no relato do jesuíta Gregório Serrão (presente no texto de FREIRE & MALHEIROS, 2007):

“E porque não há gente de trabalho nestas partes para alugar por jornal, nem materiais se acham de compra, nos é necessário termos muito escravaria e gente de terra, governada e mantida de nossa mão”.

E de acordo com os autores José Ribamar Bessa Freire e Márcia Fernanda Malheiros (2007), na publicação “Os aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro”:

“Havia duas formas de transformar em escravo aquele índio que vivia livremente em sua aldeia de origem. Obtinha-se escravos indígenas

através da Guerra Justa e dos Resgates, ambas formas aprovadas pelo rei, abençoadas pela religião”

Os índios possuíam boa constituição física e destreza, além de conhecimento do território, principalmente das matas e espécies nativas, o que era estrategicamente importante aos colonos. No entanto, diversos conflitos dificultaram as relações entre os colonizadores e os índios, seja por resistência através de lutas e guerras, ou por questões culturais e de costumes. Essa incompatibilidade social acabou por criar o estigma de selvagens, pervertidos, incapazes e primitivos.

Os conflitos ideológicos agravaram-se a partir do momento em que os interesses econômicos da metrópole se afastaram das culturas tradicionais indígenas, baseadas em cosmologias complexas, onde as mitologias, os seres humanos, os animais, a terra e toda a natureza não se separavam. Para a maioria das culturas indígenas, por exemplo, os cultivos de monoculturas em grandes áreas, como a cana-de-açúcar ou o café, são agressões não somente à terra, mas também aos rios, aos animais, divindades e tudo mais que compõem suas cosmologias. E foi durante o período do Ciclo do Ouro, a partir do fim do século XVII e com apogeu no século XVIII, nos estados da Bahia, Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais, onde os conflitos entre colonizadores e índios se acentuaram.

O processo de interiorização do Brasil foi movido por uma fome insaciável pelo ouro, que no fim do século XVII já começava a demonstrar grande potencial econômico.

O índio, por sua agilidade, força física e profundo conhecimento do território, o que inicialmente foi útil aos colonizadores, com o passar do tempo demonstrou ser um obstáculo ao progresso europeu. A imagem do índio, principalmente a

partir das empreitadas expansionistas dos bandeirantes³⁷, transmutou-se do bom selvagem³⁸, para primitivo e antagonista ao progresso. Nesse período ocorreram extermínios deliberados de comunidades inteiras, a fim de permitir a exploração das jazidas com mão de obra escrava, muitas vezes traficadas de regiões africanas, com tradição secular em exploração de minerais, tal como apontado por Eduardo França Paiva (2002, p.3), onde diz que

“boa parte do ouro explorado durante todo o setecentos nas Gerais e nas capitanias de Goiás, de Mato Grosso e da Bahia, foi recolhido através de técnicas introduzidas pelos africanos e desconhecidas pelos europeus.”.

Até então não era o português a língua mais usada para a comunicação entre os povos no interior do Brasil, e sim as línguas gerais, derivadas do tupi antigo, sendo a setentrional nas regiões amazônicas e a meridional pelo centro-oeste, sudeste e sul do Brasil. Mesmo que essas línguas tenham sido extintas no início do século XX, suas influências estão presentes no vocabulário do brasileiro³⁹, assim como em nomes de cidades (ex: Araguari, Bauru e Ipatinga), estados (ex: Amapá e Paraná), e na maioria da diversidade natural do Brasil, onde nomearam grande parte das frutas, plantas e animais (ex: abacaxi, guaraná, tacacá, caatinga, capivara, jacaré, jabuti, etc.). A fala também foi muito influenciada, notadamente entre as comunidades ditas caipiras⁴⁰, onde as concordâncias de

³⁷ Eram grupos de sertanistas que interiorizaram o Brasil em busca de fortunas através do comércio de escravos (índios e captura de negros fugitivos) e exploração de recursos naturais. Os primeiros sertanistas eram descendentes de segunda ou terceira geração de europeus (não apenas portugueses), geralmente filhos de mães indígenas ou negras, que falavam a língua Tupi, predominante pelo interior do Brasil à época, e também conheciam as características e costumes territoriais.

³⁸ O mito do bom selvagem foi um conceito trabalhado por autores europeus, tal como Rousseau, que a partir do “descobrimento” das Américas, identificaram nos nativos do novo mundo elementos de pureza, bondade e inocência, diferentemente da figura do homem civilizado.

³⁹ Dados retirados da entrevista de Adriana Franzin com a pesquisadora de línguas indígenas Ana Suelly Cabral, para a Empresa Brasil de Comunicação - EBC.

⁴⁰ Caipira é um termo tupi, usado desde os tempos coloniais, para designar as pessoas do mato, moradores da roça ou mesmo as comunidades do interior do Brasil, principalmente de pequenas cidades e associadas ao trabalho rural.

número se limitam aos artigos, e a nasalização modifica o modo de se pronunciar os gerúndios, bem como a substituição de alguns vocábulos do português por modos tupis, onde, por exemplo, a frase “as mulheres estão fazendo comida”, quando dita por um caipira, pode ser transcrita como algo semelhante a “as muié tão fazêno comida”.

Essas heranças culturais não apenas justificam os regionalismos linguísticos e os diferentes sotaques do Brasil, mas também explicam, em parte, a grande diferença no falar da língua portuguesa brasileira em relação às outras nações lusófonas.

A forma do caipira falar é comumente associada a um modo errado de se pronunciar o português. Assim a língua brasileira, também com influência indígena, é rotulada de inferior, sem modos, rústica, limitada, ignorante e errada.

4.2 O DIREITO À TERRA E À MEMÓRIA

Segundo a Convenção nº 169, que trata sobre os povos indígenas e tribais e a Resolução referente à ação da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de 2011:

“No bojo da revolução social e cultural que ocorreu em quase todo o mundo nas décadas de 1960 e 1970, os povos indígenas e tribais também despertaram para a realidade de suas origens étnicas e culturais e, consequentemente, para seu direito de serem diferentes sem deixarem de ser iguais.

(...)

Observando que, em diversas partes do mundo, esses povos não têm condições de gozar de seus direitos humanos fundamentais na mesma

medida que o resto da população dos Estados nos quais vivem e que, em muitos casos, tem-se observado um processo de erosão de suas leis, valores, costumes e perspectivas, e chamando atenção para as importantes contribuições de povos indígenas e tribais para a diversidade cultural e a harmonia social e ecológica da humanidade e para a cooperação e entendimento internacionais”.



Figura 41. Índios Panará em migração forçada para o Parque Indígena do Xingu. FUNAI, 1975.

A discussão ecológica é uma das pautas mais importantes na contemporaneidade, ocupando as agendas de líderes de todo o mundo, com debates sobre como garantir o contínuo progresso humano de modo sustentável.

Os bens naturais não se encontram distribuídos uniformemente sobre o planeta, e nem todos os povos se relacionam do mesmo modo com ele. Esse desequilíbrio entre oferta e demanda por bens elementares entre os diferentes territórios e povos pode motivar o surgimento de conflitos.

Sem entrar em questões técnicas nas definições político-econômicas das sociedades, nem mesmo as que competem às ciências sociais, para os casos aqui analisados utilizar-se-ão duas linhas ideológicas, historicamente divergentes, de como se relacionar com os recursos do planeta: os eco-cosmológicos e os progressistas.

Segundo Davi Kopenawa Yanomami em 2006 para o Povos Indígenas no Brasil (PIB) :

“Eles não sabem cuidar da floresta, nem querem. Só pensam: “A floresta cresceu sozinha, sem motivo, nós somos os donos das mercadorias e vamos continuar fabricando muitas mais!” Eles cavam seu chão, cortam suas árvores e a queimam em toda parte. Depois disso, todos vocês falam do que chamam de mudança climática. Nós ouvimos essas palavras, mas não as achamos bonitas. O que vocês nomearam assim não vem do nosso rastro . Nós, habitantes da floresta, não maltratamos a Terra. Não desmatamos a floresta sem medida. Toda essa destruição não é nossa marca, é a pegada dos brancos, o rastro de vocês na terra. É isso que queremos falar. Os brancos carecem de sabedoria e não pensam muito longe.”

Eco-cosmológico é a livre identificação dos povos que possuem em suas cosmologias a indiferenciação⁴¹ hierárquica entre os seres humanos e o restante

⁴¹ Indiferenciação aqui deve ser entendida no sentido de não se colocar a humanidade acima do restante da natureza, como a crença em que a humanidade seja portadora de um poder superior que a diferencia da natureza e da barbárie.

da natureza. Mesmo diante da grande diversidade de povos indígenas no Brasil, a característica da sustentabilidade natural é comum às cosmologias dos povos ameríndios. Para o Instituto Socioambiental (2017):

“As concepções indígenas de “natureza” variam bastante, pois cada povo tem um modo particular de conceber o meio ambiente e de compreender as relações que estabelece com ele. Porém, se algo parece comum a todos eles, é a idéia de que o “mundo natural” é antes de tudo uma ampla rede de inter-relações entre agentes, sejam eles humanos ou não-humanos. Isto significa dizer que os homens estão sempre interagindo com a “natureza” e que esta não é jamais intocada. Os Yanomami, por exemplo, utilizam a palavra urihi para se referir à “terra-floresta”: entidade viva, dotada de um “sopro vital” e de um “princípio de fertilidade” de origem mítica. Urihi é habitada e animada por espíritos diversos, entre eles os espíritos dos pajés yanomami, também seus guardiões.

A sobrevivência dos homens e a manutenção da vida em sociedade, no que diz respeito, por exemplo, à obtenção dos alimentos e a proteção contra doenças, depende das relações travadas com esses espíritos da floresta. Dessa maneira, a natureza, para os Yanomami, é um cenário do qual não se separa a intervenção humana.”

É importante salientar que esta investigação não possui o propósito de servir como uma referência indigenista, nem mesmo antropológica. Entretanto essas definições são importantes para ilustrar a complexidade cultural envolvida nessas relações, principalmente quando confrontadas em ambientes como as redes sociais, principalmente através da comunicação não verbal, como a comunicação por imagens.

Os progressistas são as culturas que acreditam que a humanidade é destinada a protagonizar a vida na Terra, em um percurso de constante evolução técnica e filosófica, em busca do aperfeiçoamento social e do mundo. Logo, existe uma distinção hierárquica entre a humanidade e o restante da natureza.

É preciso esclarecer que não estamos a afirmar que um indivíduo progressista/desenvolvimentista não possua preocupações ecológicas e de manutenção com a sustentabilidade do planeta. O importante é perceber a distinção entre a indiferenciação, humanidade = natureza, pelos eco-cosmológicos, em oposição à diferenciação, humanidade \neq natureza, pelos progressistas.

Assim sendo, são as diferenças culturais em relação à ocupação e interação com o meio ambiente que geram grande parte dos conflitos que acabam por marginalizar as comunidades indígenas e demais povos tradicionais.

Durante o período de interiorização do centro-oeste brasileiro nos anos de 1950, percebeu-se a necessidade de criar uma grande área para preservar os diversos povos nativos identificados, bem como também servir como um parque de conservação do ecossistema daquela região, o que em 1961 deu origem ao Parque do Xingu, que é a terra onde se localizam os Kuikuro, a etnia do caso analisado nesta investigação sobre a página de divulgação do filme *As Hiper Mulheres* no Facebook.

No Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu 50 Anos, de 2011 (p. 9-10), há uma passagem que ilustra bem a situação conflituosa entre eco-cosmológicos e progressistas, como pode ser visto a seguir:

“Do lado de fora da fronteira do Parque do Xingu, estava o território da disputa entre gaúchos, goianos, paulistas e tantos outros que chegavam com seus sonhos de um novo Eldorado. Para eles, vencer era transformar a diversidade das paisagens florestais em monótonos campos de gado e lavoura, transportando para o cerrado o mesmo modelo de ocupação de paisagem que seus antepassados aplicaram em outras regiões do país. A presença do Parque e dos índios era um obstáculo indigesto para esses novos colonizadores porque representava o reverso do modelo que estavam importando.

Muitos na região ainda acreditam que os índios devam ser convertidos em pecuaristas e sojicultores, ou talvez que devessem franquear suas terras para essas culturas.”

O Parque Indígena do Xingu está localizado no estado do Mato Grosso, no centro-oeste do Brasil, em uma área de transição entre os biomas amazônico e cerrado, os dois maiores biomas brasileiros, com aproximadamente 27.000 quilômetros quadrados e comporta 16 etnias indígenas, sendo elas: Aweti, Ikpeng, Kaiabi, Kalapalo, Kamaiurá, Kĩsêdjê, Kuikuro, Matipu, Mehinako, Nahukuá, Naruvotu, Wauja, Tapayuna, Trumai, Yudja, Yawalapiti, com uma população total aproximada de 6000 habitantes.



Figura 42. Doodle em homenagem ao 56º aniversário do Parque Indígena do Xingu, em 17 de abril. Google, 2017.

Para comprovar o contraste entre o desmatamento ocasionado pelo agronegócio nos arredores do Parque e a conservação da floresta no território do Parque Indígena do Xingu, optou-se por utilizar uma ferramenta aberta do Google, o Maps. A seguir a captura de tela, realizada no dia 26 de julho de 2017, onde comprova-se o contraste ambiental na região:

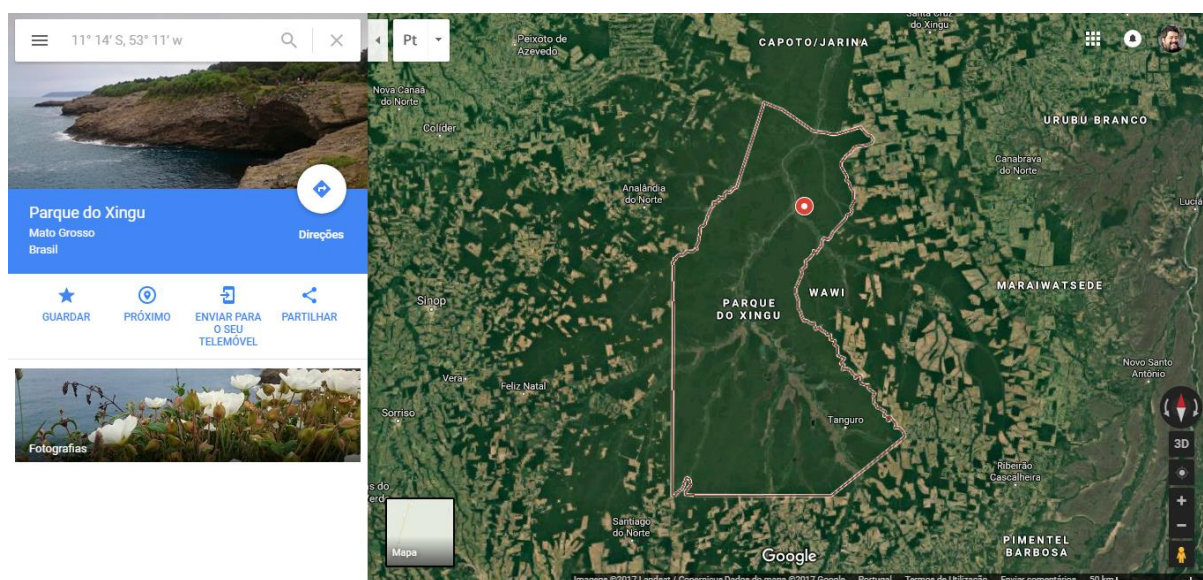


Figura 43. Captura de tela. Google Maps a exibir a região correspondente ao Parque Indígena do Xingu. MOURÃO, 2017.

O conflito na zona do Parque do Xingu entre o setor agropecuário e os indígenas esteve acentuado a ponto de virar tema de samba-enredo de uma escola de samba do Grupo Especial do Carnaval do Rio de Janeiro em 2017, a Imperatriz Leopoldinense. A seguir está um trecho da letra da música que expõe o conflito:

“Salve o verde do Xingu... a esperança
A semente do amanhã... herança
O clamor da natureza
A nossa voz vai ecoar... preservar!

Brilhou... a coroa na luz do luar
Nos troncos a eternidade... A reza e a magia do pajé
Na aldeia, com flautas e maracás
Kuarup é festa, louvor em rituais
Na floresta... harmonia, a vida a brotar
Sinfonia de cores e cantos no ar
O paraíso fez aqui o seu lugar
Jardim sagrado, o caraíba descobriu
Sangra, o coração do meu Brasil
O Belo Monstro rouba as terras dos seus filhos
Devora as matas e secas os rios
Tanta riqueza que a cobiça destruiu”



Figura 44. Membros da etnia Kamayurá apoiam a escola de samba Imperatriz Leopoldinense, Autoria não identificada, 2017.

A repercussão do samba-enredo ganhou as manchetes Brasil afora mesmo antes da apresentação da escola no Sambódromo, principalmente pelo protestos gerados pelo setor do agronegócio, bem como pelos agentes políticos que representam os interesses do setor agrícola.

Assim percebe-se que o conflito continua sensível e socialmente relevante.

4.3 O CORPO AINDA IMPRÓPRIO

De acordo com a filósofa Judith Butler (apud PRINS, BAUKJE, & MEIJER, IRENE COSTERA, 2002):

“A abjeção de certos tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em políticas e na política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da ontologia. Eu me enfureço com as reivindicações ontológicas de que códigos de legitimidade constroem nossos corpos no mundo”.



Figura 45. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel. O batel de Nicolau Coelho. Primeiras relações com os aborígenes. 1900.

Desde os primeiros registros sobre os povos nativos do Brasil que conflitos em relação aos seus corpos são tema recorrente em embates culturais, prevalecendo o julgamento moral pelas partes colonizadoras.

A imagem que abre este capítulo mostra Nicolau Coelho, em 23 de abril de 1500, a entregar roupas aos índios brasileiros, neste que é o primeiro contato direto entre portugueses e nativos americanos. Aqui Pero Vaz de Caminha em sua Carta a El Rei D. Manuel, nos narra como era então:

“Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas

e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam.

(...)

E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquela tintura e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhara, por não terem as suas como ela.”

De acordo com Estevão Rafael Fernandes, no artigo *Luxúria e selvageria na invenção do Brasil: enquadramentos coloniais sobre as sexualidades indígenas* (2016), era comum a distribuição de cruzes e roupas pelos portugueses aos índios, que os retribuía com adereços e ferramentas. O artigo também afirma que o uso das roupas e o incentivo que os índios as vestissem fazia parte da estratégia missionária de regular a sexualidade dos nativos, que eram princípios em voga na Península Ibérica quinhentista.

Outro ponto onde o artigo é fundamental para esta investigação é ao analisar diversos discursos de cronistas, missionários e historiadores, e expor as construções narrativas onde associam as diferentes práticas e costumes indígenas a valores socialmente negativos pelos ocidentais, como a relação entre homoafetividade e canibalismo, os contrastes entre os valores culturais ocidentais e americanos, principalmente em relação ao corpo e à sexualidade. Segundo Fernandes (2016, p. 249):

“A noção de controle sobre o corpo, como forma de refrear os “impulsos sensuais” é algo que se faz presente na maior parte da correspondência e escritos jesuítas dos séculos XVI e XVII no Brasil, bem como nos Exercícios Espirituais de Loyola, síntese da visão prática e teológica inaciana. Dessa maneira, a citação de autores quinhentistas e seiscentistas que retrataram esses aspectos entre os indígenas no Brasil

nos serve como um mosaico do espírito daqueles tempos, nos falando tanto (ou mais) sobre seus autores e sobre a perspectiva europeia, do que necessariamente sobre os povos indígenas com quem eles conviviam.”

De acordo com Fernandes (2016, p. 249) , onde diz que as citações dos autores quinhentistas e seiscentistas acabam por servir de “mosaico do espírito daqueles tempos”, é também possível identificar a afirmação de valores morais através do controle do corpo e dos desejos sexuais na construção das diretrizes e práticas do Facebook.

Ainda segundo Fernandes (2016, p. 255), que ao citar uma passagem de Bartra mostra-nos um possível referencial moral interessante dos jesuítas do século XVI:

“No século XVI, o símbolo mais amplamente utilizado para entender ou designar o outro não era o homem selvagem: era a figura maligna do Demônio. Isso implica que as definições de alteridade, externalidade, anormalidade, dependiam conceitualmente de um eixo vertical cujos pólos opostos eram o mundo inferior infernal e o mundo superior celestial. Essa noção, consagrada pela teologia, atribuía automaticamente aos fenômenos estranhos ou anormais uma conotação negativa e diabólica. Desse modo, os seres humanos dotados de características anormais, quer em sua constituição espiritual ou aspectos físicos, eram suspeitos de manter alguma conexão com o demônio e com as forças do mundo inferior.”

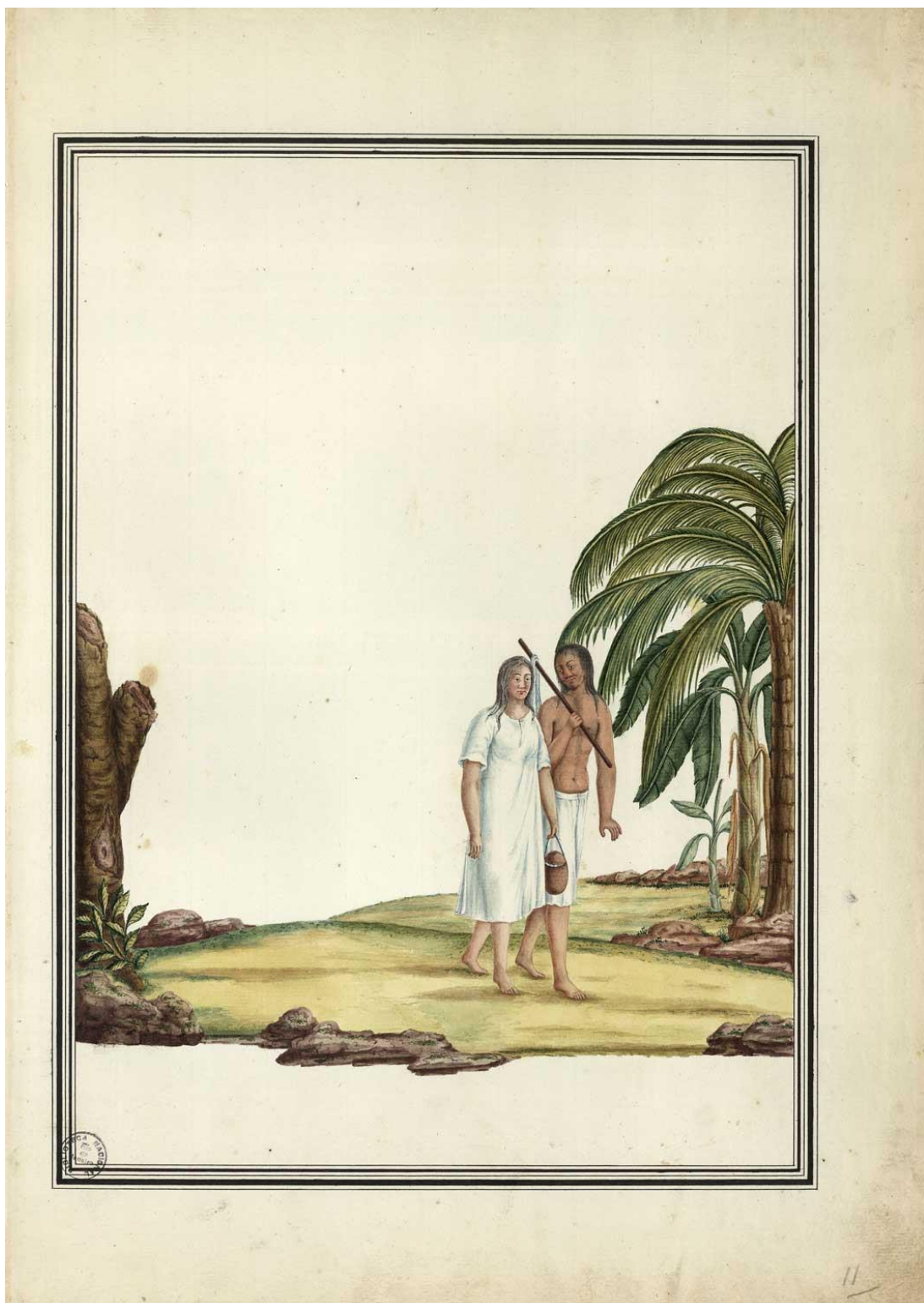


Figura 46. Casal de nativos já catequizados. Biblioteca Digital Luso-Brasileira. JULIÃO, 1740 - 1811.

Nesta ilustração de Carlos Julião, do século XVIII, é interessante observar a narrativa para representar um “casal de nativos já catequizados”, através da exposição das figuras vestidas ao modo ocidental, sem expor os genitais e os mamilos femininos, e com a sugestão de disciplina através dos gestos dóceis e que sugerem a prática de ofícios, bem como pelo cenário que exhibe um ambiente com a influência do trabalho humano (descampado e sugerindo o cultivo das plantas exibidas). Essa representação se contrasta com a representação do índio considerado bárbaro, sem os valores da civilização ocidental, e que vive nu na floresta, tal como na representação de Debret a seguir:



Figura 47. Cabocle, (Indien Civilisé). Biblioteca Digital Luso-Brasileira. DEBRET & MOTTE, 1834.

Entretanto, mesmo sob a ótica do mesmo artista, Jean Baptiste Debret, e com a mesma data, é possível observar na imagem a seguir uma representação com uma narrativa diferente da anterior, agora com uma mistura dos valores ocidentais, representados pelas vestimentas, com o hábito de caça selvagem e a sugestão de luxúria nas personagens femininas, além do cenário com uma paisagem mais selvagem.



Figura 48. Bogres, province de Ste Catherine. DEBRET, 1834.

Assim sendo, é importante observar que não se trata de uma construção linear cronológica e positivista, onde os índios saíram da condição de selvagens nus na selva para a civilização urbana. Em todo o processo colonizatório, bem como na atualidade, a diversidade cultural inerente das etnias, bem como as imposições

externas, sempre coexistiram. Aldeias com diferentes cosmologias e costumes existem desde os tempos pré-colombianos.

Durante a ditadura militar brasileira, por exemplo, entre 1964 e 1985, ocorreram diversos conflitos entre os interesses econômicos e morais por parte dos dirigentes militares e as comunidades indígenas a ponto de muitas comunidades serem extintas e outras ficarem completamente reféns da violência do Estado e das doenças. Outras fontes documentais também expõem o descaso do regime militar brasileiro com os povos nativos, tal como as fotos identificadas pelo jornalista Rubens Valente, autor do livro “Os fuzis e as flechas: História de sangue e resistência indígena da ditadura”, sendo as duas imagens a seguir, parte do acervo selecionado pelo jornalista:



Figura 49: Arquivo Sedoc (Serviço de Gestão Documental) da Funai em Brasília. VALENTE, sem data.

Os índios Cinta-Larga, de Rondônia, também sofreram com as ações de contato do Governo. Fazendeiros e seringalistas reclamavam que estavam sendo prejudicados pelos índios, que flechavam seu gado e atacavam seus trabalhadores. A área de caça da etnia também foi afetada pela construção da BR-364, aberta em 1967. O contato causou inúmeros surtos de doenças entre os índios.⁴²



Figura 50: Arquivo Sedoc (Serviço de Gestão Documental) da Funai em Brasília. VALENTE, sem data.

A ditadura militar também usou os próprios indígenas para promover a perseguição aos índios brasileiros. "Queirós Campos [primeiro presidente da Funai] pôs em prática uma controversa Guarda Rural Indígena, a Grin, e

⁴² Segundo a matéria "*Deslocamentos Forçados*", do El País.

abriu espaço para a abertura de um 'reformatório' indígena, um eufemismo para prisão", relata o jornalista no livro. Os índios recebiam treinamento militar e, em 2012, surgiu a evidência de que também recebiam aulas de tortura. "Imagens feitas pelo documentarista Jesco von Puttkamer, de 5 de fevereiro de 1970, mostram dois índios da Grin carregando, durante uma parada militar, um índio pendurado em um pau de arara", conta Valente.⁴³

As três fotos abaixo, de autoria de Carlos Fausto, fazem parte da exposição "Nus et vêtus comme il faut" (traduzido livremente do francês para o português como "Nús e vestidos à caráter), promovida pela Maison Européenne de la Photographie em 2013, onde o autor problematiza a relação da nudez e da vestimenta entre os Kuikuro, expondo-os em diferentes relações com seus corpos: nus, em rituais, vestidos aos modos ocidentais ou pintados.

⁴³ Segundo a matéria "*Deslocamentos Forçados*", do El País.



Figura 51. Lia a dar banho em seu filho antes de seguir para ritual em outra aldeia. FAUSTO, 2006.

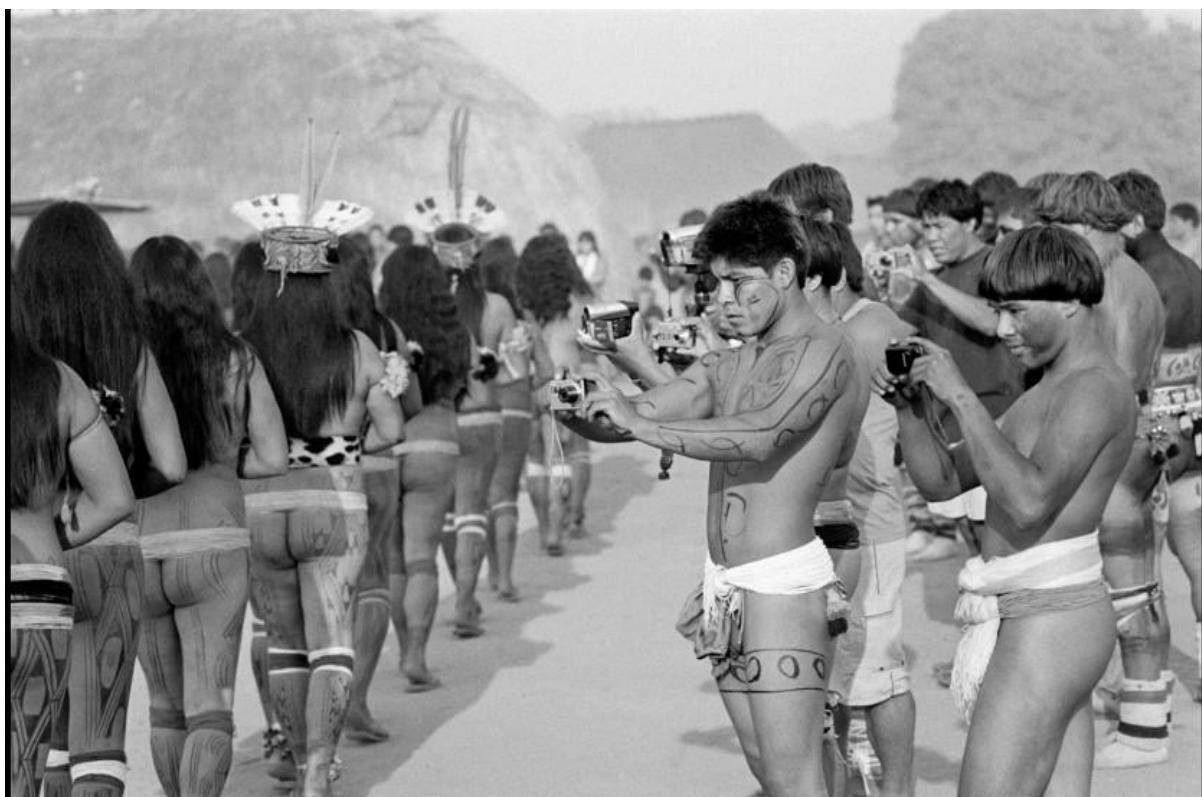


Figura 52. Jovens tiram fotos de mulheres a dançar. FAUSTO, 2006.



Figura 53. O xamã Tago vestido adequadamente para votar nas eleições brasileiras. FAUSTO, 2006.

Mesmo sendo uma pequena amostragem, dentre a coleção formada por 16 fotografias, serve como referência para ilustrar a complexidade nas relações dessas comunidades com seus corpos na contemporaneidade.

5 OUTROS TANTOS CORPOS MARGINALIZADOS

Nos capítulos anteriores abordou-se a evolução da comunicação no período digital através de um breve panorama histórico, bem como o surgimento dos gerenciamentos de conteúdos por parte das grandes plataformas sociais digitais, expondo, principalmente, as limitações que algumas plataformas têm em lidar com a complexidade semântica associada a conteúdos com nudez gráfica.

E para explorar as limitações das redes sociais em gerenciar conteúdos visuais com nudez, optou-se por confrontar a maior e mais influente rede social da atualidade, o Facebook, por meio de dois casos de estudo que foram censurados por exibirem mamilos e órgãos genitais, sem levar em conta seu significado para as referidas comunidades indígenas.

A título de exemplificação, serão expostos abaixo outros casos de censura por parte do Facebook, apenas devido ao aparecimento de partes do corpo consideradas impróprias.

5.1 CASOS GLOBAIS

Muitos são os casos que ganharam notoriedade mundo afora por causa de censuras aplicadas a conteúdos que envolvam às representações do corpo no Facebook. Desde casos de saúde pública aos registros históricos, passando pelas questões de amamentação materna, o nascimento, movimentos sociais e expressões culturais e artísticas, dentre diversas tipologias.

Optou-se por iniciar a exposição dos casos globais por dois casos que contrastam entre si: o TetasxTetas, que utilizou da criatividade para superar as restrições do Facebook ao trabalhar com a exposição das mamas para explicar um

procedimento de autoexame e saúde pública ; e o segundo, a “Menina do Napalm” na página do periódico Aftenposten, que é um exemplo emblemático da restrição do Facebook à nudez.

5.1.1 Casos Globais: Tetas x Tetas.



Figura 54. Livre montagem a partir de frames do vídeo publicitário intitulado *Tetas x Tetas*, produzido pela DAVID The Agency para o Movimiento Ayuda Cáncer de Mama (MACMA), da Argentina. MOURÃO, 2016.

Um exemplo criativo de ação publicitária para superar os paradoxos restritivos das regras do Facebook através do humor foi o vídeo *Tetas x Tetas*⁴⁴, do *Movimiento Ayuda Cáncer de Mama* (MACMA), de 2016. Para conseguir compartilhar em vídeo as instruções do autoexame mamário de prevenção ao cancro de mama, se utilizou do corpo masculino, visto que é permitido a exibição explícita dos mamilos aos homens, diferentemente do mamilo feminino. Em uma única ação conseguiram informar os procedimentos do exame, denunciaram o modo desproporcional que os corpos masculinos e femininos são tratados pela plataforma, como ainda reforçaram a mensagem que os homens também são vítimas potenciais ao cancro de mama, mesmo que em menor probabilidade.

⁴⁴ Vídeo disponível em: <http://www.macma.org.ar/single-post/2016/04/18/TetasxTetas>

“Las tetas de las mujeres, los pezones puntualmente, son censuradas en algunas redes sociales. Incluso si lo que están haciendo es mostrar un autoexamen mamario para reducir el riesgo de cáncer de mama. Pero encontramos un par de tetas que son incensurables: las de Enrique”.
Primeiras falas do vídeo TetasxTetas.

A partir do trecho supracitado, referente às primeiras orações faladas no vídeo TetasxTetas, e ao cruzar as informações do texto narrado “son censuradas en algunas redes sociales” com a imagem do vídeo no mesmo momento, tal como mostrado na Figura 54 (imagem da esquerda), é possível concluir que as redes sociais em questão são o Facebook e o Instagram, que pertencem ao mesmo grupo, o Facebook Inc⁴⁵, e compartilham práticas e regras semelhantes quanto ao gerenciamento de seus conteúdos.

5.1.2 Casos Globais: Menina do Napalm/Aftenposten

Entre os muitos casos de censura sobre conteúdos com nudez não erótica no Facebook, provavelmente o caso mais simbólico seja o da foto conhecida por “Menina do Napalm”, de Nick Ut, censurada da página de um grande periódico, o Aftenposten, e noticiado globalmente por diversos outros veículos de comunicação.

⁴⁵ Mais informações a respeito em: <https://www.facebook.com/pg/facebook/about>



Figura 55. Captura de tela do artigo “Mark Zuckerberg accused of abusing power after Facebook deletes 'napalm girl' post”. MOURÃO, 2017.

O artigo da figura acima é Julia Carrie Wong, na página do The Guardian, de 2016. O artigo expõe a icônica foto do fotógrafo Nick Ut, de 1972, bem como a acusação de abuso de poder pelo Facebook por censurar a foto da página de outro veículo de comunicação, o Aftenposten, da Noruega.



Figura 56. Captura de tela do artigo “Facebook Restores Iconic Vietnam War Photo It Censored for Nudity”, MOURÃO, 2017.

O artigo comentado na figura acima é de Mark Scott and Mike Isaac, na página do The New York Times, de 2016. O artigo trata da republicação da postagem com a foto da “Menina do Napalm”, de Nick Ut, na página do periódico norueguês Aftenposten no Facebook.

A censura sobre a foto da “Menina do Napalm”, de 1972, de autoria de Nick Ut, ocorreu na página do periódico norueguês Aftenposten no Facebook, em setembro de 2016. Primeiro o Facebook enviou um comunicado aos administradores da página exigindo que “removessem ou pixelassem” a imagem, mas em menos de 24 horas a imagem e o artigo foram retirados arbitrariamente pela plataforma.

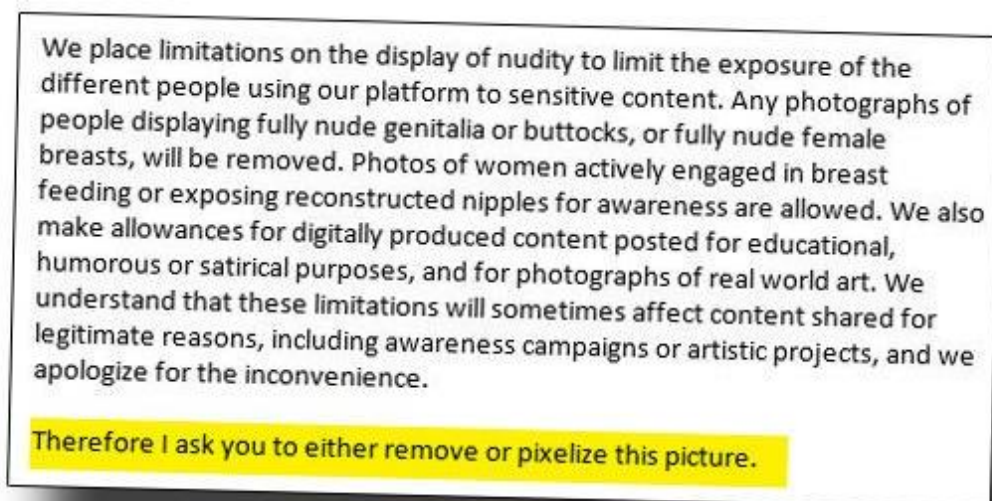


Figura 57. Mensagem enviada pelo Facebook ao Aftenposten. 2016.

Esse gesto do Facebook sobre uma foto de 1972, vencedora do Prêmio Pulitzer⁴⁶ em 1973, e uma das fotografias mais icônicas do século XX⁴⁷, publicada na

⁴⁶ Premiação internacional administrada pela Universidade de Columbia, Estados Unidos, outorgado a trabalhos de excelência em jornalismo e artes, desde 1917.

⁴⁷ Segundo a Time em The Most Influential Images of All Time.

página do maior periódico da Noruega, fez com que Espen Egil Hansen, editor-chefe e CEO do Aftenposten, publicasse em 8 de setembro de 2016, a carta repúdio intitulada *“Dear Mark. I am writing this to inform you that I shall not comply with your requirement to remove this picture.”*.

Nesta carta Hansen expõe diversos argumentos sobre como o Facebook está colocando em risco a democracia global ao interferir nas responsabilidades editoriais dos veículos de comunicação e no cotidiano das pessoas ao limitar o acesso amplo aos mais diversos conteúdos, inclusive os considerados sensíveis.



Figura 58. Espen Egil Hansen, editor-chefe e CEO do Aftenposten, sobre fotomontagem com a foto de Nick Ut. 2016.

Após contextualizar a situação da postagem em questão, sobre a foto de Nick Ut, Hansen (2016) reconhece a relevância e o papel do Facebook na contemporaneidade, inclusive como um importante instrumento de distribuição de conteúdos para o próprio Aftenposten.

“Facebook has become a world-leading platform for spreading information, for debate and for social contact between persons. You have gained this position because you deserve it.

But, dear Mark, you are the world’s most powerful editor. Even for a major player like Aftenposten, Facebook is hard to avoid. In fact we don’t really wish to avoid you, because you are offering us a great channel for distributing our content. We want to reach out with our journalism.”

Após dizer que Mark Zuckerberg é o mais influente editor do mundo atualmente, por interferir na distribuição de conteúdos dos maiores veículos de comunicação do mundo, Hansen diz *“I think you are abusing your power”*, e depois expõe alguns princípios fundamentais às democracias, notadamente ao papel dos veículos de comunicação, e que hoje estão em risco mediante as interferências do Facebook:

“The free and independent media have an important task in bringing information, even including pictures, which sometimes may be unpleasant, and which the ruling elite and maybe even ordinary citizens cannot bear to see or hear, but which might be important precisely for that reason.
(...)

The media have a responsibility to consider publication in every single case. This may be a heavy responsibility. Each editor must weigh the pros and cons.

This right and duty, which all editors in the world have, should not be undermined by algorithms encoded in your office in California.”

Na continuidade da carta, após exemplificar que a partir de interferências externas em conteúdos jornalísticos, seja com censuras ou por modificação de contextos,

em um mundo extremamente complexo culturalmente, sugere que o Facebook pode estar a se comportar de modo fundamentalista ao invés de contribuir com a democracia em um mundo plural, que demanda uma imprensa livre.

Hansen (2016) volta a afirmar que o Facebook é um canal importante para aproximar as pessoas e permitir trocas de experiências, mas não sem provocar sobre a falta de liberdade de expressão dentro da rede:

“You are a nice channel for persons who wish to share music videos, family dinners and other experiences. On this level you are bringing people closer to each other. But if you wish to increase the real understanding between human beings, you have to offer more liberty in order to meet the entire width of cultural expressions and discuss substantial matters.”

E para finalizar, Hansen (2016), em nome do Aftenposten, volta a afirmar o posicionamento arbitrário do Facebook a partir dos abusos de poder através de sua intolerância no gerenciamento de conteúdos sensíveis e complexos em escala global, interferindo na pluralidade cultural do mundo:

“And then you have to be more accessible. Today, if it is possible at all to get in touch with a Facebook representative, the best one may hope for are brief, formalistic answers, with rigid references to universal rules and guidelines. If you take the liberty to challenge Facebook’s rules, you will be met – as we have seen – with censorship. And if someone will protest against the censorship, he will be punished, as Tom Egeland was.

I could have continued, Mark, but I have to stop at this point. I have written this letter to you because I am worried that the world’s most important medium is limiting freedom in stead of trying to extend it, and that this occasionally happens in an authoritarian way. But I am also writing – and I

hope you will understand this – because I take a positive attitude to the possibilities that Facebook has opened up. I only hope that you will utilize the possibilities in a better way.

Sincerely yours Espen Egil Hansen Editor-in-chief and CEO Aftenposten”

5.1.3 Casos Globais: as mulheres

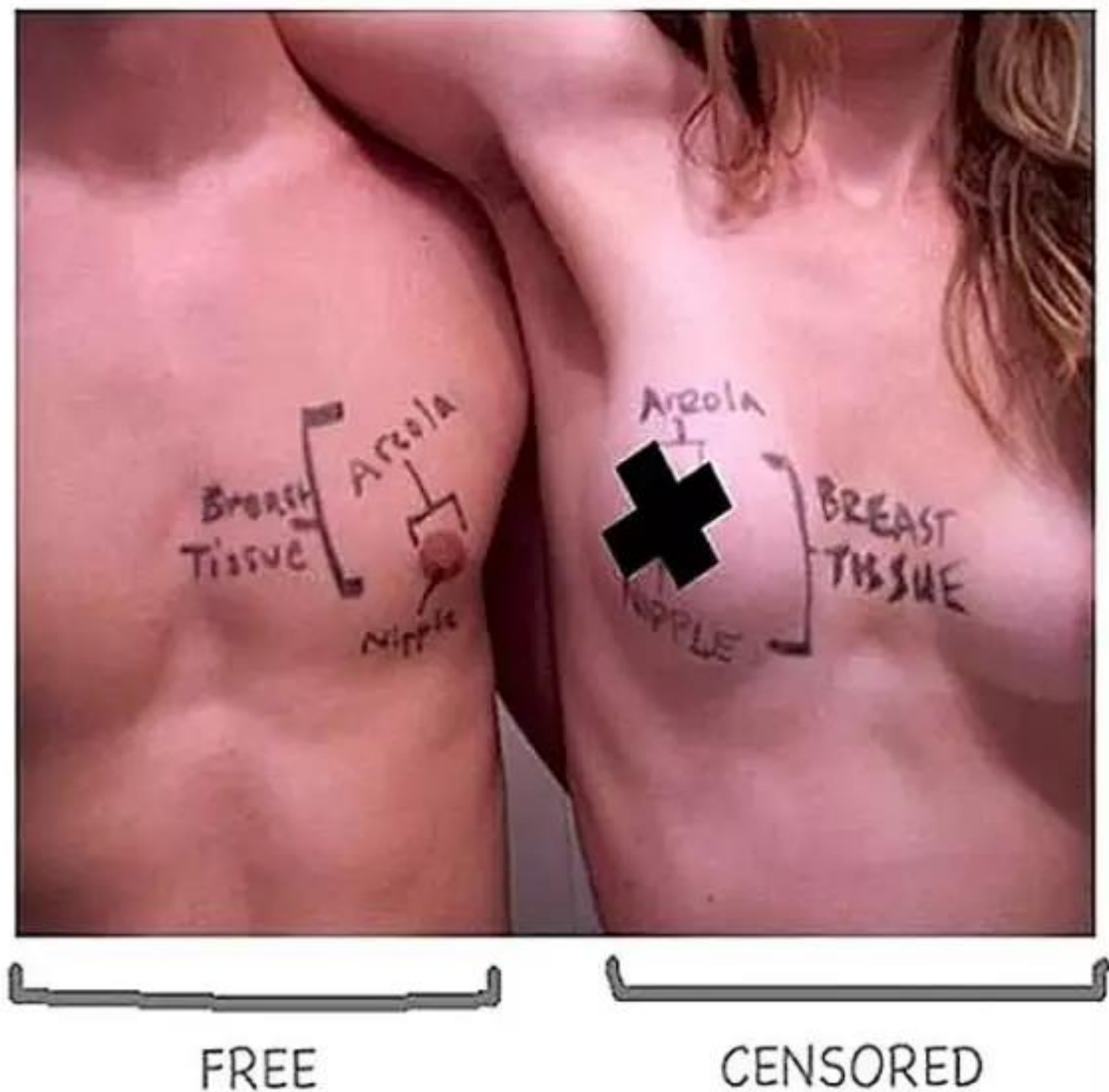


Figura 59. Imagem retirada do Instagram da modelo britânica Cara Delevingne em apoio à campanha Free The Nipple. DELEVINGNE, 2014.

Os casos de estudo desta investigação, como também os dois primeiros casos globais supracitados, apontam para o corpo feminino um maior controle por parte do Facebook, e demais serviços administrados pelo conglomerado do Facebook

Inc. Além dos casos já expostos, é perceptível mesmo nas regras da própria rede social que o corpo feminino tem a sua liberdade de exposição ainda mais restrita que o masculino. Afinal, quando o Facebook diz que “restringimos algumas imagens de seios que mostram os mamilos”, identifica-se em suas práticas de gerenciamento que as “algumas imagens” se referem principalmente as que correspondem aos corpos femininos, tal como aponta o movimento *Genderless Nipples* que, no Instagram, explora os limites sexistas nas práticas de censura através da tênue fronteira entre o mamilo tolerado, o masculino, e o intolerado, o feminino, pelas regras de suas comunidades.

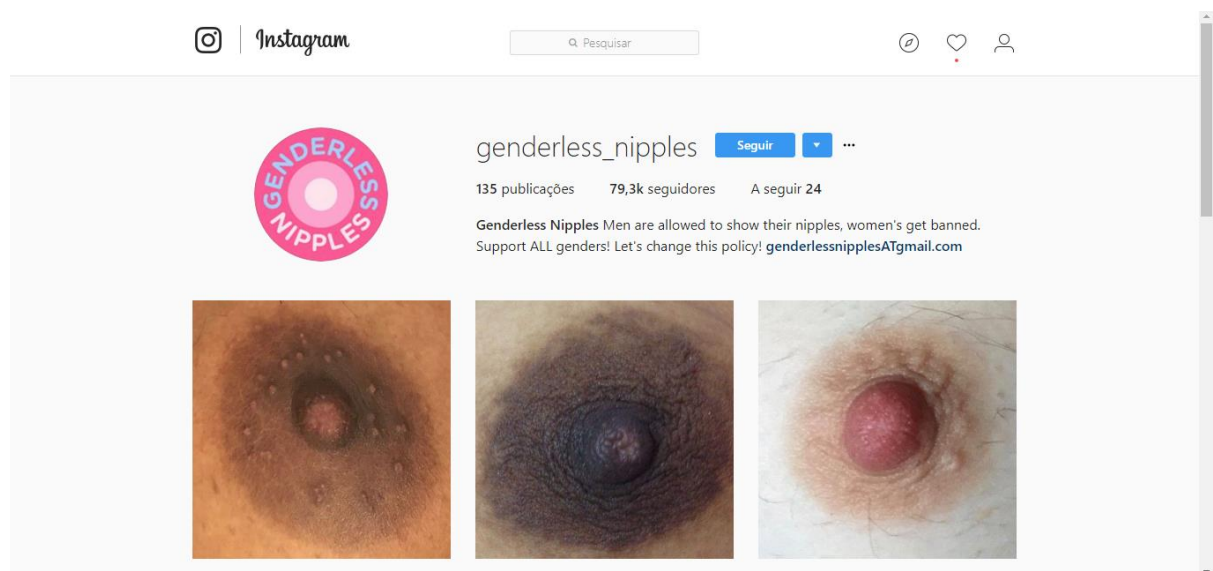


Figura 60. Captura de tela da página do Genderless Nipples no Instagram. MOURÃO, 2017.

As fotografias são ocupadas em sua totalidade apenas pela imagem de um único mamilo, retirando-se todas as outras informações que podem associar este detalhe anatômico a um gênero, um corpo, identificável. Assim o *Genderless Nipples* desafia os instrumentos de controle de conteúdo do Instagram a rever as suas regras para também permitir que os mamilos femininos sejam aceitos pela rede social pertencente ao grupo Facebook Inc. Abaixo a mensagem da sua página inicial no Instagram:

“You wanna be part of our change?! Send us that nipnip! □□□□□
(completely anonymous!)”

O movimento apoia a participação de qualquer usuário que queira fazer parte do desafio provocativo, bastando que o indivíduo envie uma imagem de seu mamilo de acordo com as regras expostas em mensagens publicadas em seu perfil:

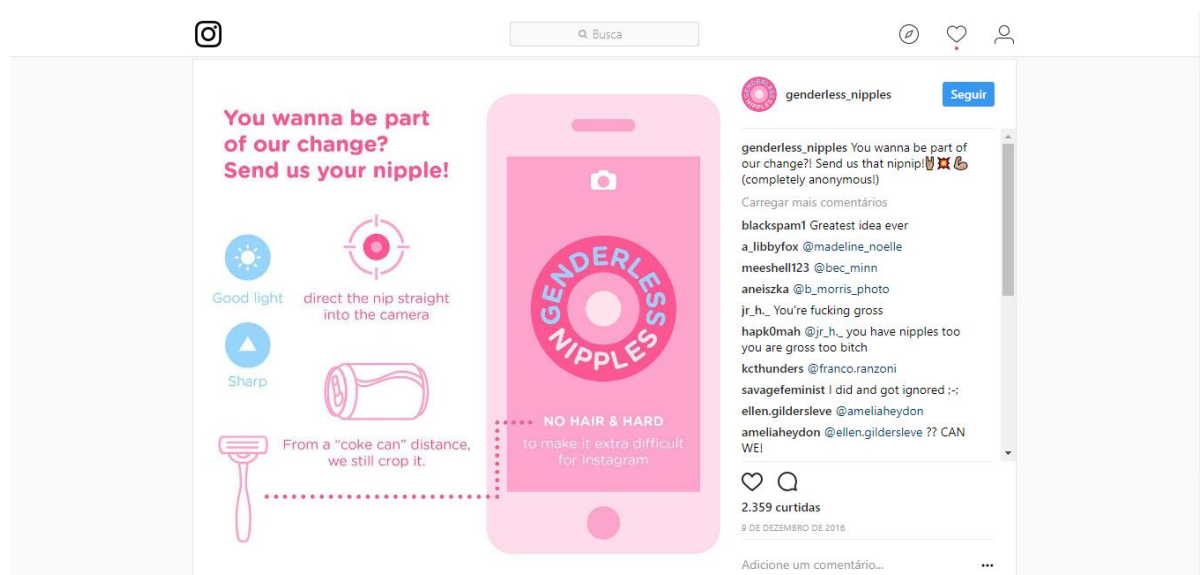


Figura 61. Captura de tela das regras para participação no movimento Genderless Nipples. MOURÃO, 2017.

Pela diversidade morfológica dos mamilos, independentemente do sexo, é pouquíssimo provável a identificação de um sexo apenas por este detalhe anatômico. Assim o Genderless Nipples explora o sexismo presente nas regras da plataforma e desafia o público e a rede social ao debate sobre conteúdos não sexuais que envolvam a representação do corpo, bem como exigem tratamentos igualitários entre os gêneros.

Outro movimento em defesa da equidade no tratamento entre os gêneros é o Free The Nipple, que também explora essa lacuna sexista em relação aos mamilos.



Figura 62. Imagem de divulgação do movimento Free the Nipple. 2017.

No entanto, diferentemente do Genderless Nipples, o Free the Nipple não é um movimento nativamente digital. O movimento tem sua origem em 2014 a partir do lançamento do filme homônimo, da diretora Lina Esco, onde questiona os tabus relativos às mamas femininas na sociedade estadunidense.

Desde o lançamento do filme diversas manifestações em favor da igualdade, empoderamento e liberdade entre os seres humanos se utilizam das diretrizes do Free the Nipple como uma de suas reivindicações, comumente identificadas pela *hashtag* #freethenipple.

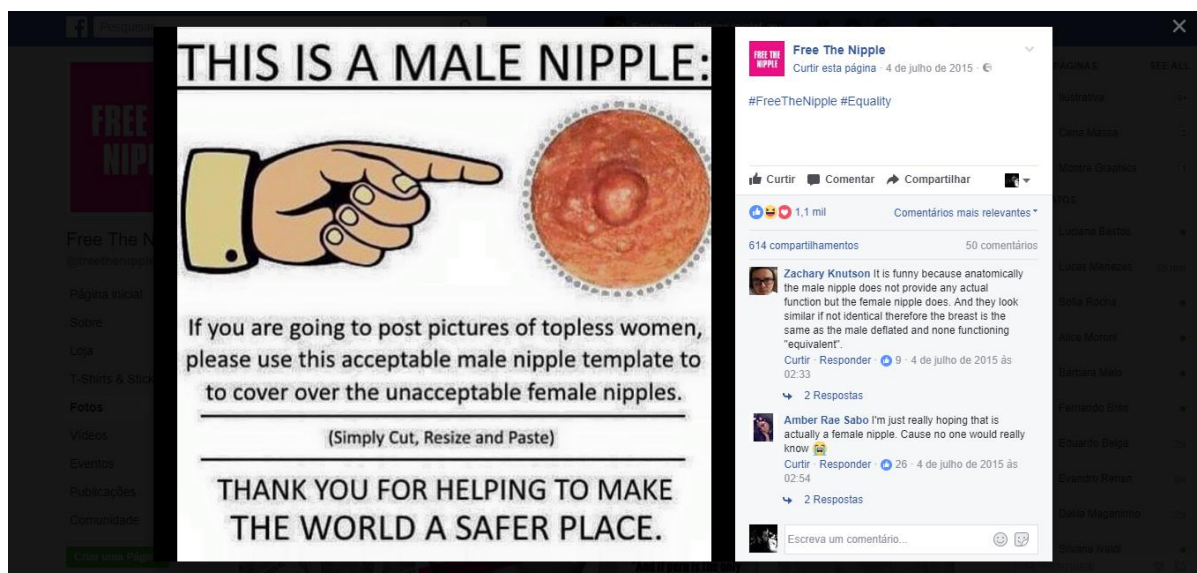


Figura 63. Captura de tela do Free The Nipple. MOURÃO, 2017.

A figura acima é sobre a campanha provocativa promovida pela página do movimento Free The Nipple no Facebook, que recomenda aos usuários que se utilizem da imagem de um mamilo alegadamente masculino sobre fotos de seios femininos explícitos como alternativa para legitimar as imagens nas redes sociais intolerantes.

Ambos os movimentos, o Genderless Nipples e o Free The Nipple, fazem parte de um cenário complexo e orgânico de mobilizações sociais em luta pelos direitos sociais, notadamente pela equidade de direitos entre homens e mulheres, o que inclui também o rompimento com as doutrinas morais sobre o corpo, principalmente o feminino.

5.1.4: Casos Globais: As mulheres a amamentar



Figura 64. Captura de tela do artigo “Facebook removes mother's breastfeeding photo”. MOURÃO, 2017.

A figura acima é do artigo que expõe a censura aplicada pelo Facebook sobre a foto de Emma Bond a amamentar sua filha pela primeira vez, sob a alegação de conter nudez ofensiva.

Em continuidade aos casos relacionados ao corpo feminino, mesmo que as redes sociais e serviços do grupo Facebook Inc. ao longo dos anos estejam a revisar suas regras, foram muitas as polêmicas denunciadas por mulheres que tiveram suas fotos a amamentar seus filhos retiradas de suas páginas pessoais.

Mesmo que a regra do Instagram atualmente diga que “mulheres amamentando são permitidas”⁴⁸, casos recentes de censura sobre imagens contendo amamentação, como o denunciado pela atriz argentina Griselda Siciliani, em 2016, não são incomuns.

⁴⁸ Segundo suas Diretrizes da Comunidade (2017).



Figura 65. Captura de tela de postagem no Twitter Griselda Siciliani. MOURÃO, 2017.

A atriz argentina, Griselda Siciliani, utilizou-se do Twitter para comunicar seus seguidores sobre a censura aplicada pelo Instagram sobre uma foto dela a amamentar sua filha, e descrita pela atriz como “a foto mais terna do mundo”, e que a rede social julgou inadequada pelas suas Diretrizes da Comunidade.



Figura 66. Captura de tela da página do “*Hey Facebook, breastfeeding is not obscene!*”. MOURÃO, 2017.

Uma das iniciativas coletivas mais antigas a esse respeito é a petição “*Hey Facebook, breastfeeding is not obscene!*”, mantida em um grupo no próprio Facebook⁴⁹, onde desde 2008 recolhem assinaturas de mães em busca pelo direito de expor os registros de sua rotina com sua prole, principalmente em relação ao ritual da amamentação.

⁴⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/BreastfeedingIsNotObscene/>



Figura 67. Captura de tela do artigo “ ‘Amamentar não é obsceno’, mas o Facebook não gosta disso”. MOURÃO, 2017.

No artigo “ ‘Amamentar não é obsceno’, mas o Facebook não gosta disso”, na página do jornal Público (figura 67), Ana Chaves denuncia que além de retirar as imagens de mães a amamentar, o Facebook também desativou as contas de algumas usuárias por julgar suas imagens como “conteúdo impróprio”.

5.1.5: Casos Globais: as mulheres a parir

Tal como com os conteúdos gráficos com imagens de mulheres a amamentar, as representações do parto ocasionalmente também são classificadas como conteúdos inadequados, que por serem interpretados como sensíveis a determinada audiência, são eliminados dos fluxos de suas *timelines*.



Figura 68. Respect your mother. GALLO, 2015.

Ao ter suas fotos censuradas no Facebook, a doula e fotógrafa australiana especializada em registros de nascimentos concedeu uma entrevista à Laura Rodrigues Castro, pela revista Vice, intitulada “Facebook Thinks Birth Photography Is a Type of Porn”, para denunciar os paradoxos de algumas redes sociais que

insistem em classificar as representações de nascimentos como conteúdos pornográficos ou de violência explícita. Segundo Castro (2016):

“Under the community standards for many social media sites, a baby crowning through a mother’s vagina is defined as pornographic and explicitly violent. Australian-based birth photographer and doula (birth attendant) Angela Gallo is very familiar with these messages. Every time she uploads photographs from the births of families she works with, they get taken down.”

Em uma parte da entrevista, a fotógrafa e doula Angela Gallo reconhece que as fotografias de vaginas expostas por mulheres a darem a luz pode ser inconveniente para alguns usuários, mas diz que mesmo em fotos de partos cesarianas as imagens são banidas ao serem classificadas como conteúdos com “violência explícita”, tal como exposto a seguir:

“Look, I understand that not everybody wants to see boobs and vaginas on their timeline, but there are alternatives and there has to be a compromise. Even caesarean birth images are getting banned because they’re “explicit acts of violence and aggressiveness.” Censoring is really symptomatic of a system that needs addressing in general, where porn is more normal than birth, but birth is called porn.”

Nesse fragmento é possível perceber alguns elementos semânticos que provavelmente criam os conflitos para os sistemas/agentes que julgam essas imagens. Descritivamente existem elementos que não são permitidos pelas regras das comunidades do Facebook, como “fotos de pessoas exibindo órgãos genitais”, no caso da representação do parto, a vagina. Entretanto, a imagem de uma mulher em trabalho de parto não pode ser classificada como conteúdo erótico, mesmo com a exposição explícita de sua vagina e seus seios, bem como

a presença de sangue e dor não pode ser identificada como violência⁵⁰, como se houvesse um agressor, ou vítima, em cena. São imagens que possuem elementos formais pertencentes a grupos semânticos pertencentes ao erotismo e à violência, mas que contextualmente não fazem parte destas categorias.

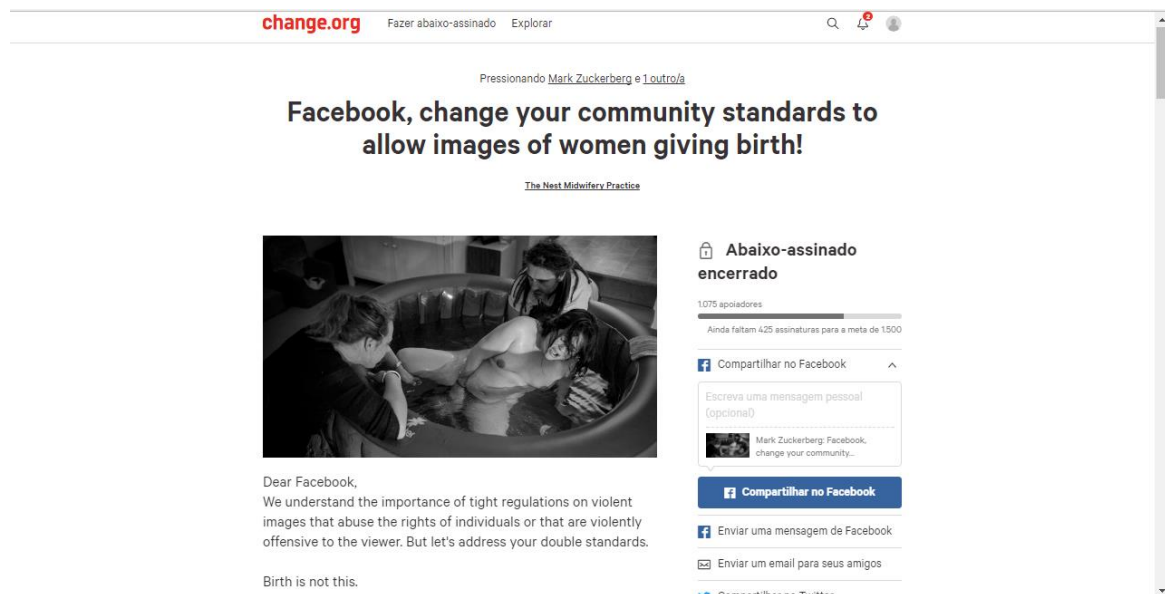


Figura 69. Captura de tela do abaixo-assinado online “Facebook, change your community standards to allow images of women giving birth!”. MOURÃO, 2017.

O abaixo-assinado na plataforma online de petições change.org (figura 69) objetiva a flexibilização das regras do Facebook em relação aos registros dos nascimentos compartilhados na rede, defendendo a retirada de critérios subversivos associados às representações do nascimento, como o erotismo ou a violência, além de defender o empoderamento das mulheres através desse poder exclusivamente feminino. Na carta da petição feita para o Facebook em 2016, esclarece-se:

⁵⁰ “Violence is the intentional use of physical force or power, threatened or actual, against oneself, another person, or against a group or community, which either results in or has a high likelihood of resulting in injury, death, psychological harm, maldevelopment, or deprivation.”, segundo a World Health Organization (WHO).

“Dear Facebook,

We understand the importance of tight regulations on violent images that abuse the rights of individuals or that are violently offensive to the viewer. But let's address your double standards.

Birth is not this.

An image of a woman in her power, raw and unhindered, doing as her body is designed to, does not threaten humanity. It empowers women. It shows other women not to fear birth and instead, find strength in knowing that their bodies were built for giving life and not for just giving sexual gratification.”

5.2 O CORPO PERIGOSO

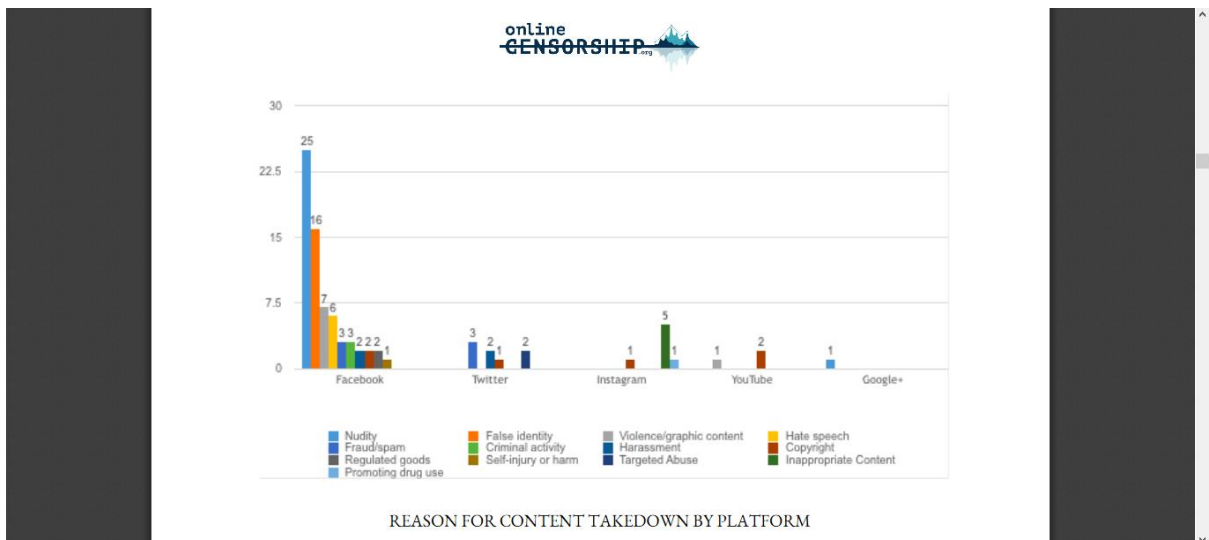


Figura 70. Captura de tela do relatório “UNFRIENDING CENSORSHIP: Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship”, (p.7). MOURÃO, 2017.

No relatório disponibilizado pela onlinecensorship.org, (a mostrar acima o gráfico com o resultado das motivações das censuras aplicadas nas redes sociais, em março de 2016) sobre as tipologias, motivações e impactos sobre as censuras aplicadas por seis redes sociais (Facebook, Flickr, Google+, Instagram, Twitter e Youtube), foram recolhidas 161 contribuições de usuários que foram censurados nessas plataformas.

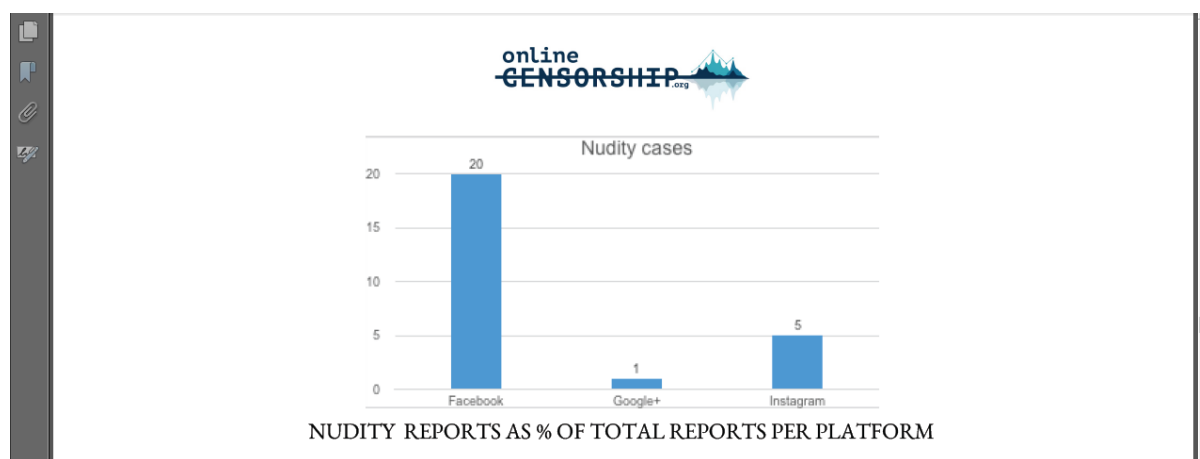


Figura 71. Captura de tela do relatório “UNFRIENDING CENSORSHIP: Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship”, (p. 13). MOURÃO, 2017.

O Facebook foi a plataforma com o maior número de censuras denunciadas (67 casos), e o motivo principal foi a nudez (26 casos). A maioria dos casos de censura por nudez foram aplicadas pelo Facebook (20 casos), e os demais casos pelo Instagram (5 casos) e Google+ (1 caso), como mostra a figura 71.

Mesmo para um universo gigantesco e em contínuo crescimento, como são as redes sociais, o relatório expõe um resultado significativo em relação a moderação de conteúdos com nudez dentro de sua amostragem. Perante outros conteúdos considerados socialmente inadequados, como a falsidade ideológica, atividades criminais, discursos de ódio, conteúdos violentos, dentre outros, a nudez foi a maior razão motivadora das censuras denunciadas ao estudo.

maio 23, 2017

No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade

Por Monika Bickert, diretora global de Políticas de Conteúdo do Facebook.

No mês passado, foram compartilhados no Facebook muitos vídeos hediondos e sérias vítimas de ataques químicos. Os vídeos, que também estavam espalhados


 Seguir ...

Figura 72. Captura de tela do artigo “No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade”. MOURÃO, 2017.

Em um artigo disponibilizado em 21 de maio de 2017, intitulado “*No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade*”, escrito por Monika Bickert, diretora global de Políticas de Conteúdo do Facebook, o argumento principal para revisão de conteúdos compartilhados pela plataforma é a segurança, tal como apontado no título. Trata-se do documento público mais atual sobre as políticas de conteúdo do Facebook assinado por uma autoridade global da plataforma. Este artigo serve como resposta às denúncias feitas pelo jornal britânico *The Guardian* dois dias antes⁵¹, que ao ter acesso a documentos de treinamento dos revisores de conteúdos da rede social, expôs os critérios até então secretos do Facebook, bem como suas ambiguidades e complexidade. As denúncias publicadas pelo jornal *The Guardian* serão trabalhadas ao longo do capítulo como forma de complementar a complexidade em relação às políticas adotadas pelo Facebook para moderar os conteúdos relativos à nudez.

⁵¹ Para mais informações acesse: Revealed: Facebook's internal rulebook on sex, terrorism and violence. *The Guardian*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2017/may/21/revealed-facebook-internal-rulebook-sex-terrorism-violence> .

Ao longo do artigo de Monika Bickert (2017), foram citados três casos classificados como hediondos, para ilustrar a necessidade de se gerenciar conteúdos classificados como sensíveis:

Crianças vítimas de armas químicas

“No mês passado, foram compartilhados no Facebook muitos vídeos hediondos de crianças sírias vítimas de ataques químicos. Os vídeos, que também estavam espalhados por toda a internet, mostravam crianças tremendo, em dificuldade para respirar e, eventualmente, morrendo.”

Críticas à monarquias

“No Reino Unido, fazer críticas à monarquia pode ser aceitável. Em algumas partes do mundo, isso levará a pessoa para a cadeia.”

Suicídio

“Quando uma garota em Georgia, nos Estados Unidos, tentou se suicidar duas semanas atrás enquanto fazia uma transmissão pelo Facebook Live, seus amigos puderam notificar a polícia, que conseguiu salvá-la.”

No decorrer do texto nenhum caso real foi utilizado para ilustrar a questão da nudez. A nudez foi citada em apenas um parágrafo, que diz:

“Arte e pornografia não são sempre fáceis de se distinguir, mas identificamos que imagens de nudez geradas digitalmente têm chance maior de ser pornografia do que imagens desenhadas à mão, então nossa política reflete isso.”

Em um outro momento o corpo foi abordado de modo indireto, através do tema “auto-mutilação”:

“Como publicado pelo jornal britânico The Guardian, especialistas em auto-mutilação aconselharam que poderia ser melhor não interromper a transmissão de vídeos ao vivo sobre auto-mutilação, para que as pessoas possam ser alertadas e ajudadas, e que esses vídeos deveriam ser retirados da plataforma posteriormente para prevenir cópias e edições do material.”

No referente artigo, a nudez é referenciada uma única vez e o termo está associado a pornografia, pois na mesma oração os dois termos encontram-se associados: “mas identificamos que imagens de nudez geradas digitalmente têm chance maior de ser pornografia” (alguns termos foram livremente destacado pelo autor).

O artigo também condiciona os conteúdos com nudez a arte ou pornografia, como pode ser visto no fragmento a seguir:

“Arte e pornografia não são sempre fáceis de se distinguir, mas identificamos que imagens de nudez geradas digitalmente têm chance maior de ser pornografia do que imagens desenhadas à mão, então nossa política reflete isso.” (alguns termos foram livremente destacado pelo autor).

Este fragmento também expõe um aspecto peculiar em relação às classificações dos conteúdos sensíveis praticada pelo Facebook, onde identifica-se a necessidade de uma investigação específica mais aprofundada na área da literacia visual, a fim de compreender os critérios adotados pelos desenvolvedores das políticas de conteúdos da plataforma, ao afirmarem que “imagens de nudez geradas digitalmente têm chance maior de ser pornografia do que imagens desenhadas à mão”. Afinal, em termos narrativos e contextuais, quais são os limites que diferenciam essas linguagens?

De acordo com o maior vazamento midiático sobre as regras e treinamentos de revisores de conteúdos para o Facebook, disponibilizado pelo jornal The Guardian no dia 21 de maio de 2017, em nome de Nick Hopkins, e intitulada “*Revealed: Facebook's internal rulebook on sex, terrorism and violence*”, que baseado em mais de 100 documentos restritos, apontam as complexidades e ambiguidades de suas políticas e práticas para revisão de conteúdo, como também sugere a desproporcionalidade nas práticas de censura à nudez não sexual frente ao conteúdos violentos.

Como revelado pelos artigos do The Guardian, em muitos conteúdos classificados como violentos, diferentes práticas de revisões são aplicadas: algumas não sofrem nenhuma intervenção pela plataforma, outras recebem marcações como conteúdos perturbadores, e alguns se mantêm online mas com acompanhamento (vídeos em direto) a fim de acompanhar a evolução do potencial de risco do caso ou mesmo, se necessário, acionar os serviços públicos de segurança ou saúde, como informa a mensagem de Hopkins (2017) a seguir:

“Videos of violent deaths, while marked as disturbing, do not always have to be deleted because they can help create awareness of issues such as mental illness.

Some photos of non-sexual physical abuse and bullying of children do not have to be deleted or “actioned” unless there is a sadistic or celebratory element.

Photos of animal abuse can be shared, with only extremely upsetting imagery to be marked as “disturbing”.

(...)

Facebook will allow people to livestream attempts to self-harm because it “doesn’t want to censor or punish people in distress”.

“Estabelecer políticas que mantenham as pessoas seguras e permitam que elas se expressem livremente significa compreender o surgimento de novos debates sociais e como eles se manifestam online, e ser capaz de responder rapidamente a milhões de denúncias que recebemos semanalmente de pessoas de todo o mundo.”

A fim de compreender a necessidade e o modelo de controle de conteúdos nas redes sociais digitais, optamos por realizar um pequeno comparativo com outra rede social online globalmente relevante: o Twitter.

Tal como o Facebook, o Twitter também é uma rede social que atende corporações e instituições, uso profissional e comercial, para além da comunicação entre amigos e parentes.

É notório o uso do Twitter como instrumento oficial de comunicação institucional por governos em todo o mundo, sendo o presidente estadunidense Donald Trump uma das contas mais influentes atualmente, identificada por @realDonaldTrump⁵², com mais de 37 milhões de seguidores.

O próprio governo português identifica o Twitter como a sua plataforma social exclusiva em seu site institucional, como demonstrado na imagem abaixo:

⁵² Veja perfil em: <https://twitter.com/realdonaldtrump>.



Figura 74. Captura de tela da página inicial do site oficial do Governo de Portugal. MOURÃO, 2017.

No canto superior esquerdo estão os três ícones dos serviços de comunicação: Twitter (em destaque azul), RSS e email.

O Twitter é uma rede social popularmente utilizada para a divulgação instantânea de notícias e comunicados oficiais, como pode ser exemplificado na mensagem abaixo, com o presidente dos Estados Unidos a tratar de assuntos relativos à Alemanha e à NATO⁵³.

⁵³ Organização do Tratado do Atlântico Norte, aliança militar intergovernamental entre as nações da América do Norte e Europa

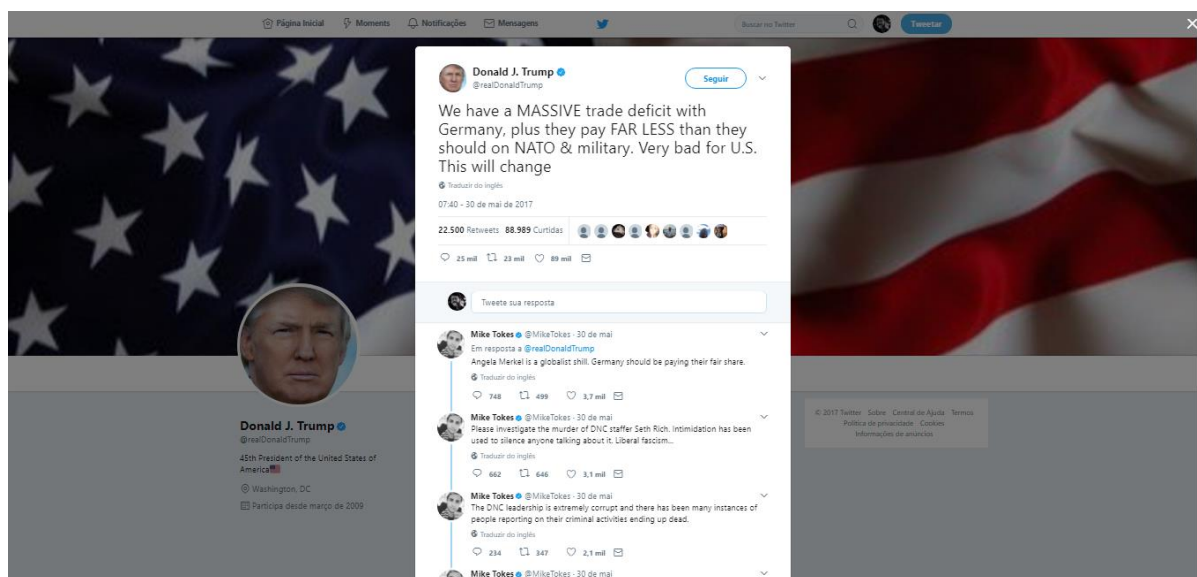


Figura 75. Captura de tela da conta de Donald Trump no Twitter. MOURÃO, 2017.

No tuíte em destaque, o presidente dos EUA acusa a Alemanha de não contribuir adequadamente com os seus compromissos junto à NATO.

Mesmo com uma base de usuários muito inferior à do Facebook, é possível afirmar-se tratar de uma plataforma social online reconhecidamente relevante no cenário global ao ser utilizada por grandes instituições, pessoas influentes e governos mundo afora.

Desse modo assumimos o Twitter como um bom instrumento comparativo a fim de verificar como uma outra plataforma social online estabelece a sua relação com o símbolo corpo, notadamente aos conteúdos visuais com nudez.



Figura 76. Captura de tela com detalhe do ambiente de configuração de conta no Twitter. MOURÃO, 2017.

Nessa imagem acima está representada a interface de controle do usuário em relação aos conteúdos possivelmente sensíveis, incluindo a nudez.

Para o Twitter, nas suas regras, “todos devem ter o poder de criar e compartilhar ideias e informações instantaneamente, sem qualquer obstáculo”, mas para viabilizar essa experiência também existem regras de comportamento que precisam ser seguidas.

Muitas das regras de conduta são para impedir o uso do serviço “para finalidades ilegais ou como auxílio a atividades ilegais”, segundo sua política de conteúdo de mídia, como os discursos de ódio, assédios, exposição de informações pessoais de terceiros, falsidade ideológica, usos de táticas comerciais abusivas (Spams, malwares, dentre outros artifícios), e outras formas de comportamentos abusivos que coloquem indivíduos ou a comunidade em risco.

Para os conteúdos, o Twitter preocupa-se especialmente com o direito de distribuição pelo usuário, garantindo assegurar a integridade dos direitos dos autores e marcas, bem como seus representantes legais. Mas para além das características legais dos conteúdos, a rede social possui um campo específico para os conteúdos gráficos compartilhados, nas suas regras:

“Conteúdo gráfico: você não pode usar mídia pornográfica ou excessivamente violenta em sua imagem de perfil ou imagem da capa. O Twitter poderá permitir o uso de algumas formas de conteúdo gráfico em Tweets marcados como conteúdo multimídia sensível. Quando o conteúdo ultrapassar o limite e mostrar imagens de pessoas mortas de forma gratuita, o Twitter poderá solicitar que você remova o conteúdo em respeito aos falecidos.”

Em um artigo mais detalhado sobre as políticas de conteúdos de mídia, acrescentam que tal como com a imagem de perfil e capa, ao usuário também não é permitido compartilhar conteúdos explícitos que contenham pornografia ou violência excessiva através do seu serviço de vídeo em direto.

Retirando essas condições que envolvem a imagem de perfil e capa (página de apresentação do usuário, semelhante ao perfil do Facebook), e os vídeos em direto, bem como as condições legais em relação aos direitos de distribuição dos conteúdos pelo usuário, o Twitter apresenta práticas de gerenciamento de conteúdo com foco na auto regulação pelos utilizadores, tanto no que diz respeito ao conteúdo a ser compartilhado, quanto ao que será visto/consumido. O usuário tem o controle das definições quanto aos conteúdos sensíveis, nudez, sexo e violência, tanto como emissor, quanto como espectador.

Para um usuário partilhar conteúdos com nudez, é recomendado que configure seus conteúdos como possíveis de conter material potencialmente sensíveis para alguns públicos, como explicado na sua política de conteúdo de mídia:

“Se você marcar apropriadamente suas configurações de conteúdo de mídia, o Twitter poderá identificar conteúdo possivelmente sensível e que outros usuários talvez não queiram ver, como violência ou nudez. Se você

pretende publicar regularmente esse tipo de conteúdo, solicitamos que ajuste sua configuração de conteúdo de mídia:

(...)

Marcar o conteúdo multimídia que eu tweetar como material que possa ser sensível ou impróprio. Observação: com a ativação dessa configuração, as outras pessoas verão uma mensagem, ao visualizarem seu perfil, na qual serão alertadas sobre o conteúdo de mídia possivelmente sensível, e será solicitado que elas confirmem se querem vê-lo mesmo assim.”

De acordo com o restante do artigo com o detalhamento das regras, caso o usuário emissor das imagens não tenha configurado corretamente o seu conteúdo como sensível, outros usuários podem denunciar o conteúdo como inapropriado para alguns públicos, o que direcionará o conteúdo para análise pela plataforma, o que poderá identificá-lo como possivelmente sensível. Assim, para os usuários que mantiveram suas configurações no modo padrão, estes conteúdos aparecerão com uma mensagem de “conteúdo possivelmente sensível e solicitando que elas confirmem se ainda assim querem vê-lo”. Para os usuários que alteraram a sua configuração, permitindo visualização de conteúdos possivelmente sensíveis, a mensagem não será exibida.

Desse modo, obedecendo as condições legais e cumprindo com as configurações determinadas, os usuários têm o poder de compartilhar conteúdos que envolvam nudez sem a preocupação de serem censurados por regras ambíguas, restritivas e sexistas.

Em nenhum momento as regras do Twitter abordam questões com detalhes anatômicos ou contextos específicos em relação ao corpo que poderiam ser interpretadas de modo sexista ou prejudicial a grupos sociais específicos. A plataforma sequer apresenta um conceito de nudez.

De modo semelhante ao que ocorre com os usuários que pretendem partilhar conteúdos possivelmente sensíveis, aos usuários que não desejam visualizar esses conteúdos, basta que se mantenha a configuração de privacidade e segurança no modo padrão da plataforma, assim quando se confrontarem com um conteúdo classificado como potencialmente sensível, serão anteriormente informados por mensagens, e assim optam por visualizá-lo ou não.

5.4 O CORPO SUPER MEDIADO

Tal como visto ao longo desta investigação, diversas iniciativas de gerenciamento de conteúdos nas novas plataformas sociais digitais utilizam o símbolo corpo como critério de categorização de conteúdos, principalmente quando o corpo apresenta-se em sua plenitude, o corpo nu.

Com o crescimento da quantidade de usuários e o volume de dados partilhados nas redes, o controle sobre os conteúdos tornou-se cada vez mais desafiador para as plataformas.

Para tanto, o Facebook necessita recolher continuamente informações profundamente detalhadas de seus usuários, organizando-as em estratégias e ações de execução complexas e precisas, e tudo isso com direcionamentos individualizados para mais de dois bilhões de usuários, tal como pode ser observado na entrevista com Yann LeCun (2017), diretor do departamento de inteligência artificial do Facebook e professor de ciência da computação na Universidade de Nova Iorque, para Quentin Hardy (2015), do The New York Times:

“Facebook is in the business of connecting people, giving them the information that is informative, entertaining, necessary even if painful, to

help them reach their goals. Based on the amount of posts, pictures and news items someone typically gets, we could show you 2,000 things a day. But people's time is precious, and we can only show about 100 to 150 things a day. They should be the most useful ones.

To do that efficiently we have to know what is in the content. We do that by labeling images, recognizing faces or classifying text. And we have to know your interests, what you want to do, who your friends are in different situations.”

Desse modo, a mediação dos conteúdos e serviços possui o objetivo de tornar a plataforma em um ambiente agradável ao gosto de cada usuário, a super personalização. E para ser um ambiente agradável, é necessário evitar conteúdos negativos, difíceis, que gerem ruído na *timeline* dos usuários a fim de mantê-los o maior tempo possível na plataforma, entretendo-os, e nunca confrontando-os. O objetivo é um mundo virtualmente positivo.

Quando LeCun afirma que a informação disponibilizada pelos algoritmos aos usuários pode ser dolorosa a fim de ajudá-los a alcançar os seus objetivos, não citou exemplos para contextualizar em quais casos isso pode ocorrer. Entretanto, tal como já visto nas revelações disponibilizadas pelo The Guardian, em artigo de Nick Hopkins, em maio de 2017, o Facebook possui regras ambíguas de flexibilização aos conteúdos violentos, e que não se aplicam proporcionalmente aos conteúdos com nudez, mesmo os não sexuais.

A preocupação com o impacto positivo é fundamental para o Facebook, tal como afirmou Mark Zuckerberg, fundador e CEO do Facebook, em seu perfil na rede,

no dia 15 de dezembro de 2016 ao dizer: “We have a responsibility to make sure Facebook has the greatest positive impact on the world”⁵⁴.

Por anos Mark Zuckerberg negou que sua empresa fosse uma empresa de comunicação, argumentando que se limitavam a oferecer serviços de tecnologia para comunicação⁵⁵. Mas ainda de acordo com a mensagem publicada no dia 15 de dezembro de 2016, Zuckerberg reconhece que o Facebook vai além da disponibilização de tecnologia.

“Facebook is a new kind of platform different from anything before it. I think of Facebook as a technology company, but I recognize we have a greater responsibility than just building technology that information flows through. While we don't write the news stories you read and share, we also recognize we're more than just a distributor of news. We're a new kind of platform for public discourse -- and that means we have a new kind of responsibility to enable people to have the most meaningful conversations, and to build a space where people can be informed.”

Stan Lee, criador do famoso personagem de banda desenhada Homem Aranha, em 1962 cunhou a famosa frase “Com grandes poderes vêm grandes responsabilidades”, dita pelo personagem Tio Ben, na edição nº 15 de *Amazing Fantasy*, publicada pela Marvel Comics⁵⁶.

Mark Zuckerberg, tal como o personagem Tio Ben, reconhece que grandes poderes demandam grandes responsabilidades. Ao afirmar que possui

⁵⁴ Disponível em seu post do facebook:

<https://www.facebook.com/zuck/posts/10103338789106661>.

⁵⁵ Em entrevista para Giulia Segreti (2016) no artigo da Reuters intitulado “Facebook CEO says group will not become a media company”.

⁵⁶ Veja também a matéria da BBC Brasil de 2015: *Suprema Corte dos EUA cita Homem Aranha ao proferir decisão*. Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622_decisao_judicial_homem_aranha_rm

responsabilidades que vão além do desenvolvimento de tecnologias para distribuição de conteúdos gerados por terceiros, assume que o Facebook possui muito poder na formação da opinião pública em todo mundo, tal como acusou Espen Egil Hansen, editor chefe do periódico Aftenposten, citado no caso da Menina do Napalm, que afirmou que Mark Zuckerberg é o maior editor de notícias em atividade no mundo.

Para tratar da relação do poder com a comunicação digital, utilizar-se-á os conceitos e reflexões desenvolvidos por Byung-Chul Han no livro no *Enxame: reflexões sobre o digital*.

Sobre a necessidade da positividade na comunicação mediada, Han (2016, p.16) diz:

“O poder enquanto meio de comunicação consiste em aumentar a probabilidade do sim frente à possibilidade do não. O sim é, por natureza, mais desprovido de ruído que o não. O não é sempre ruidoso. A comunicação do poder reduz em grande medida o barulho e o ruído, ou seja, a entropia comunicacional. Assim, a fala do poder impede desde o início o aumento do ruído.”

Han também expõe que o poder demanda “uma relação assimétrica. Funda uma relação hierárquica. A comunicação do poder não é dialógica.” (HAN, 2016, p. 17). E como visto nos casos citados nesta investigação, a prática na governabilidade do Facebook é notadamente assimétrica, com ausência de diálogos entre a plataforma e os usuários que se consideraram censurados injustamente pela plataforma. Foi recorrente a necessidade de se utilizar de estruturas de poder reconhecidamente elevadas para o estabelecimento de diálogo com o Facebook, como foi no caso de estudo do Casal de Índios Botocudos onde o então ministro da cultura do Brasil, Juca Ferreira, publicamente

ameaçou processar o Facebook por prejudicar a soberania do Estado Brasileiro. Nos casos que envolveram usuários comuns, que não são pessoas públicas ou com influência junto à opinião pública, necessitaram da força da coletividade para sensibilizar grandes veículos de mídia para, então, estabelecer uma oportunidade de diálogo com a plataforma, seja de modo direto ou por protestos descentralizados, como os protestos Free The Nipple e o Genderless Nipples. Todos esses casos apontam para a confirmação da afirmação de Byung-Chul.

Entretanto, diferentemente do afirmado pelo autor ao longo do capítulo “Sem Mediação”, a estrutura da atual sociedade da opinião e da informação assenta” (HAN, 2016, p. 28) em uma comunicação fortemente mediada. No início do capítulo Han (2016, p. 27) afirma que:

“A comunicação digital distingue-se pelo facto de as informações serem produzidas, enviadas e recebidas sem a mediação de intermediários. Não há mediadores que as dirijam ou as filtrem.”

Assim ele apresenta o conceito que diferencia a comunicação digital dos outros meios de comunicação de massas, como a rádio ou a televisão, que possuem a estrutura unidirecional de transmissão da informação: da emissora ao público, por exemplo.

E para justificar o seu conceito, Han diz que “a mediação e a representação são percebidas como opacidade e ineficácia, como um fator de congestionamento dos fluxos temporal e da informação” (2016, p.27), que faz sentido se se pensar nos formatos habituais de mediação presentes nos veículos de comunicação de massas, como a rádio e a TV, onde, hipoteticamente, novos textos poderiam ser escritos para adaptar a informação ao formato ideal do veículo, a narração por apresentadores de um telejornal, a montagem de uma vinheta para melhor impactar junto ao público alvo, a paginação com a inclusão de fotografia ou

ilustração adequada ao assunto, dentre outras estratégias comuns às comunicações de massas tradicionais. No entanto, a eficiência na automatização da mediação nas redes digitais possibilitou a mediação nos fluxos dos conteúdos com eficiência e sem congestionamentos.

Diferentemente da comunicação de massas tradicional, a mediação na comunicação digital não tem o objetivo de co-participar com a transmissão da informação através de representações ou adaptações para melhor atender as demandas de seus públicos ou interesses. O diferencial não está na informação, mas sim na distribuição dos conteúdos, que agora são distribuídos através de estratégias individualizadas instantaneamente e em escala global, com acompanhamento preciso e em tempo real.

As ferramentas atuais permitem que se distribua um mesmo conteúdo para perfis semelhantes em diferentes partes do mundo instantaneamente, algo impensável para um jornal impresso ou uma emissora de rádio. E o que permitiu essa revolução logística da informação sem o “congestionamento dos fluxos temporal” foi a substituição da participação humana por algoritmos automatizados na distribuição dos conteúdos digitais.

Os algoritmos modernos, baseados em inteligência artificial⁵⁷ e alimentados pelas informações continuamente atualizadas no Big Data, não apenas executam tarefas como também estabelecem, autonomamente, as melhores estratégias de ação na distribuição dos conteúdos. Assim, ao estabelecer uma conexão de interesse entre um conteúdo a um determinado perfil e contexto, o algoritmo não apenas responde a uma complexa rede de dados anteriormente disponibilizada,

⁵⁷ Aqui deve ser entendido como o campo da ciência da computação que desenvolve tecnologias a fim de permitir que computadores, através de algoritmos e hardwares complexos, executem tarefas autônomas de alto nível interpretativo, como aprender a reconhecer objetos em imagens e interpretá-las.

como simultaneamente está a contribuir com o Big Data com a execução que está a executar, pois será possível confirmar se os parâmetros definidos para aquela ação se confirmam como positivo, ou não, pelos perfis em questão. Trata-se de um sistema de gestão de dados que se aperfeiçoa continuamente, estabelecendo conexões cada vez mais precisas e complexas.

Entretanto, por maior que seja a eficácia de algumas tecnologias já disponíveis, é preciso reconhecer que ainda são limitadas frente às complexidades que envolvem as representações e comunicações do mundo real, que vão além dos aspectos formais disponíveis nas imagens e textos. Sobre essa complexidade da comunicação, Byung-Chul Han (2016, p. 33-34) diz que:

“O núcleo da comunicação é constituído por formas não verbais, como os gestos, a expressão do rosto, a linguagem corporal. Estas formas conferem à comunicação o seu carácter tátil. Quando falamos de dimensão tátil, não nos referimos ao contato corporal, mas à pluralidade de dimensões e de níveis da percepção humana, uma pluralidade que não se reduz ao visual, mas implica também a participação de outros sentidos”.

Alguns resultados já apontaram para equívocos preocupantes por parte das tecnologias baseadas em inteligência artificial. A seguir estão três exemplos:

Indivíduos negros identificados como gorilas:



Figura 77. Captura de tela do tuíte de Jacky Alciné, com a denúncia sobre o equívoco aplicada pelo algoritmo do Google Photos, em 28 de junho de 2015. MOURÃO, 2017.

A tecnologia de rotulação de imagens da gigante Google classificou a foto de dois indivíduos negros como sendo gorilas, como mostra a denúncia de Jacky Alciné, via Twitter, em junho de 2015 (figura 77).

Em resposta, Yonatan Zunger, em matéria para Jana Kasperkevic (2015) do The Guardian, engenheiro chefe de arquiteturas sociais da Google, desculpou-se pelo equívoco cometido pela tecnologia e reconheceu que ainda há muito a ser feito:

“We’re also working on longer-term fixes around both linguistics (words to be careful about in photos of people) and image recognition itself (e.g., better recognition of dark-skinned faces). Lots of work being done and lots still to be done, but we’re very much on it.”

Tay, a inteligência artificial da Microsoft que se tornou racista e intolerante:



Figura 78: Imagem de identificação da *chatbot* Tay.ai. Twitter, 2017.

Tay foi um experimento de *chatbot*⁵⁸ com inteligência artificial da Microsoft, treinada para interagir com o mundo através de sua personalidade juvenil via Twitter, onde desenvolveria suas capacidades comunicacionais, bem como aprenderia sobre o mundo real e as pessoas. Mas diferentemente do planejado, em menos de 24 horas Tay adquiriu uma personalidade intolerante e racista, a partir de manipulações deliberadas de usuários que perceberam seus padrões de aprendizado⁵⁹.

Robôs desenvolveram linguagem própria, inesperadamente:

⁵⁸ Tecnologia de inteligência artificial que simula reações humanas para conversação em ambientes digitais.

⁵⁹ Para mais informações veja as matérias de Sophie Kleeman (2016): *Microsoft pede desculpas por frases racistas ditas pela inteligência artificial Tay* (disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/microsoft-desculpas-racismo-tay/>); Ellen Hunt (2016): *Tay, Microsoft's AI chatbot, gets a crash course in racism from Twitter* (disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/mar/24/tay-microsofts-ai-chatbot-gets-a-crash-course-in-racism-from-twitter>); e Jane Wakafeld (2016): *Microsoft chatbot is taught to swear on Twitter* (disponível em: <http://www.bbc.com/news/technology-35890188>).

```

Alice : book=(count:3 value:1) hat=(count:2 value:1) ball=(count:1 value:5)
Bob   : book=(count:3 value:0) hat=(count:2 value:0) ball=(count:1 value:10)
-----
Bob   : i can i i everything else . . . . .
Alice : balls have zero to me to me to me to me to me to me to me to me to
Bob   : you i everything else . . . . .
Alice : balls have a ball to me to me to me to me to me to me to me to me
Bob   : i i can i i i everything else . . . . .
Alice : balls have a ball to me to me to me to me to me to me to me to me
Bob   : i . . . . .
Alice : balls have zero to me to me to me to me to me to me to me to me to
Bob   : you i i i i i everything else . . . . .
Alice : balls have 0 to me to me to me to me to me to me to me to me to
Bob   : you i i i everything else . . . . .
Alice : balls have zero to me to me to me to me to me to me to me to me to

```

Figura 79. Ilustração com a linguagem desenvolvida pelos robôs do Facebook que foram treinados para barganhar autonomamente entre si. Autoria não identificada, 2017.

Pesquisadores do Facebook Artificial Intelligence Research (FAIR), em 2017, treinaram dois robôs (*chatbots*) para negociarem entre si, onde autonomamente cada um defenderia seus interesses a fim de estabelecer vantagens, em um contexto hipotético similar a uma transação comercial comum do mundo real, de acordo com os parâmetros estabelecidos pelos investigadores⁶⁰.

Durante o treinamento, ao desenvolverem suas capacidades de barganha, além das possibilidades lógicas, os robôs também desenvolveram uma linguagem própria, extrapolando os limites da comunicação lógica em inglês, o que provavelmente seja mais eficiente no julgamento deles. Mas devido a incompreensão dos dados resultados, os pesquisadores optaram por desligar o

⁶⁰ Para mais informações acesse a página do Facebook Artificial Intelligence: *Deal or no deal? Training AI bots to negotiate* (disponível em: <https://code.facebook.com/posts/1686672014972296/deal-or-no-deal-training-ai-bots-to-negotiate>) e Mark Wilson (2017) : *AI Is Inventing Languages Humans Can't Understand. Should We Stop It?* (disponível em: <https://www.fastcodesign.com/90132632/ai-is-inventing-its-own-perfect-languages-should-we-let-i>).

experimento e revisar seus parâmetros para melhor adequá-lo aos cenários previstos.

Assim sendo, a partir dos três exemplos com resultados inesperados baseados em inteligência artificial, e com contextos potencialmente nocivos socialmente (racismo, intolerância e descontrole), e devido ao empenho das indústrias em implantar essas tecnologias, observa-se de um cenário futuro preocupante. Afinal, apenas nessa pequena amostragem, já é possível perceber equívocos com grande impacto social se aplicados em grande escala. E é ainda mais preocupante quando sequer sabemos aonde estão e como funcionam essas tecnologias.

Afinal, essas tecnologias já fazem parte das nossas rotinas digitais, seja pelo caso do Google Photos que identificou indivíduos negros como gorilas ou nos *News Feed* do Facebook.

Em 26 de março de 2015, em uma entrevista para a coluna Bits, por Quentin Hardy do The New York Times, Yann LeCun apontou para um cenários futuro baseado em inteligências digitais que sirvam como assistentes individualizados capazes de expandir o modo de pensar e interagir das pessoas, além de comprovar que esses esforços já estão a ser colocados em prática progressivamente.

“An intelligent digital companion that allows you to think about things in a new way, the way you interact with friends, expand your thinking. There will be a single point of control that knows and respects your private information.

This kind of A.I. will come progressively. In some ways, parts of this are already there in the Facebook News Feed, in Apple’s Siri, or Microsoft

Cortana. They are shallow now, in the kind of interactions you are having. They are somewhat scripted.”

Um aspecto pouco documentado nos artigos relacionados às inteligências artificiais aplicadas às soluções digitais é a qualidade dos *inputs* dos dados que compõem suas bases, que, quando não são por dados em bits, resultantes de programações diretas dos desenvolvedores, são a partir de imagens e sons digitalizados. Ainda é muito distante da diversidade de *inputs* da realidade humana, que vai muito além da comunicação verbal.

Como Disse Han (2016, p. 34), falta “pluralidade de dimensões e de níveis da percepção humana, uma pluralidade que não se reduz ao visual” e que implica a “participação de outros sentidos”.

Ao falar de dimensões e níveis da informação, também é preciso apontar que além da informação em si, existem as questões culturais, sociais e políticas que colocam a realidade em um patamar ainda muito mais complexo, com questões que fogem aos campos linguísticos e lógicos que se baseiam as inteligências artificiais.

Desse modo, para encerrar as exposições e voltar à questão da investigação, acerca do impacto das censuras à nudez nas redes sociais sobre a diversidade cultural no mundo, resgatamos o depoimento do antropólogo Thiago Garcia ⁶¹ sobre os casos de estudo desta investigação, onde observou que esses controles acabam por servir como instrumentos de manutenção de modelos coloniais:

“É mais uma das dimensões da colonização, de uma colonização contínua que cada povo impõe aos outros. Então você tem vários níveis de

⁶¹ GARCIA, Thiago. Entrevista online concedida a Santiago Luiz Gonçalves Mourão. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no Apêndice "II" desta dissertação].

colonização, digamos assim. O Facebook é um instrumento dessa forma que tenta impor um padrão de comportamento. E aí o caso dos índios, por exemplo, que têm cada vez mais acesso a essa ferramenta, tanto os índios que estão fora das aldeias, nas cidades, quanto os índios que estão em aldeias que têm internet, quando eles tentam mostrar um pouco da sua cultura ou se expressar nas suas páginas no Facebook (colocar foto da festa, da família, colocar a foto de uma caçada, quando ele está comendo um macaco) e ele é ou ridicularizado ou ele é questionado ou ele é proibido de fazer isso, eu acho que é um grande prejuízo, porque isso também é, de certa forma, uma violência, que gera até um questionamento dele assim: “ah, será que eu estou me portando errado? Será que a gente tá errado em relação a isso?”. Você tem toda uma riqueza cultural, uma riqueza tanto da cultura material, quanto uma riqueza linguística, uma riqueza de rituais que vai sendo enfraquecida e ridicularizada por esses instrumentos, muitas vezes. Claro que as redes sociais, a internet, têm uma possibilidade de fortalecimento cultural por outro lado também, né, que você está mostrando, a própria questão dos vídeos que os índios vão colocando na internet; mas por outro lado tem muito esse aspecto de reprovação, de ridicularização e questionamento de comportamentos que muitas vezes acaba atingindo.”

6. CONCLUSÃO

Primeiramente, para estar coerente com o propósito inicial da investigação, é necessário retomar à questão:

De que modos a censura à nudez nas redes sociais online impacta a manutenção histórica de tradições indígenas brasileiras, nomeadamente no que diz respeito ao protagonismo do corpo?

Cientes que partimos do pressuposto que o controle restritivo aos conteúdos com nudez de algumas plataformas online poderiam colocar em risco as manutenções de tradições ameríndias a partir da não compreensão simbólica e semântica para além dos aspectos formais definidores da nudez gráfica, já supúnhamos que identificaríamos exemplos de impactos negativos na construção e afirmação dessas narrativas tradicionais no ambiente digital globalizado ao suprimirem partes legítimas de suas tradições classificando-as como impróprias às suas comunidades ao associá-las a conteúdos potencialmente subversivos, como a pornografia ou violência, o que se confirmou dentro da plataforma Facebook.

Mas para responder plenamente à questão colocada, é preciso discorrer sobre os muitos aspectos identificados em como o controle de conteúdos visuais a partir de parâmetros ambíguos colocam em risco não apenas a manutenção das tradições ameríndias, como podem colocar em risco todo o equilíbrio democrático mundial, visto se tratar de uma plataforma que declaradamente se coloca como instrumento para a construção de uma comunidade global, e que vem apresentando resultados que demonstram êxito nesse projeto expansionista.

Ao observar os resultados das análises dos casos de estudo, confirma-se que a censura à nudez do Facebook restringe o direito à liberdade de expressão, informação e comunicação de povos que possuem o protagonismo do corpo

como parte de suas matrizes culturais, indo de contra ao proposto pela Convenção Sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais (2005, p.4) da UNESCO, que diz:

“A diversidade cultural somente poderá ser protegida e promovida se estiverem garantidos os direitos humanos e as liberdades fundamentais, tais como a liberdade de expressão, informação e comunicação, bem como a possibilidade dos indivíduos de escolherem expressões culturais”

Desse modo, ainda de acordo com a mesma convenção da UNESCO (2005, p. 2-3) é fundamental assegurar e incentivar o direito aos povos indígenas, e demais culturas tradicionais, de criar, difundir e distribuir as suas expressões culturais:

“Reconhecendo a importância dos conhecimentos tradicionais como fonte de riqueza material e imaterial, e, em particular, dos sistemas de conhecimento das populações indígenas, e sua contribuição positiva para o desenvolvimento sustentável, assim como a necessidade de assegurar sua adequada proteção e promoção,

Reconhecendo a necessidade de adotar medidas para proteger a diversidade das expressões culturais incluindo seus conteúdos, especialmente nas situações em que expressões culturais possam estar ameaçadas de extinção ou de grave deterioração,
(...)

Tendo em conta a importância da vitalidade das culturas para todos, incluindo as pessoas que pertencem a minorias e povos indígenas, tal como se manifesta em sua liberdade de criar, difundir e distribuir as suas expressões culturais tradicionais, bem como de ter acesso a elas, de modo a favorecer o seu próprio desenvolvimento”.

O que não é assegurado pelo Facebook, pois suas práticas, e mesmo algumas regras, não comportam a diversidade que envolve as possibilidades simbólicas no uso do corpo pelas comunidades tradicionais aqui analisadas, como também outras formas de manifestações com o protagonismo do corpo, tal como exposto nos casos globais.

E ao falarmos de sociedades tradicionais, é preciso reforçar que algumas dessas comunidades também participam do universo social digital, são autônomas para se auto expressar e afirmar, inclusive através de movimentos organizados e militâncias políticas, tal como demonstrado na matéria “Índios usam mídias sociais para fortalecer voz própria”, de João Fellet, para a BBC Brasil (2013):

“Ao entrar na universidade (...) boa parte desses índios passa a ter acesso frequente à internet e a estender a militância às redes sociais. De volta às aldeias ou a áreas em conflito, usam celulares para postar na internet informações em tempo real.”

O direito à livre expressão, à manutenção de suas tradições e a participação das próprias comunidades tradicionais na construção de suas memórias, e narrativas futuras, é fundamental para estabelecer um território realmente democrático e plural nas plataformas sociais digitais.

E para enriquecer o debate acerca da complexidade envolvida neste contexto, acrescentamos a fala do sociólogo e político Juca Ferreira (2017), em sua página do Facebook, então Ministro da Cultura do Brasil e protagonista no caso da censura pelo Facebook sobre a foto comemorativa ao Dia do Índio, foto do Casal de Índios Botocudos, ocorrido em 2013, e um dos casos analisados nesta investigação:

“O direito ao território indígena é essencial. E, igualmente fundamentais são a preservação de suas culturas, a preservação das suas línguas, de suas religiosidades, suas maneiras de ser e de suas visões de mundo. Aos indígenas deve ser garantido, ainda, o direito de escolha entre viver exclusivamente suas tradições e participar do Século 21, acessando os avanços tecnológicos, as formas de organização em rede, os benefícios da saúde e da educação modernas e de tudo mais que a contemporaneidade oferece.”

O Facebook, de forma arbitrária e não participativa, mediante a ausência de debates amplos com os diversos setores da sociedade, impõe regras e valores que, sob o pretexto de preservar a harmonia da coletividade, restringe a coexistência de diferentes valores culturais sobre determinados símbolos, aqui identificado pelo símbolo corpo, contrariando diversos avanços sociais desde o pós-guerra, que busca estabelecer um mundo pacífico pautando-se no respeito às diferenças, reconhecendo as diversidades como um fator fundamental para a paz.

Mesmo que os resultados expostos já sejam suficientemente conclusivos, consideramos relevante o alargamento das exposições a fim de aproveitar o potencial recolhido com a investigação. Afinal, ao longo da pesquisa também identificamos fatores importantes para investigações futuras, principalmente as relativas à complexidade no gerenciamento de conteúdos visuais nas plataformas digitais.

Pois, mesmo que incipientes, os vestígios apontam para mecanismos de controle sob forte influência da inteligência artificial, através de mecanismo artificiais autônomos capazes de executar tarefas especializadas em volumes e velocidades superiores às humanas, o que costuma ser interpretado como eficiência técnica. No entanto, especulativamente, um equívoco por parte de uma inteligência mal desenvolvida e aplicada com grande eficiência pode causar

estragos profundos e em larga escala em comunidades fortemente gerenciadas, como é o Facebook e plataformas semelhantes.

Os exemplos de equívocos por parte das inteligências artificiais apontados nesta investigação correspondem a apenas uma pequena amostragem dos experimentos com resultados públicos, sendo que muitos correm sob segredo por seus desenvolvedores. Mas mesmo por esta amostragem, a partir de exemplos como a rotulação da foto, pelo Google, de indivíduos negros que foram identificados como gorilas ou o caso da *chatbot* Tay, da Microsoft, que rapidamente absorveu características racistas e intolerantes, demonstram potenciais fortemente conflitantes perante símbolos e narrativas complexas, que envolvem contextos que vão muito além do acesso e computação de dados para interpretá-los. Afinal, são questões que não existem unanimidade.

O símbolo corpo foi escolhido justamente por ser um parâmetro de alta complexidade dentro da comunicação visual. Trata-se de um elemento comum a todas as comunidades humanas, de todas as origens e tempos na história do homem, e que ainda assim possui valores simbólicos muito diferentes entre os povos, e mesmo entre indivíduos da mesma comunidade.

Para tanto, tendo em vista a dificuldade de se criar mecanismos reguladores justos, também é necessário reconhecer os esforços de diversos setores da sociedade que tentam elaborar soluções para corrigir essas injustiças sociais nos meios de comunicação, tal como o documento *Classificação Indicativa: Guia Prático*, de 2012, da Secretaria Nacional de Justiça, órgão vinculado ao Ministério da Justiça do Brasil, que serve como referência de classificação indicativa em conteúdos audiovisuais, função análoga à desenvolvida pela Entidade Reguladora para a Comunicação Social (ERC) em Portugal. Documento este que possui objetivos que vão além de apenas servir como referencial para o gerenciamento

de conteúdos por emissoras de conteúdos televisivos e cinema, tal como apontado em seu texto de apresentação:

“Este Guia Prático é um instrumento democrático que visa dar transparência

e objetividade à política pública da classificação indicativa, evidenciando os critérios de análise. Tanto pode servir às emissoras de TV, produtoras e distribuidoras de filmes e jogos, como também à sociedade em geral e à família.

(...)

É importante ressaltar que a objetivação desses indicadores apresenta-se como um dos grandes avanços da política pública de Classificação Indicativa por ser a instrumentalização de um processo democrático, baseado em fatores técnicos que, com intensa participação social e transparência, resultaram em uma ferramenta para a defesa dos direitos das crianças e adolescentes.”

De acordo com o documento Classificação Indicativa: Guia Prático (2012), alguns conteúdos que contenham nudez são classificados como livres por não serem considerados prejudiciais ao desenvolvimento psicológico das crianças, como exposto a seguir:

“São admitidos com essa classificação obras que contenham predominantemente conteúdos positivos e que não tragam elementos com inadequações passíveis de indicação para faixas etárias superiores a 10 anos. Nem sempre a ocorrência de cenas que remetem a sexo ou nudez são prejudiciais ao desenvolvimento psicológico da criança, como os elencados abaixo:

B.1.1. NUDEZ NÃO ERÓTICA

- Nudez, de qualquer natureza, desde que exposta sem apelo sexual, tal como em contexto científico, artístico ou cultural.

EXEMPLO: Documentário mostra a realidade de uma tribo indígena onde as pessoas estão nuas.”

Entretanto, diferentemente da citação acima, que enfatiza critérios contextuais como “sem apelo sexual” e “mostra a realidade de uma tribo”, o Facebook possui um critério peculiar de diferenciação de conteúdos gráficos com nudez, tal como afirmado por Bickert (2017):

“Imagens de nudez geradas digitalmente têm chance maior de ser pornografia do que imagens desenhadas à mão”

Sugerindo que as linguagens artísticas produzidas artesanalmente sejam portadoras de potenciais narrativos e semânticos distintos das geradas digitalmente, o que não conseguimos compreender e acreditamos ser interessante uma investigação acerca desse tema.

Infere-se que essa diferenciação seja para criar um grupo de classificação para os conteúdos alegados como artísticos por seus autores ou responsáveis, um critério de diferenciação no propósito e não em seu conteúdo semântico. Assim o Facebook consegue cumprir, em parte, com as suas regras (presente nos Padrões da Comunidade) quando diz “permitimos fotos de pinturas, esculturas e outras obras de arte que retratem figuras nuas”, evitando conflitos com instituições artísticas, como museus e editoras. Entretanto, resumir as obras de arte que trabalham legitimamente com nudez apenas às produzidas artesanalmente é insuficiente frente ao complexo universo de linguagens, técnicas e suportes artísticos.

Uma outra possibilidade para este recurso de classificação distinta entre os conteúdos com nudez, baseada na natureza técnica de geração do conteúdo (artesanal ou gerada digitalmente), seja a tentativa de separar a nudez “real” da nudez “fictícia”, assim permite-se a ficção e, de certo modo, a liberdade de expressão criativa, mas ainda assim restringe o corpo real.

Esses casos apontam para a complexidade no julgamento moral de conteúdos visuais nessas plataformas tecnológicas, onde a presença de elementos formais, genitais e mamilos femininos, superam o contexto e a totalidade da narrativa contida nas imagens. Pois até mesmo representações de situações que são ao mesmo tempo banais e maravilhosas, como o nascimento e a amamentação, eventualmente são censuradas por critérios ambíguos.

Desse modo percebe-se a necessidade de flexibilização dos critérios de controle dos mecanismos e métodos de gerenciamento de conteúdos visuais nas plataformas sociais digitais, a fim de permitir ambientes diversificados, tolerantes e respeitosos que contribuam para a construção de um planeta mais pacífico e democrático.

7 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

Filmes:

FAUSTO, Carlos & KUIKURO, Takumã & SETTE, Leonardo. (2012). *As Hiper Mulheres* [DVD]. Brasil: Vitrine Filmes.

Músicas:

DUARTE, Mauro & PINHEIRO, Paulo César. (1976). *Canto das três raças* [Gravada por Clara Nunes]. Em Para Sempre [LP]. EMI.

FINGE, Jorge; GANSO, Adriano; SANTIAGO, Moisés & SENNA, Adair. (2016). *Xingu, o clamor que vem da floresta* [Gravada por Imperatriz Leopoldinense].

Textos:

BAERLE, Caspar van. (1940). *História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil e noutras partes sob o govêrno do ilustríssimo João Maurício, Conde de Nassau etc., ora governador de Wesel, tenente-general de cavalaria das provincias-unidas sob o Principe de Orange*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227290>.

BARBERINO, Lisi. (2014). *Dos nicknames às identidades reais: algumas controvérsias em torno da identidade em ambientes digitais*. Disponível em: <http://gitsufba.net/dos-nicknames-as-identidades-reais-algumas-controversias-em-torno-da-identidade-em-ambientes-digitais/>.

BBC Brasil. (2015). *Suprema Corte dos EUA cita Homem Aranha ao proferir decisão*. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150622_decisao_judicial_home_m_aranha_rm

BELL, Emily. (2016). *Facebook is eating the world*. Disponível em: https://www.cjr.org/analysis/facebook_and_media.php.

BICKERT, Monica & OSOFSKY, Justin. (2017). *Carta padrões da comunidade*. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards/?letter>.

BICKERT, Monica. (2017). *No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade*. Disponível em: <https://br.newsroom.fb.com/news/2017/05/no-facebook-as-vezes-erramos-mas-a-seguranca-e-nossa-maior-prioridade/>

CASTRO, Laura Rodrigues. (2016). *Facebook Thinks Birth Photography Is a Type of Porn*. Disponível em: https://www.vice.com/en_au/article/gqmzy4/facebook-thinks-that-birth-photography-is-a-type-of-porn.

CAMINHA, Pero Vaz de. (1500). *Carta a El-Rei D. Manuel*. Biblioteca Nacional de Portugal. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_\(ortografia_atualizada\)](https://pt.wikisource.org/wiki/Carta_a_El_Rei_D._Manuel_(ortografia_atualizada)).

Central Intelligence Agency. (2017). *The World Factbook*. Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/br.html>.

CHAVES, Ana. (2012). “*Amamentar não é obsceno*”, mas o Facebook não gosta disso. Disponível em: <http://p3.publico.pt/actualidade/media/2194/amamentar-nao-e-obsceno-mas-o-facebook-nao-gosta-disso>.

Congresso em Foco. (2007). *Câmara cancela exposição com foto de Rogéria*. Disponível em: www.congressoemfoco.uol.com.br/noticias/camara-cancela-exposicao-com-foto-de-rogeria/.

DOUTHAT, Ross. (2016). *Facebook’s Subtle Empire*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/22/opinion/sunday/facebooks-subtle-empire.html>.

EL PAIS. (2017). *Deslocamentos Forçados*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/23/album/1500833290_860968.html#1500833290_860968_1500834570.

ESTES, Adam Clark. (2015). *The Story of the First Photo on the Web*. Disponível em: <http://gizmodo.com/the-story-of-the-first-photo-on-the-web-1686067248>.

European Center for Modern Languages. (2017). *Factos sobre as línguas*. Disponível em: <http://edl.ecml.at/LanguageFun/LanguageFacts/tabid/1859/language/pt-PT/Default.aspx>.

Facebook. (2015). *Declarações de direitos e responsabilidade*. Disponível em: <https://www.facebook.com/legal/terms>.

Facebook. (2017). *Guia de publicidade digital*. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/help/1029863103720320>.

Facebook. (2017). *News feed values*. Disponível em: <https://newsfeed.fb.com/values/>.

Facebook. (2017). *Padrões da comunidade*. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards>.

Facebook. (2017). *Padrões da comunidade: Nudez*. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards#nudity>.

Facebook. (2017). *Padrões da comunidade: Carta*. Disponível em: <https://www.facebook.com/communitystandards>.

Facebook. (2017) . *Sobre*. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/facebook/about/>.

Facebook. (2017). *Hey Facebook, breastfeeding is not obscene!*. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/BreastfeedingIsNotObscene/>.

FACEBOOK ARTIFICIAL INTELLIGENCE. (2017). *Deal or no deal? Training AI bots to negotiate*. Disponível em: <https://code.facebook.com/posts/1686672014972296/deal-or-no-deal-training-ai-bots-to-negotiate>.

FERNANDES, Estevão Rafael. (2016). *Luxúria e selvageria na invenção do Brasil: enquadramentos coloniais sobre as sexualidades indígenas* (pdf). Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/5836/2981>.

FERREIRA, Juca. (2017). *Juca Ferreira (oficial profile)*. Disponível em: <https://www.facebook.com/jucaferreiracultura/>.

FELLET, João. (2013). *Índios usam mídias sociais para fortalecer voz própria*. Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130531_indios_mobilizacao_pai_jf.

FRANCHETTO, Bruna. (2013). *O monolinguismo é uma doença* (pdf). Disponível em: http://www.wcaanet.org/events/webinar/PT/textos/Franchetto_PT.pdf.

FRANZIN, Adriana. (2015). *Palavras indígenas nomeiam a maior parte das plantas e animais do Brasil*. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/10/palavras-indigenas-nomeiam-maior-parte-das-plantas-e-animais-do-brasil>

FREIRE, José Ribamar Bessa & MALHEIROS, Márcia Fernanda. (2007). *Os aldeamentos indígenas do Rio de Janeiro*. Disponível em: http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0039_09.html.

FUNAI. (2017). *O Brasil indígena* (pdf). Disponível em: http://indigenas.ibge.gov.br/images/pdf/indigenas/folder_indigenas_web.pdf.

Genderless Nipples. (2017). *Instagram Profile*. Disponível em: https://www.instagram.com/genderless_nipples/.

GOODMAN, Ellen P. & POWLES, Julia. (2016). *Facebook and Google: most powerful and secretive empires we've ever known*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/sep/28/google-facebook-powerful-secretive-empire-transparency>.

Google Cloud Platform. (2017). *Cloud Vision API*. Disponível em: <https://cloud.google.com/vision/>.

HAN, Byung-Chul. (2016). *No exame: reflexões sobre o digital*. Lisboa : Relógio D'Água. ISBN 978-989-641-655-3

HANSEN, Espen Egil. (2016). *Dear Mark. I am writing this to inform you that I shall not comply with your requirement to remove this picture*. Disponível em: <https://www.aftenposten.no/meninger/kommentar/i/G892Q/Dear-Mark-I-am-writing-this-to-inform-you-that-I-shall-not-comply-with-your-requirement-to-remove-this-picture>.

HARDY, Quentin. (2015). *Facebook's Yann LeCun Discusses Digital Companions and Artificial Intelligence (and Emotions)*. Disponível em: <https://bits.blogs.nytimes.com/2015/03/26/facebooks-yann-lecun-discusses-digital-companions-and-artificial-intelligence/>.

HENRY, Tracy. (2008). *Lactivists wage breastfeeding war on Facebook*. Disponível em: <http://www.tampabay.com/blogs/moms/content/lactivists-wage-breastfeeding-war-facebook/2093541>.

HOPKINS, Nick. (2017). *Revealed: Facebook's internal rulebook on sex, terrorism and violence*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2017/may/21/revealed-facebook-internal-rulebook-sex-terrorism-violence>.

HUNT, Ellen. (2016). *Tay, Microsoft's AI chatbot, gets a crash course in racism from Twitter*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/mar/24/tay-microsofts-ai-chatbot-gets-a-crash-course-in-racism-from-twitter>.

IBGE (2010). *População indígena do Brasil* (pdf). Disponível em: http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/mapas/pop_indigena_tot_2010.pdf.

Instagram. (2017). *Diretrizes da Comunidade*. Disponível em: <https://help.instagram.com/477434105621119/>.

Instituto Socioambiental. (2011). *Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu 50 Anos* (pdf). Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/publicacoes/almanaque-socioambiental-parque-indigena-do-xingu-50-anos-0>.

Instituto Socioambiental. (2017). *Terras indígenas protegem a floresta*. Disponível em: <https://terrasindigenas.org.br/pt-br/faq/tis-e-meio-ambiente>.

Instituto Socioambiental. (2017). *Índios e o meio ambiente*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/modos-de-vida/Indios-e-o-meio-ambiente>.

KASPERKEVIC, Jana. (2015). *Google says sorry for racist auto-tag in photo app*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2015/jul/01/google-sorry-racist-auto-tag-photo-app>.

KIRWAN, Dennis. (2017). *It's no longer internet marketing without social media*. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/forbesagencycouncil/2017/03/14/its-no-longer-internet-marketing-without-social-media/#6d797e56387d>.

KLEEMAN, Sophie. (2016). *Microsoft pede desculpas por frases racistas ditas pela inteligência artificial Tay*. Disponível em: <http://gizmodo.uol.com.br/microsoft-desculpas-racismo-tay/>.

KUZNETSOVA, Olga. (2016). *Grow your app with account kit: give people new ways to log in*. Disponível em: <https://developers.facebook.com/blog/post/2016/04/12/grow-your-app-with-account-kit/>.

LINTNER, Michael. (2017). *Snapchat vs. Facebook and the fight for the future of communication*. Disponível em: https://medium.com/@mlvb_at/snapchat-vs-facebook-and-the-fight-for-the-future-of-communication-78cbaefbba2c.

LECUN, Yann. (2017). *Yann LeCun: Director of AI Research*. Disponível em: <https://research.fb.com/people/lecun-yann/>.

LEE, Stan. (1962). *Amazing Fantasy #15*. Marvel Comics. Disponível em: <http://www.marvelmasterworks.com/marvel/mm/spidey/amfan015.html>.

MANJOO, Farhad. (2017). *Snap makes a bet on the cultural supremacy of the camera*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/03/08/technology/snap-makes-a-bet-on-the-cultural-supremacy-of-the-camera.html>.

Ministério da Cultura. (2015). *MinC acionará judicialmente o Facebook contra censura na rede*. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/noticias-destaques/-/asset_publisher/OiKX3xIR9iTn/content/id/1248568.

Ministério do Meio Ambiente. (2017). *Biodiversidade brasileira*. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira>.

MOSSERI, Adam. (2016). *Building a better news feed for you*. Disponível em: <https://newsroom.fb.com/news/2016/06/building-a-better-news-feed-for-you>.

Onlinecensorship.org. (2016). *UNFRIENDING CENSORSHIP Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship*. Disponível em: https://s3-us-west-1.amazonaws.com/onlinecensorship/posts/pdfs/000/000/044/original/Onlinecensorship.org_Report_-_31_March_2016.pdf?1459436925.

Organização Internacional do Trabalho. (2011). *C169 - Sobre Povos Indígenas e Tribais*. Disponível em: http://www.ilo.org/brasil/convencoes/WCMS_236247/lang--pt/index.htm.

PAIVA, Eduardo França. (2002). *Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo*. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho. (orgs.). *O trabalho mestiço; maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFMG. (p. 187-207).

Parlamento Europeu. (2015). *Neutralidade da rede: o que é?*. Disponível em: <http://www.europarl.europa.eu/news/pt/headlines/society/20151022STO98701/neutralidade-da-rede-o-que-e>.

PRINS, BAUKJE, & MEIJER, IRENE COSTERA. (2002). *Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler*. Revista Estudos Feministas, 10(1), 155-167. <https://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100009>.

Reddit. (2017). *About*. Disponível em: <https://about.reddit.com/>.

Reddit. (2017). *Press*. Disponível em: <https://about.reddit.com/press/>.

SÁ PESSOA, Gabriela. (2015). *Após ministério ameaçar processo, Facebook republica foto censurada*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/04/1618154-minc-diz-que-ira-processar-facebook-apos-foto-censurada-de-casal-de-indios.shtml>.

Secretaria Nacional de Justiça (org.). (2012). Classificação Indicativa: Guia Prático. Brasil: Brasília. Disponível em: <http://www.justica.gov.br/seus-direitos/classificacao/guia-pratico/guia-pratico.pdf>.

SEGRETI, Giulia. (2016). *Facebook CEO says group will not become a media company*. Disponível em: <http://uk.reuters.com/article/us-facebook-zuckerberg/facebook-ceo-says-group-will-not-become-a-media-company-idUKKCN1141WN>.

SOUZA, Josias. (2007). *Câmara censura nudez com cabine e aviso*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0811200711.htm>.

SUMITS, Arielle. (2015). *The history and future of internet traffic*. Disponível em: <https://blogs.cisco.com/sp/the-history-and-future-of-internet-traffic>.

The Nest Midwifery Practice. (2016). *Facebook, change your community standards to allow images of women giving birth!*. Disponível em: <https://www.change.org/p/mark-zuckerberg-facebook-change-your-community-standards-to-allow-images-of-women-giving-birth>.

TIME. (sem data). *The Most Influential Images of All Time The Terror of War, 1972, Nick Ut*. Disponível em: <http://100photos.time.com/photos/nick-ut-terror-war>

Twitter. (2017). *Política de Privacidade*. Disponível em: <https://twitter.com/privacy>.

Twitter. (2017). *Sobre sua timeline do Twitter: o que aparece na timeline de sua Página Inicial*. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/262993>.

Twitter. (2017). *Denúncia de conteúdo de mídia sensível*. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/20169197>

Twitter. (2017). *As regras do Twitter*. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/207151>.

Twitter. (2017). *Políticas de conteúdo de mídia do Twitter*. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/20170165>.

Twitter. (2017). *Como criar vídeos ao vivo no Twitter*. Disponível em: <https://support.twitter.com/articles/20175102>.

UNESCO. (2005). *Convenção sobre a proteção e promoção da diversidade das expressões culturais* (pdf). Disponível em: <http://www.ibermuseum.org/wp-content/uploads/2014/07/convencao-sobre-a-diversidade-das-expressoes-culturais-unesco-2005.pdf>.

VAN DEURSEN, Felipe. (2011). *Por trás da rede antissocial: 4chan*. Disponível em: <http://super.abril.com.br/tecnologia/por-tras-da-rede-antissocial-4chan/>.

WAKEFIELD, Jane. (2016). *Microsoft chatbot is taught to swear on Twitter*. Disponível em: <http://www.bbc.com/news/technology-35890188>.

WILSON, Mark. (2017). *AI Is Inventing Languages Humans Can't Understand. Should We Stop It?*. Disponível em: <https://www.fastcodesign.com/90132632/ai-is-inventing-its-own-perfect-languages-should-we-let-it>.

YANOMAMI, Davi Kopenawa. (2006). *Depoimento Yanomami*. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/narrativas-indigenas/depoimento-yanomami>.

ZUCKERBERG, Mark. (2016). *Facebook post*. Disponível em: <https://www.facebook.com/zuck/posts/10103338789106661>.

ZUCKERBERG, Mark. (2017). *Building Global Community*. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/mark-zuckerberg/building-global-community/10103508221158471/?pnref=story>.

World Health Organization. (2014). *Violence*. Disponível em: <http://www.who.int/topics/violence/en/>.

Figuras:

Aftenposten. (2016). *Mensagem enviada pelo Facebook ao Aftenposten*. Disponível em: <https://www.aftenposten.no/meninger/kommentar/i/G892Q/Dear-Mark-I-am-writing-this-to-inform-you-that-I-shall-not-comply-with-your-requirement-to-remove-this-picture>.

Autor não identificado. (1502). *Planisfério de Cantino. Biblioteca Estense: Modena, Itália*. Disponível em: <http://bibliotecaestense.beniculturali.it/info/img/geo/i-mo-beu-c.g.a.2.html>.

Autor não identificado. (2017). *Imagem de divulgação do movimento Free the Nipple*. Disponível em: <https://www.facebook.com/freethenipple/photos/a.644870495556472.1073741827.644868618889993/1293351960708319/?type=1&theater>.

Autor não identificado. (2017). *Ilustração com a linguagem desenvolvida pelos robôs do Facebook que foram treinados para barganhar autonomamente entre si*. Disponível em: www.fastcodesign.com/90132632/ai-is-inventing-its-own-perfect-languages-should-we-let-it.

BUCKLEY, Sean. (2015). *This 1990s guide to using the web is delightful*. Disponível em: <http://gizmodo.com/this-90s-guide-to-using-the-web-is-delightful-1711820302>.

DEBRET, Jean Baptiste. (1834-1839). *Famille de Botocudos en marche*. Disponível em: <http://digitalcollections.nyp.org/items/510d47df-7788-a3d9-e040-e00a18064a99>.

DEBRET, Jean-Baptiste & MOTTE, Charles Étienne Pierre. (1834). *Cabocle, (Indien Civilisé)*. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/28223>.

DEBRET, Jean-Baptiste. (1834). *Bogres, province de Ste Catherine*. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/handle/1918/624510022>.

DELEIVINGNE, Cara. (2014). *#freethenipple*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/qRu4L3jKFf/>.

DIEHL, Jorge. (2007). *Sem título*. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2007/11/11/brasil-moralidade-homofobia-etica-ou-hipocrisia/>.

Divulgação. (2012). *Imagem de divulgação do filme As Hiper Mulheres*. Disponível em: http://www.vitrinefilmes.com.br/site/?page_id=2539.

Divulgação. (2014). *Imagem de divulgação do filme As Hiper Mulheres*. Disponível em: <http://festivaldufilmbresilien.lu/the-hyperwomen/>.

FAUSTO, Carlos. (2006). *Nus et vêtus comme il faut*. Disponível em: <https://www.mep-fr.org/event/carlos-fausto/>.

Folha de São Paulo. (2013). *Sem Título*. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/03/1246362-facebook-cobre-fotos-de-indios-nus-em-perfil-de-filme-brasileiro-com-tarjas-pretas.shtml>.

FUNAI. (1975). *Índios Panará em migração forçada para o Parque Indígena do Xingu*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/23/album/1500833290_860968.html#1500833290_860968_1500834570.

GALLO, Angela. (2015). *Respect your mother*. Disponível em: <https://www.facebook.com/AngelaGalloOfficial/>.

GARBE, Walter. (1909). *Índios Botocudos: fonte 04*. Disponível em: <http://brasilianafotografica.bn.br/brasiliana/handle/bras/570>.

GARRIDO, (199?). *Retrato de Rogéria*. Disponível em: <https://pt.globalvoices.org/2007/11/11/brasil-moralidade-homofobia-etica-ou-hipocrisia/>.

Google. (2017). *Doodle em homenagem ao 56º aniversário do Parque Indígena do Xingu, em 17 de abril*. Disponível em: <https://www.google.com/doodles/56th-anniversary-of-xingu-indigenous-park>.

IBGE. (2010). *População indígena do Brasil*. Disponível em: http://indigenas.ibge.gov.br/images/indigenas/mapas/pop_indigena_tot_2010.pdf.

JULIÃO, Carlos. (1740 - 1811). *Casal de nativos já catequizados*. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/123456789/36133>.

MIGLIAVACCA. (1823-1838). *Capo de Botocudos*. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-1c5c-a3d9-e040-e00a18064a99>.

MIGLIAVACCA. (1823-1838). *Disfida de Botocudos*. Disponível em: <https://digitalcollections.nypl.org/items/510d47e1-1c63-a3d9-e040-e00a18064a99>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Estabeleça o seu negócio onde as pessoas passam o tempo: no Facebook*. Retirado de: <https://www.facebook.com/business/goals/start-online-business>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *About do Reddit*. Retirado de: <https://about.reddit.com/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Estatísticas de tráfego do Reddit*. Retirado de: <https://www.alexa.com/siteinfo/reddit.com?q=>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Os principais websites de notícias de acordo com o Alexa*. Retirado de: <https://www.alexa.com/topsites/category/Top/News>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Página inicial do 4chan*. Retirado de: <http://www.4chan.org/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Sobre o perfil do público do 4chan*. Retirado de: <https://www.alexa.com/siteinfo/4chan.org>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Global digital snapshot: key statistical indicators for the world's internet, mobile, and social media users* (p.5). Retirado de: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Data Collection: actions and behavior*. Retirado de: <https://labs.rs/en/facebook-algorithmic-factory-immaterial-labour-and-data-harvesting/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Active users of key global social platforms: based on the most recently published monthly active users accounts for each platforms, in millions* (p.46). Retirado de: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Facebook usage analysis: a breakdown of Facebook's global users by device, frequency of use, and gender of user* (p.47). Retirado de: <https://wearesocial.com/special-reports/digital-in-2017-global-overview>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Dia 26 de julho de 2017: o dia que o Facebook superou a marca de 2 bilhões de usuários*. Retirado de: <https://www.facebook.com/zuck>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Montagem com fragmento da foto de Walter Garbe com o casal de Índios Botocudos e recorte de cena do filme As Hiper Mulheres, os casos desta investigação*.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Identificação facial*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Rotulação*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Web*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Properties*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Informativo de censura na página do filme As Hiper Mulheres no Facebook*. Retirado de: <https://www.facebook.com/ashipermulheres/photos/a.235927879816382.56758.184690731606764/441452742597227/?type=3&theater>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Identificação de faces*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Web Entities*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search (As Hiper Mulheres)*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Labels*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Web (Foto 2)*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Cloud Platform - Vision API - Safe Search (Foto 2)*. Retirado de: <https://cloud.google.com/vision/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Google Maps a exibir a região correspondente ao Parque Indígena do Xingu*. Retirado de: <https://www.google.pt/maps/search/parque+nacional+do+xingu/@41.1550532,-8.5995775,14z>.

MOURÃO, Santiago. (2016). *Livre montagem a partir de frames do vídeo publicitário intitulado Tetas x Tetas, produzido pela DAVID The Agency para o Movimiento Ayuda Cáncer de Mama (MACMA), da Argentina*. Retirado de: <http://www.macma.org.ar/single-post/2016/04/18/TetasxTetas>.

MOURÃO, Santiago. (2016). *Captura de tela do artigo "Mark Zuckerberg accused of abusing power after Facebook deletes 'napalm girl' post"*. Retirado de: <https://www.theguardian.com/technology/2016/sep/08/facebook-mark-zuckerberg-napalm-girl-photo-vietnam-war>.

MOURÃO, Santiago. (2016). *Captura de tela do artigo "Facebook Restores Iconic Vietnam War Photo It Censored for Nudity"*. Retirado de: <https://www.nytimes.com/2016/09/10/technology/facebook-vietnam-war-photo-nudity.html>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela da página do Genderless Nipples no Instagram*. Retirado de: https://www.instagram.com/genderless_nipples/.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela das regras para participação no movimento Genderless Nippless*. Retirado de: https://www.instagram.com/p/BNz_RfvhXN0/.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do Free The Nipple*. Retirado de: <https://www.facebook.com/freethenipple/photos/a.666090210101167.1073741833.644868618889993/931643656879153/?type=1&theater>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do artigo "Facebook removes mother's breastfeeding photo"*. Retirado de: <http://www.telegraph.co.uk/women/womens-health/11195373/Facebook-removes-mothers-breastfeeding-photo.html>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela de postagem no Twitter Griselda Siciliani*. Retirado de: <https://twitter.com/grisici/status/756982510362431488/photo/1>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela da página do "Hey Facebook, breastfeeding is not obscene!"*. Retirado de: <https://www.facebook.com/groups/BreastfeedingIsNotObscene/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do artigo " 'Amamentar não é obsceno', mas o Facebook não gosta disso"*. Retirado de: <http://p3.publico.pt/actualidade/media/2194/amamentar-nao-e-obsceno-mas-o-facebook-nao-gosta-disso>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do abaixo-assinado online "Facebook, change your community standards to allow images of women giving birth!"*. Retirado de: <https://www.change.org/p/mark-zuckerberg-facebook-change-your-community-standards-to-allow-images-of-women-giving-birth>

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do relatório "UNFRIENDING CENSORSHIP: Insights from four months of crowdsourced data on social media censorship"*, (pdf). Retirado de: https://s3-us-west-1.amazonaws.com/onlinecensorship/posts/pdfs/000/000/044/original/Onlinecensorship.org_Report_-_31_March_2016.pdf?1459436925.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do artigo "No Facebook, às vezes erramos. Mas a segurança é nossa maior prioridade"*. Retirado de: <https://br.newsroom.fb.com/news/2017/05/no-facebook-as-vezes-erramos-mas-a-seguranca-e-nossa-maior-prioridade/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do serviço online Trendsmap. Visualização em tempo real das hashtags mais procuradas no Twitter às 19h40, em 1/09/2017, a sobre os territórios de Portugal e parte de Espanha*. Retirado de: <https://www.trendsmap.com/>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela da página inicial do site oficial do Governo de Portugal*. Retirado de: <http://www.portugal.gov.pt/pt.aspx>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela da conta de Donald Trump no Twitter*. Retirado de:

<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/869503804307275776>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela do tuíte de Jacky Alciné, com a denúncia sobre o equívoco aplicada pelo algoritmo do Google Photos, em 28 de junho de 2015*. Retirado de:

<https://twitter.com/jackyalcine/status/615329515909156865>.

MOURÃO, Santiago. (2017). *Captura de tela com detalhe do ambiente de configuração de conta no Twitter*. MOURÃO, 2017. Retirado de:

<https://twitter.com/settings/safety>.

Twitter. (2017). *Imagem de identificação da chatbot Tay.ai*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2016/mar/24/tay-microsofts-ai-chatbot-gets-a-crash-course-in-racism-from-twitter>.

UT, Nick. (1972). *Napalm Girl*. Vietnam: Trang Bang. Disponível em:

<http://www.apimages.com/metadata/Index/Norway-Facebook-Napalm-Girl/8ac7bf55b1ed4aff8617487244f540d0/1/0>.

VALENTE, Rubens. (sem data). *Arquivo Sedoc (Serviço de Gestão Documental) da Funai em Brasília*. Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/23/album/1500833290_860968.html?id_externo_rsoc=TW_BR_CM#1500833290_860968_1500834570.

Referências não citadas:

BERNERS-LEE, Tim & CAILLIAU, Robert. (1990). *WorldWideWeb: Proposal for a HyperText Project*. Disponível em:

<http://info.cern.ch/hypertext/WWW/Proposal.html>.

BURGESS, Matt. (2017). *What is the Internet of Things? WIRED explains*. Disponível em:

<http://www.wired.co.uk/article/internet-of-things-what-is-explained-iot>.

FLOR, Aline. (2017). *O braço de ferro de uma escola de samba com o agronegócio brasileiro*. Disponível em: <https://www.publico.pt/2017/02/25/ecosfera/noticia/o-braco-de-ferro-de-uma-escola-de-samba-contr-o-agronegocio-brasileiro-1763307>.

GUTIERREZ, Bernardo. (2014). *Os protestos do Brasil dialogam com as revoltas globais*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/os-protestos-do-brasil-dialogam-com-as-revoltas-globais-4371.html>

HERN, Alex. (2017). *How social media filter bubbles and algorithms influence the election*. Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2017/may/22/social-media-election-facebook-filter-bubbles>.

HERRMAN, John. (2016). *Inside Facebook's (Totally Insane, Unintentionally Gigantic, Hyperpartisan) Political-Media Machine*. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/08/28/magazine/inside-facebooks-totally-insane-unintentionally-gigantic-hyperpartisan-political-media-machine.html>.

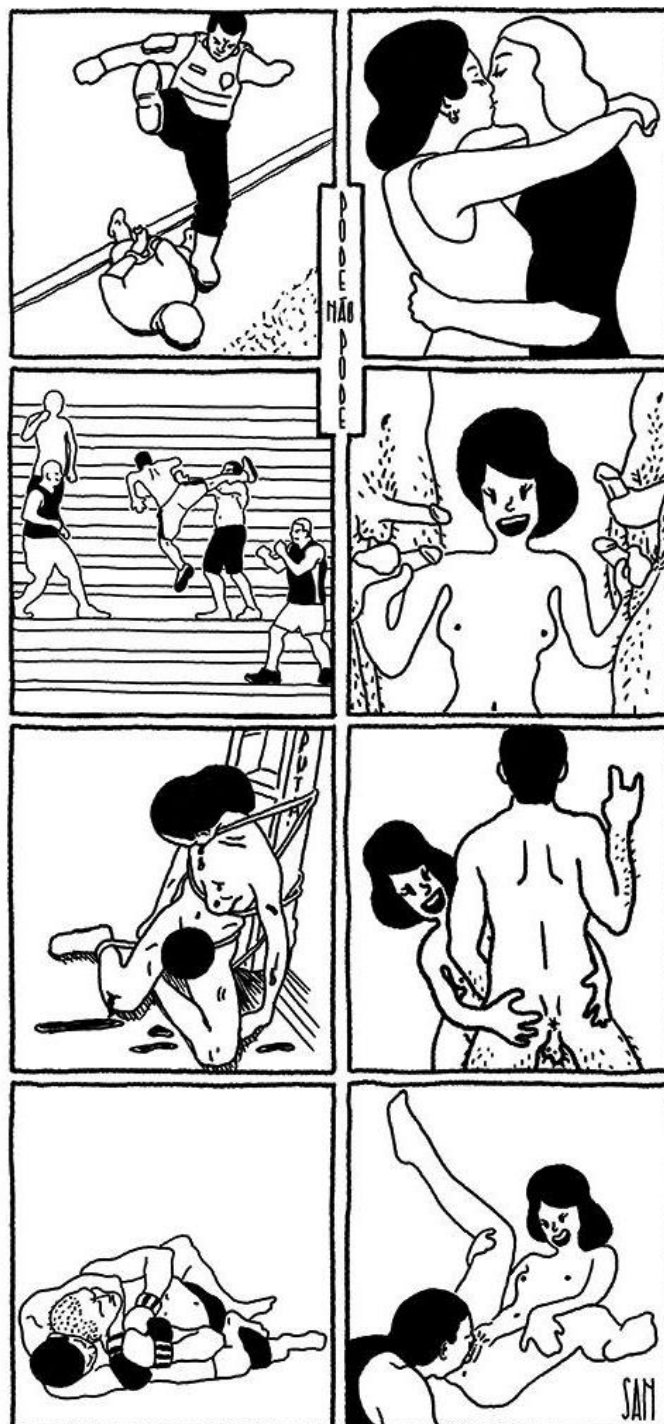
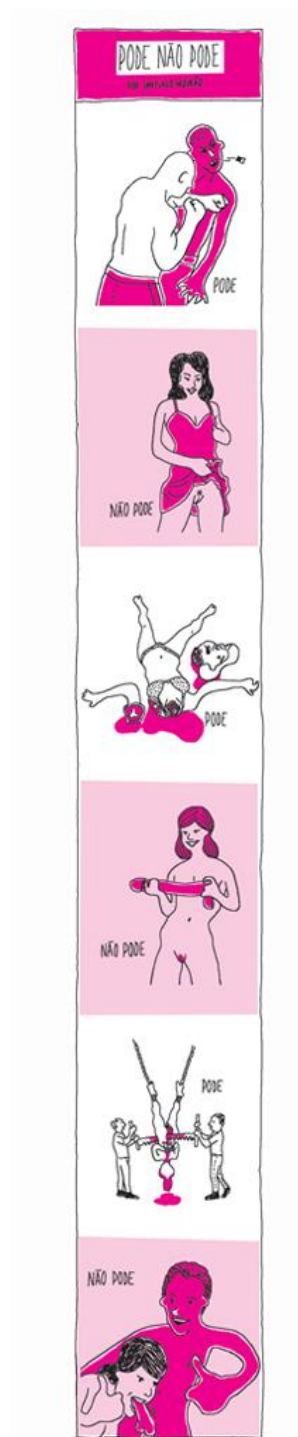
LEE, Jessica. (2016). *When politics get personal: Families, friends feud over Clinton vs. Trump*. Disponível em: <http://www.seattletimes.com/seattle-news/politics/when-politics-get-personal-families-friends-feud-over-clinton-vs-trump/>.

MCGOOGAN, Cara. (2017). *Facebook admits states have used its service to influence foreign elections*. Disponível em: <http://www.telegraph.co.uk/technology/2017/04/28/facebook-admits-states-have-used-service-influence-foreign-elections/>.

PEREIRA, Fábio & DUTRA, Ieda. (2015). *Aspectos relativos ao Streaming e Neutralidade de Rede*. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2015/05/27/aspectos-relativos-ao-streaming-e-neutralidade-de-rede/>.

RIBEIRO, Lígia Maria. (1998). *A História da Internet*. Disponível em: <https://paginas.fe.up.pt/~mgi97018/historia.html>.

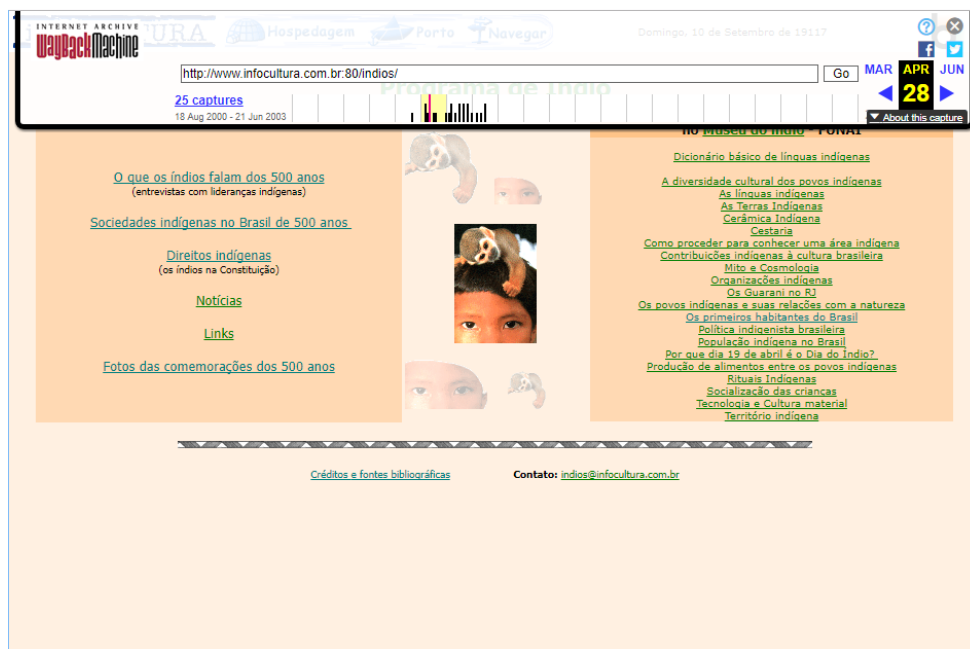
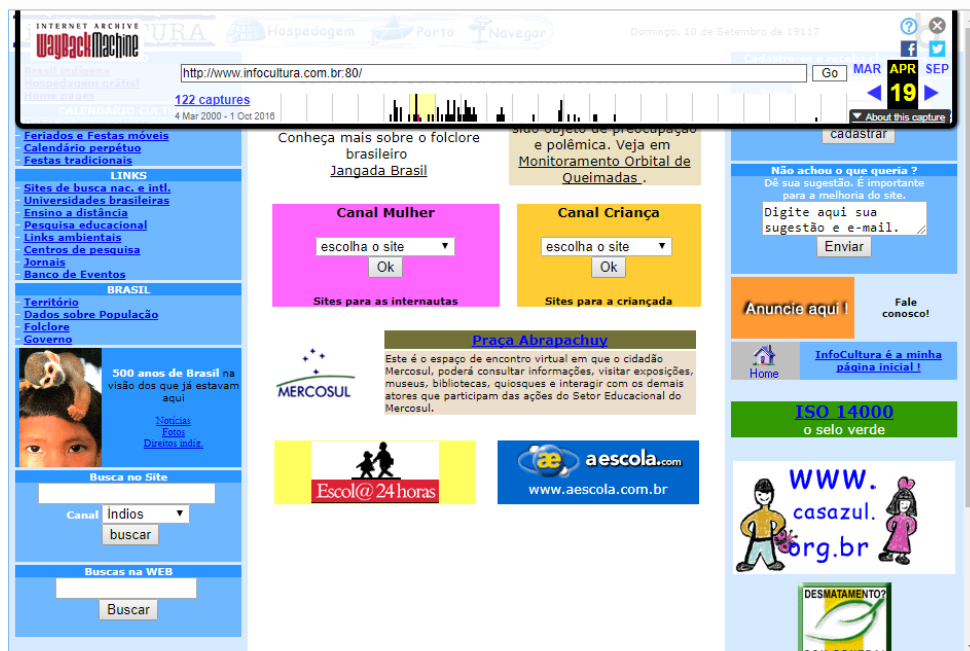
8 ANEXOS



Anexo I. Santiago Mourão. Montagem com as versões 1 e 2 do projeto “pode não pode”, publicados no Jornal PIMBA #2 (2014) e #3 (2016), respectivamente.



Anexo II. Santiago Mourão. Gosto Não Gosto, proposta de projeto de mestrado. 2016.



Anexo III. Montagem com capturas de tela do extinto site “infocultura.com.br” e “infocultura.com.br/indios”, datadas de 19 e 28 de abril de 2001, respectivamente, via Internet Archive Wayback Machine,. Retiradas de: <https://web-beta.archive.org/web/20010419191322/http://www.infocultura.com.br:80/> e <https://web-beta.archive.org/web/20010428181921/http://www.infocultura.com.br:80/indios>



Anexo IV. Estúdio Ilustrativa. Composição com ilustrações produzidas para livreto sobre merenda tradicional indígena, para a Coordenação Geral De Educação Escolar Indígena (CGEEI), do Ministério da Educação do Brasil. 2007. Disponíveis em: [flickr.com/photos/ilustrativa/](https://www.flickr.com/photos/ilustrativa/)

9 APÊNDICES

Apêndice I

CARLOS FAUSTO

Transcrição de entrevista online concedida à Santiago Luiz Gonçalves Mourão, via software Skype, no dia 04 de março de 2017

Legenda: CF (Carlos Fausto), SM (Santiago Mourão)

CF - Santiago?

SM - Olá, Carlos, tudo bem?

CF - Tudo bem, tranquilo, e você?

SM - Bom demais. Primeiro, obrigado por aceitar essa conversa.

CF - Não, imagina. Que isso!

SM - É... Então, deixa eu introduzir um pouco o que se trata a minha pesquisa.

CF - Faça isso!

SM: Eu sou da área do design, na verdade... Eu sou ilustrador e trabalho no campo da comunicação visual. E um tema que sempre me interessou foi a questão da edição de conteúdos, a centralização do controle do que é compartilhado... E essas questões. E nas redes sociais, me é muito importante compreender como se dá o gerenciamento desses conteúdos. E a censura

sempre foi um dos temas fortes pra mim. E o ponto que eu encontrei para refinar a minha pesquisa em como que a censura a determinados conteúdos que contenham nudez pode ser prejudicial à diversidade cultural, foi a partir das tradições indígenas brasileiras.

CF - Sumiu! Você tá me ouvindo? Peraí, peraí. Cortou, cortou. Deu uma cortada!

SM - Ah tá, ok. Às vezes a minha conexão aqui pode estar ruim...

CF - Você falou a diversidade cultural... Como a censura pode ser...

SM - Como ela impacta negativamente na diversidade cultural do mundo. E o recorte temático que eu encontrei para analisar esse ponto sensível foi exatamente as tradições indígenas do Brasil. Por diversas etnias terem em sua cosmologia a questão da nudez como hábito ainda contemporâneo ou pelo menos nas tradições mais antigas, e esse tipo de coisa. Na verdade, o conceito de nudez é uma das coisas até que eu gostaria de conversar com você, que não é uma coisa muito fácil de se chegar. Até uma das matérias que eu li sobre o Hiper Mulheres tem uma fala sua onde comenta que as índias do filme, durante o festival, não estão nuas.

CF - Aham!

SM - Pelo contrário: elas estão completamente ornamentadas, com uma ornamentação muito rica. Não só dá para identificar que elas estão vestidas e ornamentadas, como dá para identificar que elas estão vestidas como homens. O que mostra que, na verdade, existe uma simbologia complexa sobre esses corpos.

CF - Tá.

SM - É por aí, a minha questão é conversar sobre esses conceitos de nudez. E, mais especificamente no caso do Hiper Mulheres, como que na sua visão como antropólogo e diretor, como você recebeu e identificou essa questão da censura do Facebook.

CF - Tá. Então na verdade acho que são duas questões, né? Porque a censura do Facebook, ela é... é uma questão que extrapola, quer dizer, vai além, em particular, no caso do Hiper Mulheres, né? No qual nós tínhamos postado fotos na página que a gente tinha feito de promoção do filme. Fotos em que as mulheres apareciam paramentadas para o ritual, mas apareciam... quer dizer, os seios não estavam cobertos e coisas do mesmo gênero. E, eu num sei, se precisar ser, como funcionam exatamente no Facebook, se tem que ser denunciado como conteúdo impróprio, por algum usuário, para que isso seja retirado, né, ou censurado da página. Ou se ele tem algum processo de, digamos, reconhecimento de imagens. Porque eu sei que fizeram uma outra pegadinha interessante com, nesse caso uma pegadinha mesmo, com o Facebook: que foi expor, num *close up*, uma parte muito, assim, realmente um corte muito pequeno de um mamilo masculino, e ele foi cortado, e ao mesmo tempo a pessoa postou o mesmo mamilo, mas o torso inteiro de um homem, e não foi cortado, né? Então, eu não sei exatamente qual é o processo pelo qual isso ocorre, mas é um dos elementos claramente complexos, digamos, do Facebook, né? E à época, inclusive, eu chequei se havia páginas de pornografia dentro do Facebook... e... e havia. Então isso foi o mais curioso, né? De saber que, eu não consegui retrair, como ocorreu essa censura à página das Hiper Mulheres... Que acabou sendo, ganhando alguma divulgação. Porque acabou, acho que foi a Folha de São Paulo, que publicou uma notícia logo em seguida em torno disso.

SM - Sim, é a matéria da Folha até, que é uma das minhas bases aqui da pesquisa.

CF - Isso. Isso. Então foi por aí, enfim, que nós vivemos essa história. E o meu comentário sobre o estar vestido ou o estar nu, inclusive, não sei se você sabe, eu fiz em 2013, uma exposição fotográfica na Maison Européenne De La Photographie, na França, em Paris. Se você entrar lá você deve ter referências ainda, senão posso te mandar algum material, que foi, cuja a curadoria foi do Milton Guran, que é, não sei se você o conhece, ele é o coordenador, a alma, digamos, mais do que coordenador, do Foto Rio, que é um evento muito importante de fotografia que ocorre aqui (*Rio de Janeiro*). E ele fez a curadoria dessa exposição minha, foi ele que propôs, que se chamava, em português a tradução seria “Nus e Vestidos à Caráter”, que eram só 16 fotografias, com os Kuikuro nus, nos rituais, digamos, vestidos com roupas ocidentais, pintados... E assim por diante. Então, era uma tentativa de problematizar essa ideia da nudez.

SM - Sim. Ótimo. Eu não conheço essa exposição, mas para mim vai ser muito rico esse material.

CF - Se você entrar no site da Maison Européenne De La Photographie, não sei se você conhece a, se você já teve em Paris, e lá no site você conseguirá certamente dados disso. Se não conseguir, você me pede, eu tenho folders e devo ter algum material, não foi feito catálogo, era uma pequena exposição no meio daquelas coisas super importantes que tem lá...

SM - Arram. Tá, eu vou procurar.

CF - Tá, é capaz de você entrar, tá? O site é: mep-fr.org. Você encontra lá. Bom, essa questão da nudez, da vestimenta ocidental, da vestimenta ritual, etc e tal, é um tema forte, não só do ponto de vista, digamos assim, técnico, antropológico, etnográfico, é um tema muito discutido por nós, o significado do corpo, o significado da vestimenta, enfim, tem uma série de discussões técnicas propriamente ditas, sobre o significado da roupa. É, aliás, em antropologia, não é

só na Amazônia, isso você tem livros interessantes, comparativos sobre essa ideia sobre o que você vestir isso, o que é uma vestimenta, o que é uma roupa em diferentes culturas do mundo, né? Mas no caso do mundo judaico-cristão, pelo menos, eu conheço mal o mundo chinês e...

SM - Sim, eu também não tô a entrar nesse aspecto também, eu estou só aqui no ocidente mesmo.

CF - Então, quer dizer, está muito associado ao esconder a genitália, né? Fundamentalmente. Poucos são os grupos para o qual o seio feminino tem qualquer relevância erótica, né? Isso é curioso. Porque no Facebook, essa questão do mamilo, e aí você tem esses movimentos no Aqui de Mulheres, o amamentar, mulheres amamentando em público, né? Na maioria das sociedades... *blergh*... extraocidentais... o seio não tem esse conteúdo erótico. Por isso então, ali no caso dos Kuikuros, dos Xinguanos em geral, o seio pouco importa. Na verdade ele apenas é uma marca de... de idade. Tem uma história engraçada, contada por um amigo, cujo o pai tem hoje uns 70 anos, é, quase 70, um amigo Kuikuro. Ele contou que uma vez chegou um branco, um casal, de uma mulher branca e um homem, seu marido, não sei quem são essas pessoas. Chegaram lá na aldeia e o pai dele começou a conversar e ele não fala português, nem nada, aí começou a pegar nos peitos da mulher. E o marido estava claramente desconfortável, né? Até que esse meu amigo teve a explicar que “pai, os brancos, não é para ficar pegando no peito”. E ele tava dizendo o seguinte, ele pegou no peito dela e falou assim “não, ela é jovem ainda, olha é jovem!”, por que ele tava querendo entender que idade ela tinha. (risos)

SM - Entendi, entendi. Muito bom.

CF - Então, o seio é uma coisa pouco erotizada nesse meio. É claro que eles acham bonitos os seios ainda firmes, né? Essa coisa das mulheres, depois da

longa amamentação, das várias amamentações, terem os peitos caídos... Mas ela é uma marca de juventude como as rugas na face, os cabelos brancos...

SM - Sim, o próprio músculo, né?

CF - Desculpa, não te ouvi.

SM - A própria musculatura do corpo, né?

CF - Exato, exato, isso! Por exemplo: elas olham as mulheres, eu já vi as mulheres comentando, falando assim “nossa, fulana de tal” — falando de uma não indígena, uma branca, que já tinha o que, os seus 55 anos — falou assim “nossa, ela ainda está jovem!” Eu falei “mas porque que ainda está jovem?”, e ela falou assim “olha, olha atrás, olha atrás dela”, porque ainda tinha, digamos assim, a cintura fina e as nádegas mostrando separação. Porque na verdade, depois de várias gravidezes, aquilo tem um alargamento. Então você olha uma mulher de 50 anos na aldeia, de costas, você vai ver que ela não tem mais aquele negócio da cintura e a diferença das nádegas e tal. Então elas estavam olhando o corpo de uma não índia tentando entender qual era idade, como é que era o negócio e assim por diante. Então, o seio, as nádegas e assim. Nádegas não é objeto de erotismo. O que é objeto erótico, e eu estou falando aqui em particular do caso do Alto Xingu, né, é a vagina. A vagina, sim, é o centro do erotismo xinguano, né. Não sei se você viu um outro filme que nós fizemos, chamado “Cheiro de Pequi”?

SM - Esse não.

CF - Tá. Se você tiver oportunidade... Imagino, deve ter em algum “Catraca livre”, deve ter em algum lugar, é... isso, livre, dentro, na internet.

SM - Tá.

CF - É... no Cheiro de Pequi, que é um outro ritual, uma outra época, os homens fazem uma vagina de cêra, para mostrar às mulheres, né? Então, a vagina é um grande sucesso no Xingu. E é justamente nesse ritual, que tá no Hiper Mulheres, elas vão, de alguma maneira, elas vão dar o troco, vão se vingar, vão falar do pênis, né? Tem aquela cena noturna que fala “coitadinho, você tem esse pênis pequenininho, por que você não bota aí...”

SM - Sim, “aumenta com um pau”, né?

CF - Enfim, isso é muito comum. Então a vagina, mas vagina de fato é uma coisa de interesse muito grande, é erotizada. E essa área do Xingu ela é conhecida como, foi conhecida por um tempo, como a área do uluri. Uluri é um nome, se não me engano, que os Kamayorá dão, para um adorno pubiano feminino, que as mulheres, depois da primeira menstruação, usam atualmente só rituais, né? Então, quando você vir aquelas meninas ali, por exemplo, se você olhar aquelas cenas, das meninas vindo assim de frente, várias meninas, aquele bloco. Se você olhar bem para a vagina delas, elas não têm pelos pubianos. Você verá que elas parecem ter uma vagina muito maior, não por causa lábios estarem para fora, mas a parte digamos assim: a rachadura, a fenda. Na verdade, elas estão com um cinto de buriti, que passa um cordão de buriti que vai do cóccix e se prende aqui na frente, na altura entre o umbigo e o púbis. E aquele fio faz uma vagina maior.

SM - Ah, eu já percebi que tem uma peça no meio da cinta, mas eu não tinha percebido que tinha, que tinha uma outra coisa...

CF - E no meio do púbis é colocado um triangulozinho, feito de casca de árvores, que se chama uluri. Então, as mulheres ali, elas estão vestidas com adornos masculinos, que é o que conta o mito, elas tomam a praça, elas passam a usar os

cocar dos festivais masculinos, elas passam a usar as braçadeiras, as jarreteiras... Os colares de caramujo, elas estão usando ali os colares masculinos, que são grossos e tal. Algumas mulheres, inclusive, acho que a Kanu, está usando o cinto de onça que é privilégio dos chefes e dos grandes lutadores... Então elas estão, porque o mito está contando, que elas tão se transformando em hiper mulheres, essas hiper mulheres são, digamos assim, uma espécie de ser andrógino, que assume também o lado, as características masculinas. Bom, mas, elas têm uma coisa que os homens não têm, a saber: o cinto com ururi. Que faz com que elas tenham hiper vaginas! No mito, se conta, que quando elas resolvem se transformar, porque os homens, enfim, estão se transformando em porcos... Não sei se você tem o extra do filme, se você tiver o DVD, a gente tem dois extras em que têm as narrativas completas do mito, uma contada por um homem e uma contada por uma mulher. É, elas picam as vaginas com umas formigas muito doloridas para fazer inchar a vagina delas, o clitoris. Então é assim, é como se elas tivessem uma hiper vagina, um pseudo pênis também. É uma coisa ambígua. Então ali, você não pode dizer, exatamente, que aquilo é uma nudez, porque a nudez é precisamente você não estar portando nenhum ornamento, não estar portando nada que... ali eles estão enfatizando a vagina. É como, bem, deixa eu pensar, imaginar... Bom, como, sei lá, um *soutien gorge* especial para a mulher parecer com o peito assim, etc e tal, uma coisa do gênero...

SM - Sei sei. Como se fosse uma maquiagem para o rosto também...

CF - Como se fosse maquiagem, exato! O lábio, vamos pensar, o que é uma mulher com o lábio, para nós, uma mulher com o lábio vermelho carmim e mais unhas pintadas de vermelho, quer dizer: é sedução, é uma atração... Então, nesse sentido, elas estão vestidas à caráter. Quer dizer, elas estão vestidas como "*il faut*", que é a tradução em francês, para o ritual, né? E nesse, digamos assim, esse auge da vestimenta feminina, a leitura não indígena é que elas estão nuas.

E o que é interessante, e está começando a acontecer, no Xingu ainda não aconteceu, mas, embora fora das situações rituais sim, é que cada vez mais, elas estão, pelo olhar dos não índios, elas estão começando a associar isso à nudez. E, portanto, se sentirem desconfortáveis.

SM - Esse era uma das questões que eu queria chegar, como que está a relação com o corpo contemporâneo, entre os Kuikuros e talvez em outras etnias. Também tem essa questão: a imagem histórica e também o hábito contemporâneo, cotidiano. Eu também queria entender um pouco como é essa relação contemporânea com o corpo.

CF - Tem uma coisa muito curiosa, mudando dos Kuikuros para um grupo com o qual eu trabalhei nos anos 80 e 90, que são os Paracanã, uma população de língua tupi-guarani, do Pará, floresta densa e tal. Quando eu os conheci, eles tinham quatro anos de contato, portanto havia sido muito recente. Mas já daquela época, desde lá, eles já estavam se incomodando, tinham assumido usar, estão usando roupas, roupas rasgadas, eles tinham uns calções rasgados, às vezes umas camisas rasgadas e eles tinham começado, como eles diziam, a ter vergonha, por conta do olhar não-indígena. E é curioso, por que, claro, esse povo era um povo muito móvel, caçador-coletor, fazia pouca horticultura e eles eram, enfim, não tinham nenhum tipo de roupa, nem mesmo nesse sentido que eu estou falando para o caso da roupa-ritual, mas, ao mesmo tempo, eles tinham maneira de, por exemplo, evitar certas coisas. Então tem certas coisas que você tem que aprender quando você anda nu, né. Eu aprendi, lá eles tinham uma coisa muito... Primeiro as mulheres, a vagina, em si, não é problema, o problema é: ela não pode ficar com a perna aberta, por exemplo. Então, essas mulheres tinham toda uma maneira de sentar, toda uma maneira de andar, todas com as pernas para dentro, de forma a fechar a vagina. Ao mesmo tempo, os homens tinham uma maneira, e aí vem um detalhe que corresponde também aos Kuikuro, quando eles ficavam nus, eles tinham uma capacidade que eles se abaixavam um pouco e

prendiam o pênis, para tomar banho, entre a barriga e o púbis, de um jeito que eu era incapaz de fazer, tá. Então, uma noção anterior, digamos assim, do que era apropriado ou não apropriado, existia. Então, mais um exemplo, no caso do Xingu, coisa que eu tive que aprender: o problema, por exemplo, da nudez masculina, é se a glândula estiver exposta, senão você não está nu. Glândula exposta é ruim. Então a pessoa que operou de fimose ou fez uma circuncisão por qualquer razão está numa má situação no grupo, é chato. Então tem uns casos que eles riem à beça, de cara que foi levado pelo serviço de saúde que atende os índios para a cidade e o cara foi lá – deveria estar com alguma coisa – e foi operado e já fizeram operação de fimose. Aí o cara não queria andar mais nu, não queria tomar banho na frente do outro, de jeito nenhum. A outra coisa, também no Xingu, que eu aprendi, é, quando você está nu e quando você abaixa para pegar uma coisa, você não pode abrir a nádega, você tem que abaixar segurando o negócio, por que você não pode mostrar o cu. O cu no sentido português brasileiro. Então, enfim, não é que não haja formas próprias, essa ideia simplesmente de que “ah, eles veem isso naturalmente”, não é bem assim, como em todo o mundo a cultura faz distinções, tá certo?

SM - Claro, existem códigos sociais e regras de comportamento.

CF - Exatamente, como em qualquer lugar! Só que elas são menos estritas do que são as nossas. E eu aprendi também porque eu não tenho nenhum problema de ficar nu e então eu achava que era totalmente normal, mas não, eu tive que aprender as regras de como ficar nu. E isso não é tão evidente assim, você descobre quando você erra. Pronto, você aprendeu, nunca mais você vai fazer aquele negócio.

SM - Claro, claro. E eles gostam de fazer piada, né? Se você mandar errado, não vai passar em branco.

CF - É, mas isso é uma coisa que eu descobri muito cedo...

SM - Menos mal, ainda bem que foi cedo...

CF - Não, se eles gozam você, se eles estão rindo, você está sendo um cara legal e está sendo bom você estar lá, eles vão gostar que você esteja lá. Eu me lembro que, quando eu fui a primeira vez para campo, lá na Amazônia, nos Paracanã, e eu não sabia usar um machado, pô, na hora que eu ia rachar lenha... Eles sentavam... Não é que eles iam me ajudar. Eles faziam uma roda de gente, que eles riam de cair para trás.

SM - E o pior: o modo de pegar no machado eles já riam, né?

CF - Já sabem, claro, você é nulo mesmo na maioria das coisas práticas, né. Mas aí, claro que você fica irritado, né, jovem, assim, querendo se provar e tal... Mas aí eu saquei que era muito mais legal eles acharem graça e se divertirem comigo, do que eu ser o que eu não era, um super expert em mato, em coisas. Então tudo bem, funcionou bem. Então assim: no caso dos Paracanã, esse grupo tupi-guarani, eles tinham já esse senso, digamos, do que era apropriado e do que não era apropriado, e, quando a roupa entra, que eles não... até então, deixa só eu fazer um retorno, esse grupo, que foi contactado em 1988, eles estavam esporadicamente em contato com um posto do então Serviço de Proteção aos Índios desde 1928. Em todas as vezes que eles foram a esse posto para pegar machado, facas, tentaram dar roupas para eles e eles jogavam fora as roupas. Mas, uma vez que foi introduzida a roupa, no sentido que eles aceitaram o contato, eles aceitaram também que as mesmas regras de pudor se aplicavam a eles. Isso é uma coisa que os Paracanã tiveram, e foi muito rápido. Então hoje eu voltei, 2014, 2015 à aldeia e ninguém anda pelado, mas ninguém. É quase inconcebível e, mais do isso, mas agora, cada vez mais, por influência de missionários evangélicos, muita gente toma banho de roupa.

SM - É, aí é realmente uma diferença muito grande.

CF - É. O Xingu é um dos poucos lugares em que a nudez, no nosso sentido, ainda sobrevive. E tem ainda muita gente de idade que ainda anda nu o tempo inteiro.

SM - É, então, no próprio Hiper Mulheres, o filme é interessante nesse aspecto, porque ele começa com um nu frontal masculino, já de início. Mas, na maior parte do processo de preparação, das conversas, as discussões sobre os campos, as danças, e tudo, a maior parte as pessoas estão vestidas ou semi-vestidas, mas alterna com as imagens dos banhos, essa questão toda. Mas o que deu para perceber, no meu olhar distanciado mediado só pelo filme é que ali existe uma relação de convívio tanto com roupa, quando com a nudez. É a imagem que me passou, que existem as duas questões, principalmente os mais velhos ali também ficam mais nus ou com menos roupas e tudo. Mas e no restante do Xingu, as outras etnias, como se dá isso?

CF - Olha, se você pegar essa, primeiro tem, como você disse, diferenças de faixas etárias. Os jovens dificilmente estão nus, embora que, durante os rituais, é ainda considerado absurdo ficar andando de roupa de você está participando do ritual. Então assim, vai mudar, evidentemente, mas qualquer movimento, por exemplo, dos jovens de querer usar um calção de banho durante as festas é já considerado incorreto. Se a pessoa está decorada com as roupas rituais, os homens têm aqueles, vários... Então o que ele botam agora, que tem muito mais algodão e tal, ele botam vários cintos e deixam o pênis escondido ali. O temor dos jovens – e isso é absolutamente compreensível – é que eles tenham uma ereção. Que aí é chato. E como você pode imaginar, num moleque de 17, 18 anos isso pode acontecer. Então isso é um receio deles, mas nas populações que conformam a chamada “cultura do alto Xingu”, que são quatro grupos de língua

karib – dos Kuikuro, os Kalapalo, os Matipu e os Nahukuá, os grupos Aruaques, Uaurá, Mehinaku, e laualapitis, os grupos Tupi e os Kamyorá – eles continuam, todos eles, nessa mesma pegada que os cuicura, quer dizer, você vai encontrar uma mistura de gente com roupa e sem roupa. Quando anoitece, a maioria fica nu, dentro de casa, ninguém dorme de roupa, mesmo jovens, você ainda vai vê-los nus, mas é uma coisa que está mudando progressivamente, eu acho que até, sei lá, eu estou trabalhando lá faz mais de 15 anos, quase 20 anos, houve uma mudança, mas assim, é variado. Por enquanto, o ritual é um lugar que eles não aceitam isso, com exceção de quando tem rituais femininos e tem luta feminina, é aceitável que as mulheres usem calcinha.

SM - É, no próprio filme é assim, né.

CF - Por que, na posição da luta, que você tem que ficar, aí realmente não tem como você manter a vagina fechada.

SM - Eu ia até perguntar no caso dos homens, quando você comentou que o cu não pode aparecer, mas e nas lutas?

CF - Pois é, não sei como é que eles fazem, por que... segura com a bunda...

SM - Exato e os caras gigantes naquela euforia toda...

CF - Sabe como eu descobri essa história, porque a gente nem saca, né? Eu participei de um ritual do Jawari, de um ritual que você flecha um boneco, depois o seu primo, com uma flecha de uma ponta arredondada. E aí eu lancei – nos treinos, não na festa – os meus dardos e aí, quando eu fui abaixar para pegá-los no chão, dançando ainda, eu não segurei a bunda. Cara, todo mundo, foi assim uma ovação. Eu falei “o que que??”. Nunca mais aconteceu! Eu fiquei tão assustado, fiquei com tanta vergonha. Isso é genial, dá ideia do que que é a

vergonha, né? A vergonha é alguma coisa que você aprende, e aprende muito rápido. Então, por exemplo, eu achei aqui na tese de um aluno do Museu que defendeu o doutorado agora, que trabalhou com os Canela Apanyekrá, que é um grupo Timbira lá do Maranhão. Então assim, eu vou ler para você: “a ida à cidade também se manifesta no registro corporal. Todos os homens vestem camisa, pouco utilizadas na aldeia, e os possuem outros itens, como bonés, relógios e sapatos, fazem uso destes. As mulheres que, na aldeia, amarram um corte de pano na cintura, sobem a peça até acima do busto, ocultando os seios das vistas dos brancos. Quando eu perguntei a uma de minhas irmãs sobre o incômodo de adequar a forma de se vestir entre os brancos, ela me explicou que “na aldeia não precisa esconder todo o corpo, porque esse é o jeito do mehin (que dizer, o dos índios) e assim não se tem vergonha. Na cidade é diferente, os cupen, os brancos, têm outro jeito, então envergonha mostrar””. Quer dizer, ela está dizendo que ela lá se sente envergonhada, no seu contexto, não. Então a linha da vergonha tem muito essa questão da adequação ao meio e é muito rápido.

SM - Claro, é a reação, o olhar que elas percebem na cidade, pronto, já fica claro.

CF - Imediato. A ponto delas, nesse caso, entenderem que, para os brancos, o seio não é um objeto para ficar à mostra.

SM - Isso para minha pesquisa é uma coisa complexa, porque, como essas comunidades digitais têm a prepotência de construírem comunidades globais, isso é uma discussão realmente muito complexa... É saber, aquele espaço ali, afinal, é de quem? É do branco? É do índio? É do sul, do Equador, é do norte... Enfim. É uma complexidade, realmente, muito grande. Mas ao mesmo tempo eu parto de pressupostos de que daria, com a tecnologia, do modo que está, comportar a todos ao invés de homogeneizar a regras para todos. Daria para filtrar individualmente e não colocar uma regra para todos. Mas como eu estou aqui mais no sentido de querer entender como que são as coisas dos vários lados...

Mas isso daí foi um excelente exemplo, é realmente muito rico e muito complexo... Não é fácil, não.

CF - É, você tem um mecanismo, que é um mecanismo mesmo complicado, por que a rede social ela é global, mas ao mesmo tempo ela é muito local... Se você pensar em quem, de fato, onde está cada círculo, onde se comunica, claro que é espalhado num território amplo, mas são pessoas muito parecidas entre si; que são sobre essa ideia de que é uma ilusão o caráter global das redes sociais e elas tendem a reforçar núcleos de opinião, né.

SM - Tem as afinidades, né.

CF - É... Se um dia fizessem, né, quer dizer, tentar traçar, de maneira complexa, quais são as redes, quais são os círculos e quem se comunica com quem, né, mas enfim, acho que seria um super computador e um programador muito sofisticado...

SM - Mas essas coisas já estão acontecendo, Carlos, e essa é até uma das minhas questões, por que, num futuro muito próximo, o gerenciamento desses conteúdos vai ser completamente automatizado pelos algoritmos inteligentes e é uma coisa um pouco assustadora, que já está em andamento.

CF - Com essa questão da verdade alternativa, das *fake news*, etc e tal, eles estão tentando ainda trabalhar com algoritmos inteligentes, ao invés de pessoas inteligentes?

SM - Então, eu até acredito que estão se utilizando muito dessa questão das *fake news* já para colocar em atividade esses novos sistemas, que, na verdade, é um interesse muito mais econômico do que estratégicos, em termos políticos e de ordem social. Eu acho que é muito mais para uma eficiência econômica. Mas

esses algoritmos são realmente preocupantes, não pela eficiência. A eficiência é realmente incrível, mas é aí uma das questões mais problemáticas, porque uma inteligência ilimitada com altíssimo nível de eficiente, esse negócio pode ter uma combinação extremamente perversa. E é aí eu eu mais me preocupo. A inteligência desses algoritmos ainda é uma inteligência muito elementar, porém ela já é uma inteligência orgânica, autônoma. Os próprios algoritmos, eles aprendem com a própria experiência, sem a intermediação humana.

CF - Sei.

SM - O que é a mega revolução, que é o *deep learning* e é esse novo sistema, que é baseado nas estruturas neurais humanas e tudo. É uma coisa incrivelmente complexa, só que: incrivelmente complexa em termos de aprendizado robótico, mas em comunicação simbólica, quando você fala em cultura simbólica, isso ainda está muito além do que os algoritmos conseguem alcançar. E aí a dificuldade é: toda leitura imagética que o algoritmo faz é uma transformação em meta dados, em dados, é uma análise descritiva da imagem. Então se a exposição de mamilos femininos é um critério de censura, ou a exposição dos genitais é um outro critério de censura, ele não vai analisar o contexto. Se for analisar o contexto, é dentro de uma limitação muito aquém ao que o ser humano consegue fazer. E se os próprios seres humanos, entre a sua complexidade cultural inteira não consegue chegar nem perto de um acordo, quanto mais um algoritmo desses. O bicho vai julgar numa velocidade astronômica um critério que ele não entende. E eu acho isso muito preocupante.

CF - Não, e na verdade, você tem aí... O negócio é que assim eu também acho muito preocupante, inclusive por conta do poder das redes sociais, em termos de influenciar opiniões e comportamentos e assim por diante... Por outro lado, essa limitação é factual, quer dizer, no sentido de que ela é, de fato, uma limitação. Eles são limitados. Então a compreensão dessa limitação faz com que você

também tenha uma relação com a rede social mais distanciada, mais crítica. O importante é você entender que é um instrumento, quer dizer, eu, cada vez mais, vejo gente com o saco cheio dessa história, não sei qual a influência no mais geral, mas enfim...

SM - Sim, é, eu acho que tem que... É um momento de transição, né, existe uma primeira euforia, uma relação muito intensa e depois acho que as pessoas vão perceber que não é uma extensão completa da vida, né...

CF - É, eu, por exemplo, há... eu continuo postando coisas no *Facebook*, mas eu nunca mais entrei. O que posto... Eu estou lendo muito jornal inglês, francês, brasileiro, aí eu acho uma notícia interessante, eu posto, até eu sei que algumas pessoas olham, mas eu não entro, não tenho mais paciência para entrar.

SM - *Aham*, não opina mais...

CF - Não, eu não! Aliás, foi depois da experiência da eleição de 2014, que foi tão barra pesada que eu falei “cara, porque que eu estou perdendo meu tempo, isso daqui é um lugar para produzir uma loucura coletiva, não é um lugar para você comentar, discutir. Tem alguma coisa errada nisso”. Todo mundo se acha no direito de dizer qualquer coisa, achando que está se dirigindo a todo mundo, mas na verdade está se dirigindo a um número limitado de pessoas... Foi assim um negócio que foi muito marcado para mim...

SM - É, eu também perdi um, vamos dizer, um tesão com a coisa também, porque eu falei “bicho, é muito mais um problema, um conflito, do que uma ferramenta de solução e agregar coisas”.

CF - Exato... E é interessante como ela funciona ou um mecanismo de totalmente clivagem, o cara vai... ou então, uma outra coisa curiosa, ou um negócio de

reforço quase babaca das coisas, dos outros, dos seus amigos, então “ah, que lindo, meu amor, obrigado!”. Então, quer dizer, não é para mim, ou é água com açúcar ou é conflito, não dá!

SM - Cadê o espectro desse negócio, né, não tem... É briga ou amor.

CF - É, não tem uma coisa, né, uma nuance no negócio, então tem que cair fora...

SM - Então, Carlos, acho que já foi excelente a conversa, para mim foi muito rico, eu vou atrás da exposição que houve lá em Paris, que eu acho que isso vai ser muito bom para mim...

CF - Tá, se você precisar de alguma coisa, você me fala, me escreve.

SM - Tá, vou assistir “O Cheiro de Pequi” também e também gostaria de pedir mais uma coisinha, se tiver algumas teses ou dissertações do tipo dessa que você me leu, se tiver alguma citação e que fale sobre o corpo e essa relação das vergonhas e tudo, para mim é de grande ajuda.

CF - Eu vou te passar já, eu me conheço, quando você sair do meu radar, eu... Deixa eu te passar um artigo da Aparecida Vilaça, que chama “*Chronically unstable bodies*”, que vai te ajudar e eu te passo alguns arquivos. Eu já vou fazer isso agora, que depois que você desligar, passar uns 15 minutos, eu vou fazer isso nunca mais. E é por causa da maldita rede social que tem muita coisa para fazer.

SM - Eu não sou muito diferente, não, Carlos...

CF - Todo mundo é assim, todo mundo vive assim... Tá bom, mas quando você tiver avançando no trabalho... *Keep me posted.*

SM - Ok, com certeza!

CF - Aproveita aí!

SM - Obrigado, muito obrigado mesmo!

CF - Imagine, um abraço.

SM - Abraço, tchau!

Apêndice II

THIAGO ALMEIDA GARCIA

Transcrição de entrevista online concedida à Santiago Luiz Gonçalves Mourão, via software Skype, no dia 19 de janeiro de 2017

Legenda: SM (Santiago Mourão), TG (Thiago Garcia)

SM – Então, primeiro eu preciso te contextualizar um pouco do que que trata a minha pesquisa. A minha pesquisa sempre foi em torno dessa questão da intolerância com relação à nudez em diversos campos da humanidade, da sociedade, sempre envolvendo esse campo. Desde o início das redes sociais que me incomoda muito as regras de comportamento, as regras das sociedades e a questão do excesso de rigidez contra a nudez, que eu acredito, eu parto do pressuposto que isso atrapalha diversas questões de expressões culturais e de diferentes usos simbólicos do corpo que não somente com o objetivo de pornografia e erotismo, como se propõem essas regras. E, durante o desenvolvimento da minha questão de pesquisa, eu cheguei num ponto que é: como um critério de censura à nudez pode prejudicar a manutenção histórica de tradições brasileiras? O que seriam essas tradições brasileiras? Principalmente as questões indígenas, porque aí que entra agora a sua consultoria como especialista, antropólogo indigenista, para que eu confirme ou altere meus pressupostos com relação a esses costumes indígenas. Tipo, existe, em diversas etnias, em diversas comunidades indígenas, o costume da nudez, mas aqui essa questão da nudez – mas aqui, essa questão da nudez, eu também quero discutir um pouco essa questão da terminologia, por que nem sempre significa que eles estão sem nada.

TG – Seria assim, cada povo tem o que é a nudez para ele, então, por exemplo, você tem um povo lanomâmi. O lanomâmi, por exemplo, em alguns grupos, por exemplo, porque são vários grupos, mas um deles, os homens colocam tipo uma capinha, um negócio que tampa a cabeça do pau.

SM - Só a glândula.

TG - Quando ele está com aquilo ali, ele está vestido. Quando ele não está com aquilo ali, ele está nu. A nudez ali não é no padrão de nudez eu a gente tem, é um outro tipo de nudez, é a forma deles de ver a nudez. Esse seria um caso bem emblemático, mas teriam vários outros. Por exemplo, os Krahô: as mulheres ficam com a parte de cima do tronco sem nada, mas elas usam um pano na cintura. Quando ela vai para cidade e ela vê que isso seria uma nudez na cidade, ela veste uma camisa para andar na cidade.

SM - Eu estou te enviando três links, de casos que eu selecionei como emblemáticos aqui no meu estudo de caso. Eu não sei se você já conhece. Foi o caso que em 2015, o Juca Ferreira, então ministro da cultura, foi censurado.

TG - No Facebook, né?

SM - Você soube disso?

TG - Eu acompanhei um pouco. Um casal de Botocudos.

SM - Exatamente. Esse caso, porque envolve essa questão governamental, e a governança da internet perante as nações e tal, isso pra mim é importante. E o outro caso foi o do filme “As Hiper Mulheres”, que também teve as fotos censuradas no Facebook.

TG - Ah, isso eu vi também um pouquinho. As mulheres Kuikuro.

SM - Exatamente. Esses dois casos eu acho interessante para mim, por quê? O primeiro por causa dessa questão da governança e das redes sociais e da internet, que para mim é importante. O das Hiper Mulheres eu acho também emblemático por um dos diretores do filme ser um índio e também pela captura das imagens do filme ter sido feita pelos próprios índios, não ter o olhar do estrangeiro, do de fora, por mais que o filme seja uma mistura de documentário com ficção, mas pelo menos as imagens foram capturadas por eles próprios.

TG - Foi até o Tacumã, eu acho.

SM - Foi, foi o Tacumã (Kuikuro). Você conhece ele?

TG - Conheço, conheço.

SM - Legal. E o que que você acha desses dois casos, para começar?

TG - Então, é isso, o Facebook é bem puritano em relação à nudez e ao sexo, né. A visão é que se eles não forem muito rígidos vai virar uma rede de pornografia, ah, não sei, isso daí é bem mais do que eu, isso daí. Mas tem também um conceito eu seria interessante discutir, da própria, do que a gente chama de colonialidade do povo e de um padrão dessa colonialidade da nudez. Então é uma posição colonial do padrão do que seria a nudez, do que seria a vestimenta adequada e aí você entra nessa questão da erotização, que você está impondo a uma cultura um padrão de comportamento que foram e continuam sendo colonizados, que dentro de uma colonização que é muito ampla, que ela tem várias dimensões, uma das dimensões é justamente a colonização em relação à sexualidade, em relação ao corpo, né? Um cara tava até discutindo isso, que eu conheci, que em relação à heteronormatividade também, que você tem, por

exemplo, vários povos indígenas, situações que sejam identificadas como de homoafetividade e que foram - a igreja, o estado – tentou coibir essas práticas. E isso se reflete no Facebook, que é um instrumento colonial, basicamente.

SM - É, e o pior é que sequer eles estão colocando um povo nessa questão de colonizado. Eles estão colocando o mundo inteiro, porque o mundo inteiro precisa se adequar às regras deles.

TG - E a rigor seria uma rede privada, é uma empresa que fornece um serviço privado.

SM - É uma rede privada, mas que, de certo modo, oferece serviço público, né. E que se beneficia de benefícios fiscais, de infraestrutura financiada pelos Estados, a internet é financiada indiretamente pelos Estados.

TG - É, a internet, ela é pública e ela é privada, meio...

SM - A internet é pública, e o problema é, as redes sociais se utilizam dessa infraestrutura, que é pública. Sendo assim, será que eles não deveriam, no mínimo, tentar se adequar aos tratados internacionais, como o Tratado de Promoção e manutenção das tradições e diversidade cultural, da Unesco, da própria União Europeia e de tudo mais? A minha pesquisa está embasada exatamente nesses tratados internacionais. Não é um pressuposto particular meu. Eu quero ver exatamente se elas estão de acordo ou em desacordo com esses tratados internacionais. E eu estou a utilizar um caso indígena brasileiro, primeiro porque sou brasileiro e isso sempre me interessou, de certo modo sempre tive atuando marginalmente nas questões indígenas, sempre tive interesse. E sou brasileiro e tenho esse incômodo, claro. Por que que uma das minhas tradições, uma das minhas origens, não é permitida? ou no mínimo não é permitida plenamente.

TG - E aí você está impondo, então, a um povo um padrão de comportamento – um pacote de padrão de comportamento. Tem várias dimensões do que seria um comportamento desejável e você, por outro lado, também, está erotizando essas mulheres, essa foto. Você está falando para elas que esse comportamento é errado e que é um comportamento erótico. Você está erotizando ela, na verdade.

SM - Sim, até então nada daquilo era com objetivo erótico. A partir do momento que coloca uma tarja preta em cima, pronto!

TG - Isso, erotizou. Aquela mulher lá, Botocuda, não tem nada de erótico na foto, mas você faz numa ótica que qualquer peito que apareça ele é uma pornografia, é um erotismo, então você descontextualiza totalmente a foto e impõe essa padrão. Mas essa questão é muito interessante, tem muita margem, muita coisa. Uma foto dessas censurada tem muita coisa por trás dela, né. E se você coloca, por exemplo, sei lá, um índio assassinado, espancado, a foto, não é proibido isso. Não é proibido você colocar um índio espancado, mas você ter mulher numa dança cultural, numa festa, e aí você pega essa foto censurada, que é do filme “As Hiper Mulheres”, é interessante. É uma festa que chama Yamaricumã, que eu até acho que já falei para você, que foi uma das primeiras viagens que eu fiz, quando era estagiários lá da Funai, que é uma festa lá no Xingu, no Kuikuro, que as mulheres assumem o papel dos homens, durante três dias, como se fosse meio carnaval, assim. Então elas que mandam na aldeia, se os homens saem de casa, elas batem nos homens e um dos aspectos delas se comportarem como homens é elas se vestirem como homem. Então, nessa foto, elas estão vestidas como homem, com um cocar masculino, elas estão usando a cinta masculina, entendeu?

SM - *Aham.*

TG - Então elas estão numa festa vestidas como homens e o Facebook ou a nossa sociedade, sei lá, está falando para elas que elas estão, na verdade, nuas e erotizadas. Então é interessante, por que elas estão tipo com uma roupa de gala. É como se eu tivesse lá de smoking e me censurassem, dissessem que eu estou com uma roupa errada.

SM - Então, essa é uma questão interessante também do uso do corpo como suporte simbólico. Você está dizendo que elas estão vestidas como homens, porém, para as regras do Facebook, elas estão nuas, por que elas estão com os genitais e os mamilos de fora. Só que elas estão com pintura corporal, cocares, colares...

TG - Sim, inclusive eu abri aqui a foto, essa (*mulher*) que está bem na frente, ela está com pintura corporal masculina. Então é uma pintura corporal que ela não usa o ano inteiro. E aí também, a pintura corporal não é reconhecido pelos algoritmos, pelas regras como uma roupa. E ela é, ela tem um papel de uma roupa, a pintura corporal ela é, basicamente, uma forma de você se manifestar, se vestir de acordo com a ocasião. Então, por exemplo, os índios vão para uma guerra, eles vão se pintar de uma forma. Eles estão numa festa, estão pintados de outra. E as pinturas corporais também, em geral, representam hierarquias, representam os clãs que você pertence. Pertencimento. É a mesma coisa de eu usar um terno, eu estou querendo mostrar para as pessoas que eu pertencço a uma classe social, que eu me comporto de tal forma, né. Se eu tiver me vestindo com uma roupa que pareça um *skatista*, eu estou querendo mostrar que eu ando naquele grupo de *skatistas*. E a pintura corporal é isso também, uma forma de você de diferenciar e de você representar, de tornar visível o seu estado de espírito, como você está.

SM - Tá, essa informação que você falou que essa foto dos Kuikuro, que foi censurada no Hiper Mulheres, elas estão vestidas de homens, pronto, isso para mim já foi bem valioso, que isso eu não li em nenhum lugar.

TG - Esse cocar que ela está, mulher não usa esse cocar, só usa nessa festa. E eu fui, eu participei da festa.

SM - Legal. Uma outra coisa: essas etnias, os Botocudos, existem ainda?

TG - Não, como povo específico, não. Eles são, como fala isso, tem vários grupos que descendem dos Botocudos, né. São, por exemplo, os caiapós, dizem que os pataxós também descendem, mas eles não existem mais como povo. Não existe mais etnónimo Botocudo. Esse aí da foto eu não lembro de qual região que era, deixa eu ver se eu...

SM - É, eu não sei, sei que é do século XIX, a foto. Os Kuikuros, eles ainda têm o hábito, o costume, da nudez no cotidiano deles ou não?

TG - Sim, agora é porque, assim, pensando no nosso padrão de nudez, hoje você vai numa aldeia dessas, eles vivem nas duas formas, entendeu? Então às vezes você ver os mais velhos nus – assim, sem roupa –, mas os mais novos você já vê com roupa. Quando você vê uma dança, num dia de festa, quando está todo mundo pintado, com roupa de gala, assim, você vê vários sem sunga, só com cinto, mas você vê várias pessoas com sunga. Então meio que convivem, entendeu? Você não tem assim um, não é bloco monolítico, assim. Você tem pessoas que andam nuas e tem pessoas que não andam mais. E aí tem vários motivos.

SM - Tá, isso já responde em parte uma outra questão que eu ia colocar. Era se caso eles não tivessem mais o costume cotidiano da nudez ou ao menos a

naturalidade frente à nudez, se eles teriam orgulho ou vergonha dessas tradições anteriores, do passado, mas se eles ainda convivem com isso, então...

TG - É porque às vezes você vê assim também aquelas menininhas todas vestidas com vestidinhos e tal.

SM- Claro, fazem parte da sociedade.

TG - Você vê elas todas de vestidinho, mas quando elas chegam no rio, elas tiram logo e ficam nuas, entendeu? Então meio que convive isso dentro desses povos. Agora isso os Kuikuro, que eu estou falando, por que tem vários outros povos que não tem mais, no dia a dia, a nudez como era antes. Você tem povos que foram processos mais violentos de evangelização, povos que têm mais tempo de contato, então você tem vários contextos diferentes. Em geral você tem convivendo essas diferenças dentro de cada sociedade.

SM - Mas mesmo tendo essa transformação, que faz parte, é inevitável, eu acho que é uma visão muito antiquada achar que índio tem que ser tradicional eternamente, não tem direito a ter dinâmica social. Nem quero entrar nesse aspecto. Mas como eu estou a bater um pouco na tecla das tradições, o Facebook, e o Instagram, que é do mesmo grupo, e algumas outras redes sociais, que também têm regras rígidas sobre a nudez, acabam que indiretamente, e as prejudicam, por mais que não seja o costume atual, se não tem mais tanto hábito à nudez, mas não pode mais se falar de um passado, de uma tradição, de uma cultura de séculos. Como brasileiro e antropólogo como você enxerga essa impossibilidade de poder expor e expressar essas suas tradições nativas? Você enxerga isso como um grande prejuízo para a sociedade não poder divulgar e promover essas tradições?

TG - Então, a minha avaliação é assim: é mais uma das dimensões da colonização, de uma colonização contínua que cada povo impõe aos outros. Então você tem vários níveis de colonização, digamos assim. O Facebook é um instrumento dessa forma que tenta impor um padrão de comportamento. E aí o caso dos índios, por exemplo, que têm cada vez mais acesso a essa ferramenta, tanto os índios que estão fora das aldeias, nas cidades, quanto os índios que estão em aldeias que têm internet, quando eles tentam mostrar um pouco da sua cultura ou se expressar nas suas páginas no Facebook (colocar foto da festa, da família, colocar a foto de uma caçada, quando ele está comendo um macaco) e ele é ou ridicularizado ou ele é questionado ou ele é proibido de fazer isso, eu acho que é um grande prejuízo, porque isso também é, de certa forma, uma violência, que gera até um questionamento dele assim: “ah, será que eu estou me portando errado? Será que a gente tá errado em relação a isso?”. Você tem toda uma riqueza cultural, uma riqueza tanto da cultura material, quanto uma riqueza linguística, uma riqueza de rituais que vai sendo enfraquecida e ridicularizada por esses instrumentos, muitas vezes. Claro que as redes sociais, a internet, têm uma possibilidade de fortalecimento cultural por outro lado também, né, que você está mostrando, a própria questão dos vídeos que os índios vão colocando na internet; mas por outro lado tem muito esse aspecto de reprovação, de ridicularização e questionamento de comportamentos que muitas vezes acaba atingindo, principalmente os jovens. O jovem é muito suscetível a tudo.

SM - E você acha então que isso influencia até eles próprios?

TG - Sim, acho que sim. Por exemplo, eu já vi uma discussão, eu teria que tentar recuperar isso, de algum indígena no Facebook que colocou a foto, não sei, acho que da família, das irmãs, sei que tinham algumas meninas nuas, meninas jovens, 12, 13 anos. Não era uma coisa explícita, mas tinha na imagem. E pessoas amigas dele falavam: “pô, cara, tira isso aí”, a pessoa fala “vai ser usado da forma

errada”, mas por outro lado você está responsabilizando aquela pessoa e não a pessoa que vai usar errado. A pessoa que está mostrando ali é que está errada.

SM - Sim, você está culpando uma possível vítima da loucura do outro.

TG - Isso, é tipo isso. Esse caso que você pegou é muito isso. Você reprovar ou reprimir aquelas pessoas que estão representadas na foto por que outras pessoas vão ver e vão se excitar, fazer não sei o que com a foto.

SM - O próprio filme “As Hiper Mulheres” de vez em quando tem umas meninas novinhas que também estão nuas, mas faz parte, até a questão da, acredito eu que as idades do que é infância, adolescência, o que é idade adulta, em várias aldeias, em várias etnias, isso deve mudar de uma para a outra e tudo mais. Os papéis sociais entre eles acho que são muito complexos.

TG - Uma vez eu fui acompanhar uma filmagem no Xingu, de uma equipe que estava querendo fazer um filme e aí os índios iam dançando e o pessoal ia filmando. Daí alguns estavam de calça e vários estavam de Havaianas, daí o cara chegou para mim e falou “pô, pra imagem vai ficar ruim eles de Havaianas, a gente quer mostrar eles no esplendor da sua cultura e não tem pedir pra eles tirarem?”. Eu falei “não, não vou pedir, você vai tirar suas botas aí pra ficar com os pés descalços no chão nesse calor? Se todo mundo tirar, eu posso falar isso”. Então é um pouco isso, de você querer impor um padrão e querer que os índios representem o que você pensa deles, mas eu acho que esse aspecto da imposição de valores é bem interessante de você abordar. Não respeitar aquela cultura e essa visão de nudez é mais uma forma de impor padrões de comportamento.

SM - É porque a minha pesquisa é na área do design, na área da imagem, então o meu questionamento é como pode uma regra gráfica prejudicar toda uma

história, uma comunidade, uma civilização inteira por um critério que sequer é fácil de verbalizar. E imagetivamente você tem algumas formas de analisar uma imagem, tipo você tem uma análise formal, que é dizer o que tem naquela imagem, friamente, sem contextos, sem informações externas. O que tem nessa imagem? São várias mulheres de frente para a câmera, nuas, em posição de coreografia, em tantos planos, ao ar livre. Outras possibilidades de análise dessas imagens é: quem são essas mulheres? O que elas estão fazendo? Porque? Como? De onde elas vêm? Qual o objetivo disso?

TG - Por que que elas estariam nuas no nosso padrão?

SM - Exato. E outras infinitas possibilidades de análise. Exatamente por seu uma linguagem não-verbal, ela é muito mais complexa de analisar. No entanto, as redes sociais costumam se limitar a análises formais: o que tem nessa imagem? Mulheres com mamilos de fora. Corta. Aí hoje em dia é que começam algumas regras: se é um caso educativo, tipo na área medicinal, “ah, pode ter um corpo nu, por que está dissecando um cadáver”. As mães amamentar os filhos, isso só mudou por causa de um lobby gigantesco nos EUA e é especificamente mulheres amamentando seus filhos, isso está escrito na regrinha lá. E outros casos que é como se fosse tipo artes, mas artes num sentido muito consagrado por instituições de alta credibilidade, são as belas artes, que se chama. E esse conceito também, esse status de arte, de coisa superior culturalmente, é um outro critério que eu também quero ver se consigo analisar: que referência é essa? O que é arte e o que não é arte? O que é uma arte superior à outra e tudo mais. Por que que uma cultura cotidiana não é arte? E por que que tem que ser arte? Por que que um hábito não pode ser expressado? Muitas vezes essas próprias comunidades podem sequer ter um conceito de arte muito bem formado, às vezes é uma mistura com seus valores diversos que nem se aproxima do conceito eurocentrista do que é arte e por aí vai. Mas acho que princípio, Thiago, era por aí que eu precisava compreender.

TG - Cara, eu estava lendo um artigo, que é até de um amigo meu, chama “Luxúria e selvageria na invenção do Brasil: um enquadramento colonial sobre a sexualidade dos índios”. Ele fala um pouco isso, que é a colonialidade de comportamentos sexuais, né. Ele fala: “a hipótese a ser desenvolvida indica como ideias como o incesto, selvageria, corrupção, invenção, canibalismo, poligamia, embriaguez, luxúria, sodomia, bacanais, lascívia e nudez formavam parte de um mesmo campo semântico, além disso, tais expressões não podem ser compreendidas fora do projeto colonial e da perspectiva missionária da Coroa Portuguesa. Eu acho que isso daí dá para vocês pegarem umas ideias bacanas. Mas é isso, é tipo você impor um padrão e colocar, olha, um comportamento sexual que sai disso, é errado, um comportamento, uma forma de se portar dentro da sociedade, de se colocar dentro da sociedade, que foge desse padrão, é errado. E aí a nudez incluída.

SM - E é uma coisa muito complicada por que é um dos símbolos da cultura dos nativos da América do Sul e pode-se ter uma série de porquês dessa nudez e tudo e todas estão certas e nenhuma é errada, é uma característica e tem que ser respeitada. E o que eu acho complicado, ainda por cima, é que curiosamente, está a acontecer um certo paradoxo do que eram as tendências...

TG - Eu estava lendo uma coisa até sobre uma artista plástica que depois virou antropóloga francesa que chama Lux Vidal e ela estava discutindo um pouco a questão das censuras corporais, vou ver se te passo isso também, que dá para você tirar umas ideias.

SM - Eu estava falando desse paradoxo linear histórico é que, curiosamente, a Europa que levou todo esse padrão moral e essa censura para as Américas hoje tem muito mais abertura ao diálogo e às discussões sobre o corpo, a nudez e tudo mais e o Brasil que tem nos seus povos nativos, na sua cultura nativa a

nudez como pilar tradicional, hoje é muito mais antiquado e muito mais repressor com a nudez do que a própria Europa. É uma coisa muito doida, isso.

TG - Agora é interessante você ver, não se você acompanhou um pouco também a discussão da última semana que é: colocaram roupa na Globeleza. Cara, resolveram coloca roupa na Globeleza e, na vinheta, ela dança um samba, mas ela também dança um Maracatu e tal. Então tem dois aspectos nessa tentativa da Globo: uma de tentar tirar um pouco a imagem da Globeleza nua, a reclamação que as mulheres fazem com relação a isso e da parte mais conservadora da sociedade; e outra de falar que carnaval não é só no Rio, né, então ela não só dança samba, ela também dança frevo, música baiana... Dá uma olhada no que está sendo dito sobre a Globeleza vestido que é para você ver como a sociedade brasileira está nesse momento.

SM - Mas não é curioso isso, a matriz moral conservadora hoje é mais flexível do que a outra que tinha a matriz cultural menos conservadora e é hoje conservadora. Por que o Brasil está sinistramente conservador, né?

TG - É, pega como é o carnaval na década de 80, 90, todas as mulheres de peitos de fora...

SM - Sim, era carnaval, né? No sentido do nome.

TG - Sim, mas hoje nem mais no carnaval.

SM - Então, hoje são espetáculos, não é mais carnaval. Por que carnaval é a festa da carne, é isso, o momento pagão, a liberdade pagã antes da Quaresma, o bota-fora, a saideira, botar o pé na jaca... Mas hoje até o carnaval está moralizado.

TG - Até a Globeleza, que era o último refúgio da nudez na Globo...

SM - Da sugestão de nudez.

TG - Era, ela estava sempre estava com uma pintura corporal.

SM - Então, Thiago, você não sabe, mas você é meu consultor indigenista principal, porque na minha triangulação de argumentações, eu vou trabalhar com análise de imagens e documentos, análise de casos, que eu acho que vou me resumir a esses dois casos aí (dos Botocudos com o Juca Ferreira e o das Hipermulheres) e entrevistas e diálogos com você. Pode ser?

TG - Pode, beleza, a gente vai se falando aí.

SM - E quero muito essa ajuda aí e acho que é simbólico eu estar em Portugal falando dessa questão toda. E sei lá, eu estava querendo falar dessa questão do corpo, o corpo proibido, esse moralismo...

TG - Eu lembro que você fala disso já faz um tempo, já...

SM - É, essa questão da homogeneização cultural em larga escala que as redes sociais estão fazendo. E quando rolou o estalo de eu falar “os índios, cara! Taí o ponto de convergência”. E é por aí que eu vou.

TG - Não, eu te ajudo. Estamos aí.